ALDO LAVAGNINI
(MAGISTER)

MANUAL DO MESTRE MAÇOM

TRADUÇÃO: Roger Avis

Porto Velho – RO – 2007

Dedicamos esta tradução a todos os Mestres Maçons da Grande Loja Maçônica do Estado de Rondônia (GLOMARON), esperando que este trabalho encontre guarida no coração daqueles que têm o dever de dirigir sabiamente a Maçonaria Simbólica.

R.A.

APRESENTAÇÃO

Há alguns anos, quando fui iniciado na Maçonaria rondoniense, tomei contato com as obras de Aldo Lavagnini (o "Magister").

A leitura dos trabalhos do grau de Aprendiz e Companheiro do referido autor foram para mim como fios condutores na viagem que fiz rumo a meu próprio coração. Contudo, ao chegar ao grau de mestre Maçom, percebi que não havia tradução (ou pelo menos não a havia encontrado) do presente trabalho.

Quando efetuei a leitura deste Manual em sua língua original, pude constatar algumas das razões pelas quais este livro não havia sido traduzido ao nosso vernáculo. Algumas posições polêmicas a respeito da Arte Real, e da forma com que o Maçom deve considerá-la talvez tenham sido o entrave que alguns maçons tenham encontrado para a versão do trabalho no idioma pátrio.

Contudo, sem me ater aos pontos polêmicos da obra, que cabe a cada maçom tomar conhecimento e partilhar ou não, no geral, a presente obra foi uma constatação da percepção de uma maçonaria na qual se está imbuído do mais alto e sagrado objetivo, que é o da Auto-Realização.

Christian Jacq escreve, em sua "Maçonaria – História e Iniciação", o seguinte:

> Em todas as épocas, a própria maçonaria se designou como uma "sociedade iniciática". Esta expressão nos leva imediatamente a estabelecer o conteúdo do termo 'iniciação'. Estar iniciado, na ótica dos antigos construtores, é entrar numa ordem **que se consagra ao estudo dos mistérios da vida e propõe ao homem meios de evolução espiritual**. (grifo nosso)

Portanto, você que leu estes primeiros parágrafos e chegou até aqui, o que se apresenta perante você é uma obra de conteúdo inestimável, onde o valor espiritual se sobrepõe aos valores sociológico ou até histórico.

O conteúdo iniciático da maçonaria tem sido deixado de lado muitas vezes em busca da participação social e da influência maçônica em meios políticos, sociais e econômicos, inclusive com vistas à solução de problemas que o mundo moderno trouxe à tona.

Não retirando o valor da busca de soluções práticas para o mundo moderno, em seu devido nível, os atuais maçons, por ser a maçonaria uma ordem iniciática, deveriam levar em conta que o contigente, restrito ao tempo e espaço, portanto de caráter transitório, deve estar subsumido ao espiritual, não como fato preponderante, mas como acessório deste.

Assim, muitas vezes, quando se entende que a própria maçonaria perdeu seu papel no mundo atual, verifica-se que na realidade os maçons abandonaram suas raízes iniciáticas e, ao buscarem soluções fora de seu âmbito, trouxeram para a própria

maçonaria as idéias profanas que tanto foram combatidas pelos iniciados em outras épocas.

Neste caso, como falar de influência no âmbito social se diversos "maçons" (chamados pelos Irmãos de "profanos de avental") têm sido vistos em situações pouco confortáveis diante da justiça profana ou, até, diante de sua própria família? É um primado maçônico entender que a construção do Templo Universal depende das pedras unitárias, sendo este próprio templo formado das pedras retificadas que a ordem produz. E a máxima "se queres mudar o mundo, começa por ti mesmo" não pode ser relegada.

Portanto, se diversas situações incomodam atualmente os verdadeiros maçons, ainda assim entendo que suas respostas não estão na esfera acadêmica, política ou social, mas sim nos princípios iniciáticos da nossa própria ordem, onde o esoterismo não é um feixe de fantasias esdrúxulas, sem valor prático algum, mas a própria essência do homem que, através das eras vem conformando o ensinamento imemorial às condições temporais de cada época.

Este é um livro essencial de se conhecer, ainda que com ele não se concorde (como eu mesmo, em algumas de suas partes). Mas para o buscador sincero, cujos objetivos estão além do visível e palpável, ainda que utilize estes como meios para subir até aqueles, este manual servirá como um oásis em pleno deserto materialista.

Breve explicação sobre a tradução:

Sobre a tradução informamos o seguinte:

1) A tradução foi baseada em arquivo em espanhol, acessível publicamente pela internet. O próprio arquivo original continha erros gráficos e ortográficos que buscamos corrigir na hora de vertê-lo;

2) Por não termos os originais das figuras, buscamos fazer uma correção gráfica destas nos programas atualmente disponíveis. Contudo, algumas vezes, devido à tradução, era imprescindível refazer as figuras com os termos em português;

3) As figuras que entendemos não serem possíveis tais correções, refizemo-las nós mesmos. A única figura que substituímos por outra diferente, mas similar, foi a ilustração 20, referente aos chakras. Todas as outras ou foram estritamente baseadas nas ilustrações originais (com as devidas adaptações que a tradução exige), ou são as próprias originais, escaneadas.

O Tradutor

AO MESTRE

O terceiro grau da Maçonaria, cujo significado tem agora o privilégio de conhecer e realizar, como resultado de seus esforços encaminhados à compreensão do primeiro e do segundo, é o símbolo natural da perfeição humana que se consegue por meio do esforço constante em transcender e superar as humanas debilidades e limitações.

Mestre (do latim *magister*) chama-se efetivamente, àquele que é *magis* (ou seja, mais) que outros: mais sábio e justo; maior moral, intelectual e espiritualmente; um homem superior em todos sentidos e por extensão aquele que superou o estado puramente humano da evolução e se converteu em mais que homem.

Ser mestre é, pois, algo mais que conhecer as palavras e fazer os sinais deste grau: a realização da qualidade de tal é, para o homem, a Suprema Conquista à qual pode aspirar, aquela Conquista que se acha simbolizada pelo místico raminho com o qual os mestres maçons se gabam ter travado direto conhecimento. Sua transcendência se acha demonstrada, também, pelo fato de que as palavras e sinais que são comunicados neste grau são considerados como meros substitutos das palavras e sinais reais, os quais, evidentemente, devem ser procurados e encontrados individualmente, por meio de um esforço pessoal.

A Ignorância, o Fanatismo e a Ambição que mantêm o homem num estado de inferioridade e escravidão moral têm que ser individualmente vencidos e superados, depois de havê-los reconhecido como maus companheiros no recinto interior de nosso ser, para que a verdadeira palavra (perdida por causa destes três inimigos naturais do homem) possa ser encontrada, escondida sob aquele ramo, manifestando a Força Onipotente, que somente com a qual se consegue o magistério.

Mas não é nossa intenção, nestas breves palavras que dirigimos ao irmão leitor antes de entrar na matéria, antecipar a revelação do Mistério Iniciático que se acha escondido neste grau, cuja importância se manifesta suficientemente no nome de exaltação dado à cerimônia com a qual se recebe ao candidato. Com tal revelação queremos indicar unicamente o caminho para o reconhecimento individual da Verdade. O único que tentamos agora é fazer patente o propósito deste "Manual" como o de um guia que conduzirá à compreensão do que realmente significa o Magistério, e de como temos que dirigir nossos esforços para esse intento, no qual podem se concentrar as mais profundas e vitais aspirações humanas.

Embora nossos diplomas e o reconhecimento de outros irmãos patenteiem nossa qualidade de mestres maçons, o Real Magistério da Arte não pode ser atualmente para nós mais que uma aspiração, embora sincera e profunda, à qual unicamente podemos dirigir os esforços de nossa Inteligência e Vontade. É, pois, necessário que compreendamos e saibamos para sabermos querer: Então, maturar-se-á o impulso que, com o poder do silêncio de quem conhece o "mistério do além", conduzir-nos-á ao resultado desejado.

Esta, em suas três palavras, é a fórmula da realização; cada uma destas palavras encerra e sintetiza todo um esforço, cuja efetividade produz o resultado. Em particular, o esforço de conhecer implica num longo período de estudo e meditação, que tem que compreender os sujeitos mais diferentes; por esta razão, embora toda a Maçonaria possa concentrar-se em seus três graus fundamentais ou simbólicos (e sua Doutrina já possa considerar-se encerrada e sintetizada no primeiro, pois o esforço para aprender é o que

conduz às mais elevadas realizações), e o terceiro grau justifique plenamente o atributo de "sublime", a realização perfeita do significado destes graus (como preliminar necessária para sua realização efetiva e operativa) faz inevitável a anexação de outros graus suplementares, que ajudem ao candidato para melhor compreender e realizar em seu duplo valor filosófico e operativo a mística Doutrina que se encerra simbolicamente nos primeiros.

Assim, pois, este "Manual", enquanto por um lado representa o complemento dos dois que o precedem, é igualmente, uma introdução e preparação para os sucessivos, nos quais se completará o estudo do que, ao nosso juízo, constitui a verdadeira Maçonaria.

Como os precedentes, e em harmonia com o plano que faz destes "Manuais" os tomos sucessivos de uma mesma obra, o presente se divide em quatro partes. Na primeira se estuda o significado da cerimônia de exaltação, assim como dos sinais e palavras da mesma. Como as dos dois graus precedentes, esta cerimônia é a fórmula para a realização individual do Magistério, que faz do candidato um adepto eficiente da Grande Obra.

Esta tem um duplo sentido, individual e coletivo, inseparáveis um do outro, como aspectos interior e exterior de uma mesma coisa. Em outras palavras, o que se realiza interiormente se faz potência ou Força Operativa exterior, e, por conseguinte, responsabilidade e atividade necessárias no mesmo plano, pois, como dissemos no Manual precedente, os talentos que chegamos a possuir não se fazem efetivos senão com e pelo meio do uso dos mesmos.

Por conseqüência, o serviço é a Lei Suprema da Evolução Individual, e nunca pode alguém chegar a ser verdadeiro Mestre até que não tenha compreendido o que significa. E o Serviço do Mestre tem que se distinguir pela qualidade fundamental do Amor que caracteriza este grau, no qual não se deve procurar um salário exterior ou interior (como nos precedentes graus), por constituir este uma identidade com aquele: o mesmo Serviço e o Amor que nele se expressam têm que ser o salário do Mestre.

A segunda parte examina os símbolos e conceitos iniciáticos próprios deste grau, relacionados respectivamente com os números sete, oito e nove, mediante os quais se chega à compreensão da década; e, além disso, com a Retórica, a Música e a Astronomia; a terceira do *trivium* e as duas últimas do *quadrivium* que, como as precedentes, têm para o iniciado um sentido íntimo diferente de seu sentido profano, por se desenvolver numa nova dimensão.

A terceira parte se ocupa da necessária aplicação moral e operativa que deve se fazer dos símbolos, instrumentos e conhecimentos que se relacionam com este grau, cuja realização individual torna-o de fato Mestre Maçom e lhe confere a efetividade dos direitos e privilégios que se acham implícitos neste grau e que são a conseqüência de uma justa e perfeita observância dos correspondentes deveres.

Finalmente, na quarta se examina o futuro que está destinado a nossa Instituição, como resultado natural de seu passado, atualmente operativo. Responde-se assim (pelo que se relaciona à Sociedade) à terceira pergunta da Esfinge, que especialmente se refere a este grau, e cuja justa resposta individual consagra como tal o perfeito Mestre Maçom.

Estamos seguros de que nossos esforços em dar a conhecer aos Maçons a essência real de nossa augusta e gloriosa instituição não deixarão de produzir, com a cooperação indistintamente de todos os que nos leiam, o resultado que mais ambicionamos: uma melhor compreensão e realização do Plano do Grande. Arquiteto

com relação a nossa Ordem, a cujo plano todos temos o privilégio e o dever de cooperar.

A unificação maçônica, à qual especialmente hão de se dirigir os esforços dos Mestres, apenas pode ser o resultado natural e inevitável de uma melhor compreensão do que é na realidade nossa Ordem, assim como de sua unidade indivisível; o resultado dos esforços de todos os que com boa vontade se propõem e fazem conforme o melhor possível, obra maçônica. Fazendo, cada qual na Loja e Organização Maçônica à qual pertence, uma Obra inspirada por sua mais elevada compreensão dos Fins, Ideais e Propósitos da Instituição, a Maçonaria progredirá efetivamente acima de suas atuais divisões externas, inevitáveis até que a Maçonaria permaneça principalmente polarizada no exterior. Compreendendo, igualmente, cada maçom o esforço de outros em realizar um mesmo plano, cessará todo motivo de divisão, tanto quanto toda arbitrária distinção de regularidade e, num espírito de Compreensão, Tolerância e sincera Fraternidade serão vencidos e desterrados os três inimigos simbólicos de nossa Instituição.

Trabalhemos, pois, com aquele Amor, com o qual se complementam a Alegria, o Ardor e a Liberdade do Companheiro, e nos faremos dignos de nossa qualidade de Mestres Maçons, recebendo na obra o salário que nos compete.

Ilustração 1

PRIMEIRA PARTE

A EXALTAÇÃO AO MAGISTÉRIO

Poucas cerimônias podem oferecer, com igual simplicidade, um aspecto tão trágico e um significado tão sublime como esta com a qual se recebe o Companheiro na Câmara dos Mestres.

Sua primeira acolhida é, pois, justamente o contrário do que este esperava a princípio, como prêmio de seus esforços: é introduzido brutalmente nesta Câmara, sob a acusação de um crime misterioso que acaba de ser cometido, do qual não pode compreender nem a natureza nem a razão. É submetido a um interrogatório severo, que só lhe revela as suspeitas que pesam sobre ele, suspeitas que não dissipam inteiramente a brancura de suas mãos e de seu avental. É feito passar, como prova decisiva, sobre o mesmo cadáver, para ter a segurança de que seus pés não vacilem no ato.

E, finalmente, sucede o mesmo protagonista da tragédia, sucumbindo por sua vez sob os golpes dos assassinos simbólicos, tomando o mesmo lugar do cadáver com o qual tem que se identificar, como os antigos iniciados nos Mistérios do Osíris, recebendo a participação da dor de todos os presentes.

Esta morte ou queda simbólica em poder das forças que personificam a causa do mal, é a preliminar necessária o para a sucessiva anagogia ou ressurreição que espera o iniciado em sua exaltação, seu perfeito "renascimento" na consciência do Real que é Vida Eterna, Imortal e Permanente.

Não se alcança, pois, o Magistério da Arte Real sem passar pela morte (e por todas as condições e circunstâncias análogas da vida) com pé firme e seguro, que tenha o poder de superá-la, como as demais ilusões das quais são escravos os homens. Pois quando cessa o temor das coisas, cessa também nossa crença em seu poder, e, em conseqüência, seu mesmo poder sobre nós e sobre nossa existência. Então cessamos de ser escravos delas.

Examinemos agora as diferentes etapas preliminares desta regeneração ou renascimento individual, segundo nos apresentam nesta cerimônia, que têm o poder de nos conduzir efetivamente ao Magistério, uma vez que as saibamos realizar, como complemento das que aprendemos nos graus anteriores.

A ACUSAÇÃO

A acusação que leva o companheiro ante o umbral da Terceira Câmara (acusação que se refere a um crime ainda desconhecido para ele) é o primeiro elemento que se apresenta a nossa consideração.

Outros Mestres o recebem primeiro como juizes inexoráveis de sua conduta e de suas intenções: um julgamento semelhante ao de Anúbis, naquele Ritual Iniciático egípcio que se chama o "Livro dos Mortos". Suas boas e más ações passadas e sua conduta e intenções presentes têm que ser pesadas com toda eqüidade e justiça, pois com estas se tratam de amortecer aquelas, para preparar-se dignamente ao futuro que o espera.

Ilustração 2

Sua consciência, o avental cuja brancura se examina primeiro, antes de admiti-lo, tem que ser limpo e sem mancha (todos devem convencer-se disso) e suas mãos, símbolos do pensamento e da vontade que concorrem na ação, têm que ser igualmente puras e limpas, para que se tornem instrumentos de um Poder transcendente que o fará superior a outros aprendizes e companheiros.

A Ignorância, o Fanatismo e a Ambição têm que cessar de obscurecer a claridade de sua manifestação exterior (a pele de cordeiro, emblema de inocência que lhe serve de avental), assim como sua mente e seus desejos: os três devem ter-se purificado no constante trabalho dos dois graus anteriores, como preliminar necessária à admissão num estado de realização mais elevado.

Obtida esta dupla asseveração, franqueia-se-lhe o ingresso na Câmara dos Mestres, por meio da palavra de passe que ele não conhece ainda, pois não chegou ao Magistério da Arte da Sublimação dos Metais, à qual se refere, e tampouco passou por aquela morte simbólica, que igualmente a indica.

A RETROGRADAÇÃO

Entretanto, como agora tem que completar a retrogradação que caracterizou sua quinta viagem de Companheiro, para chegar novamente ao umbral de sua recepção como Aprendiz, esta palavra, que representa uma nova passe ao contrário, do segundo ao primeiro grau, pede-se-lhe, depois de havê-lo despojado do avental, que se lhe deu ao final das três primeiras viagens de sua iniciação.

Efetivamente, em sua quinta viagem, contemplando a Estrela Flamígera que brilha ao ocidente (à semelhança da rosácea que se acha sobre as catedrais, que iluminam os raios do sol quando declina), o Companheiro faz ao contrário o percurso da Quarta Viagem, na qual o esquadro do julgamento se juntara à retidão de suas aspirações.

Agora tem que realizar, igualmente ao contrário, as três primeiras viagens simbólicas das provas do Fogo, da Água e do Ar, depois das quais se lhe permitiu ver a luz da Verdade, que unicamente brilha sobre o Caminho da Virtude. Procedendo novamente, do reconhecimento da Primeira à prática da Segunda (movimento dos pés esquerdos e direito), fixa ainda seu olhar sobre a Estrela que reflete à mesma Verdade em sua inteligência e em seu coração guiado pela ponta da espada (emblema da Voz silenciosa da consciência) franqueia a Porta do Templo com movimento retrógrado, quer dizer, ao reverso de como o fez de aprendiz.

As palavras graves que saem da escuridão em que ainda se encontra, para lhe perguntar se realmente é inocente do crime que acaba de ser cometido, reproduzem em nova forma o simbolismo do cálice de amargura que, assim como antes tinha que preceder às viagens ou estados de progresso, agora segue à retrogradação que os representa.

Esta amargura não poderia ser mais bem representada que pela atmosfera de "luto e consternação" que reina na Terceira Câmara, que, entretanto, é, sobretudo, uma emblemática reprodução do Quarto de Reflexão.

Convidado a tornar a sentar-se, o símbolo da morte se faz novamente patente diante de seus olhos, enquanto o interrogatório ao que se o submete recorda seu primeiro testamento iniciático, e também o interrogatório complementar que é feito ao recipiendário, antes de ser levado para se realizarem as viagens.

A CÂMARA DO MEIO

Como o sol se ocultou na região tenebrosa do Ocidente e também desapareceu a Estrela vespertina que iluminou sua retrogradação, na noite que agora o rodeia, os olhares do candidato têm que se dirigir novamente até o Oriente na busca de um signo precursor da Nova Luz do Dia.

Aqui a única luz é a que projeta uma caveira (imagem das sombras de além-túmulo) que se dirige sobre o macabro corpo do crime, que ocupa o lugar da Ara.

Esta é a câmara do meio, o Centro Oculto da Vida, escondido nas sombras da matéria, à qual não se chega senão passando pela morte, ou seja, enfrentando-se sem temor com os fantasmas do além.

É esta câmara uma reprodução amplificada, mais trágica e sombria, do mesmo quarto de reflexão, a íntima câmara da consciência, o lugar secreto do coração, no qual havia sido deixado em completa solidão, antes de ser admitido nas sucessivas provas da iniciação. Aqui também é apresentado o símbolo da morte, entre os dois Princípios da Vida: o Enxofre e o Sal, representados pelas duas colunas que se encontram em seus dois lados, para que realize seu próprio mercúrio filosófico individual.

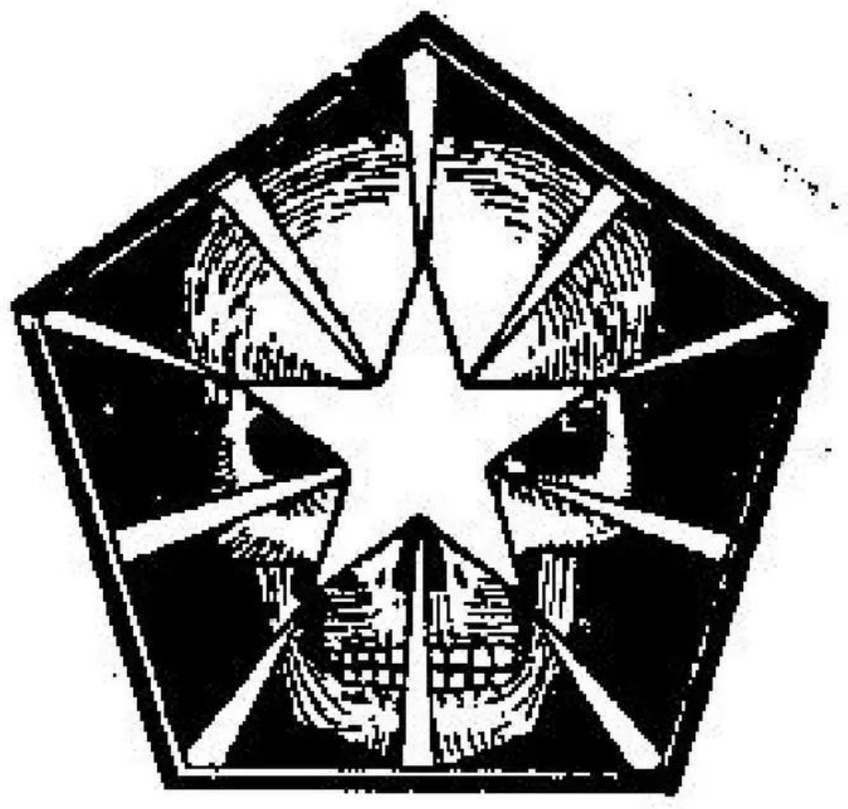

Ilustração 3
A luz que ilumina a Câmara do Meio

Outra vez se encontra numa gruta obscura (o antro de Mitra) e tem que visitar o interior da terra, quer dizer, penetrar dentro da aparência exterior das coisas e de si mesmo, reconhecendo a Vida Eterna e Imortal do Ser Individual, na morte aparente de sua personalidade.

Mas esta vez tem que penetrar mais para dentro, mais íntima e profundamente, no lugar secreto no qual se esconde a Realidade Verdadeira do universo e de seu próprio ser: tem que encontrar o Sol da Vida em meio da noite da Escuridão e da Morte.

Aqui tem que ser exercido seu sexto sentido (o discernimento) que constitui a Luz Interior de seu ser: aquela luz que só pode vir do centro de seu próprio crânio, aonde tem seu assento dita qualidade, única que pode guiá-lo nas trevas dos sentidos, projetando sua luz entre as sombras da matéria, na máscara da Vida, representada pelo cadáver com o qual se enfrenta.

O MISTÉRIO DA VIDA E DA MORTE

Por esta razão, as perguntas que lhe são feitas estão sintonizadas com o Mistério em cujo meio se encontra, referindo-se aos problemas que têm relação com a vida e com a morte.

O símbolo deste terceiro grau é, pois, em sua essência, a mesma alegoria dos Mistérios Maiores da Antigüidade, que se seguiam aos Mistérios Menores, representados pelos dois primeiros graus maçônicos. Aqui, tal como lá, o recipiendário tem que primeiro ser espectador e logo protagonista de um drama que acaba com sua simbólica morte, à qual segue uma igualmente emblemática ressurreição ou "levantamento", que realiza sua exaltação.

Antes do drama é, pois, oportuno que o candidato expresse suas próprias idéias sobre a vida e a morte que o levam a reconhecer a diferença entre personalidade e individualidade, e como a morte daquela conduz à exaltação desta. Em relação com este problema fundamental, far-lhe-ão outras perguntas de ordem prática sobre o direito de matar e a verdadeira natureza da solidariedade maçônica, que nasce do reconhecimento de que tal direito em nenhum caso pode inteiramente ser justificado.

O que é a vida? O que é a morte?

Só o Iniciado na Realidade, só quem sabe penetrá-la com a Luz Interior e o olho do discernimento, pode responder satisfatoriamente por si mesmo a estas duas perguntas que constituem um mistério profundo, impenetrável e pavoroso para os profanos, para cujo real entendimento de nada servem os postulados e dogmas das diferentes escola científicas, filosóficas e religiosas.

A Vida é, pois, algo que se manifesta de dentro para fora, e que não de outra maneira pode, por conseguinte, reconhecer-se em sua íntima essência e profunda Casualidade, senão passando por meio da inteligência do exterior ao interior, e se nos fazendo desta maneira, individualmente clara a Realidade Invisível que se esconde e expressa na aparência visível, numa obra de incessante construção que origina todas as formas e substâncias orgânicas, estudadas pela Biologia.

Quando se sabe o que é a Vida, considera-se à Morte como uma cessação aparente, que é realmente uma mudança na manifestação exterior daquela, que nunca cessa, que nunca teve princípio e, sendo eterna, é imortal e indestrutível até na forma ou

matéria em que se manifesta, pois esta segue sendo veículo e instrumento para novas infinitas expressões externas da Vida Interior.

Conhecendo-se esta Verdade e realizando-se no íntimo do coração sua mais profunda significação, fica-se libertado para sempre do temor da morte; dado que a visão da Vida, como realmente é em essência, acende uma tocha ante a qual desaparecem e fogem as sombras e os fantasmas do além. Assim, o Iniciado responde à pergunta "Onde vamos?", que a todos, indistintamente, apresenta-nos a mística Esfinge de nossa vida exterior, cuja acertada resposta individual realiza o objetivo real dos Grandes Mistérios: a Conquista da Imortalidade.

PERSONALIDADE E INDIVIDUALIDADE

O discernimento entre as duas polaridades do ser humano, que se distinguem com o nome de Individualidade e Personalidade, faz-se necessário para esse objeto.

"Personalidade" (do latim pessoa) significou originariamente "máscara", sendo, por conseguinte, a máscara ou aparência de que se cobre nossa Vida Interior em sua manifestação. É, em outras palavras, nosso ser físico-psíquico que constitui se do Homem Mortal e da Mente Objetiva, na qual se nos manifesta a realidade física e se cristalizam nossas crenças, enganos e preconceitos, assim como os veículos ou meios exteriores dos quais se serve, constituindo seus corpos astral e físico.

Esta parte mais material de nosso ser, esta sua casca ou envoltório, nasce, morre e se regenera, reproduzindo-se em formas semelhantes. Estas variações e reproduções constituem o Mistério da Geração com o qual se tem que enfrentar o Companheiro para conhecer o significado da letra G, que está na raiz de todas as manifestações da vida.

A "Individualidade" é algo muito distinto, por ser o princípio indivisível de nosso ser e da universalidade da vida: é, pois, o que há em nós de Eterno, Permanente e Imortal, o que persiste através de todas as mudanças exteriores da personalidade, sem que estes possam afetá-la. O reconhecimento individual, ou consciência íntima, acompanhado por uma absoluta certeza, de sua Realidade, é o que constitui ao verdadeiro Mestre, assim que confere e faz efetiva a Imortalidade.

Morrer para a ilusão da personalidade e renascer à Luz da Realidade que constitui nossa Vida Individual e nosso mais verdadeiro ser: eis aqui em poucas palavras a tarefa que realmente compete ao recipiendário, quem, na Câmara do Meio de sua própria consciência, acha-se defronte ao Mistério da Vida e da Morte.

NOSSO DEVER PARA COM A VIDA

O reconhecimento da unidade indivisível da Vida Universal põe o discernimento individual do Iniciado frente ao problema do "direito de matar" e lhe faz reconhecer a fundamental ilusão de tal direito, que pode sair unicamente das sombras da Ignorância, do Fanatismo e da Ambição, causa de todos os crimes e da própria morte em seus diferentes aspectos. Na ignorância, pois, resumem-se todas as ilusões que o Iniciado tem que vencer com a Luz da Realidade; no fanatismo todas as paixões que deve dominar e transmutar; e na ambição todos os egoísmos que têm que ser superados com o Amor: a primeira vitória se refere à prova do ar, a segunda à prova da água e a terceira constitui a verdadeira prova do fogo.

Se a Vida for Una, matando qualquer uma de suas expressões exteriores, matamos a nós mesmos, sendo todo Caim irmão, exteriormente e idêntico interiormente, daquele Abel[1], sobre o qual tenha levantado sua mão. Este crime originário é, pois, conseqüência do pecado original, que é a ilusão, simbolizada pela Ignorância, que atrai para si, como companheiros naturais, o Fanatismo e a Ambição.

O direito de matar nunca existe para o Iniciado, quem tem que se sobrepor a suas causas, vencendo todo engano e preconceito, fazendo-se imune a toda paixão ou fanatismo sectário (religioso ou anarquista), e superando toda ambição ou desejo naturalmente egoísta.

Assim realiza seu dever de solidariedade para com todos os seres indistintamente, para com todas as manifestações da vida, e responde satisfatoriamente às três perguntas de seu testamento como Aprendiz, que constituem seu Programa Iniciático, pondo em prática o Grande Mandamento:

"Ama ao Princípio Universal da Vida com todo seu coração e a seu próximo como a ti mesmo".

O PODER DO AMOR

O Poder do Amor é, pois, a Chave de todos os poderes do Magistério: o Amor que se expressa e tem que se expressar em crescente capacidade de dar. Unicamente "esforçando-se em dar" o que se tem, sabe e é, ascenderá os dois degraus que o separam do estado de Companheiro ao de Mestre.

Com objetivo de "dar", convida-se-lhe a fazer outras duas viagens que se juntam às cinco de Companheiro para completar o místico número sete, que terminam perto do Segundo e do Primeiro Vigilante, aos quais brinda, respectivamente, as Palavras de Aprendiz e Companheiro. Nestas duas viagens também se sintetizam e se revisam as provas, esforços e progressos realizados durante sua passagem através dos dois primeiros graus.

Começa assim para ele uma nova etapa evolutiva depois regresso que o havia conduzido outra vez, no Quarto de Reflexão, frente às aparências emblemáticas da morte, dos Princípios da Vida e de seu próprio testamento iniciático.

A palavra de aprendiz que se lhe pede o Segundo Vigilante é a nova fé que renasce em seu coração, depois de se haver enfrentado com o Grande Mistério, à luz de seu discernimento individual. A palavra de companheiro que se lhe exige o Primeiro [Vigilante] é igualmente a manifestação da esperança, que é como a Estrela Matutina que ilumina sua senda, permitindo-lhe progredir.

Acha-se assim em condição de cumprir uma terceira viagem misteriosa, que o fará "passar por sobre a morte" e o conduzirá a viver realmente, em vez de ser simples testemunha, como protagonista, o drama simbólico, que constitui o sujeito central do

---

[1] Caim e Abel correspondem simbolicamente aos dois irmãos Asvini da tradição ária, os dois gêmeos Castor e Pólux, filho de homem o primeiro (e por conseguinte mortal) e de Deus o segundo (imortal), ou seja, a Personalidade e Individualidade do homem, sempre associadas a uma à outra e inseparáveis para sua mais plena, completa e perfeita expressão. No mito bíblico, a lenda iniciática se acha subdividida nas duas histórias paralelas e inversas, de "Caim e Abel" e de "Esaú e Jacó", onde o homem da terra mata primeiro a seu irmão celestial; depois, [na segunda história] este [o homem celestial] consegue adquirir novamente o direito de precedência que divinamente lhe corresponde, mas que humanamente não se lhe quer reconhecer.

Terceiro Grau. Mas, antes lhe pergunta se está disposto a atravessar "o negro tártaro" dos mistérios do além para poder gozar da "Paz do Olimpo", que nada terá o poder de turbar, demonstrando assim aos presentes, com a tranqüila e serena segurança de sua marcha, que se acha imune de toda cumplicidade no crime que se lhe imputou, ao ingressar na Terceira Câmara, por haver "voltado", em virtude de seu discernimento espiritual, ao estado edênico primitivo de inocência[2], livrando-se do Pecado Original da Ilusão.

A "MARCHA MISTERIOSA" DOS MESTRES

A terceira viagem, do Ocidente ao Oriente, tem que se cumprir, pois, por um novo e mais reto caminho, desconhecido nos primeiros dois graus, ou seja, por meio da marcha misteriosa dos Mestres, que lhe faz ingressar na qualidade destes passando por cima do túmulo com o qual se enfrentou e ficando ao oriente, frente da Ara, depois de duas etapas que o conduziram para o Sul e para o Norte.

Esta passagem por um caminho estritamente interditado aos Aprendizes e Companheiros, por representar o *Sancta Sanctorum*, ou o verdadeiro Templo, imagem do Templo Salomônico, frente ao qual se encontram as duas Colunas (dentro do Templo Alegórico do Universo e do Homem, indicado pela Loja nos dois graus), é em si emblemático. Materializa-se, pois, com esse ingresso, a passe pela câmara do meio, que se encontra igualmente no Universo e no homem, e simboliza o sacrário íntimo da consciência, no qual se realiza a unidade de Um com o outro.

Assim como acontece com os dois estados, positivo e negativo, da consciência, o prazer e a dor, a expansão e a contração, produzidos pelos dois Princípios do Bem e do Mal (uma das acepções das duas colunas), este lugar central se encontra pavimentado de quadrados brancos e negros, dispostos alternativamente, como num tabuleiro de xadrez, representando a unidade e continuidade dos opostos. Como sobre o tabuleiro do xadrez, aqui se jogam todas as grandes partidas da vida, e as vitórias sorriem mais facilmente a quem sabe conservar-se mais desapaixonado e sereno.

Para chegar ao Magistério terá que saber passar e permanecer, com pé igualmente firme, sem vacilar ou se deixar impressionar, por estes dois estados opostos da consciência, até converter-se em dono soberano e absoluto dos mesmos. Terá que se sobrepor por completo a estas duas condições contrárias de nosso ser interior, resistindo e superando os impulsos que nos fazem vítimas passivas de um ou do outro.

Em outras palavras, o conhecimento do bem e do mal, que se efetua por meio do Poder Enganador da Ilusão (simbolizado na serpente bíblica que conduz o homem ao pecado, vítima e conseqüência dessa mesma ilusão enquanto o homem fica de fora de tal conhecimento) tem que fazer-se de uma maneira diferente para o Iniciado que aspira ao Magistério (que é domínio completo da Natureza Interior como Exterior), ingressando no centro de tal Poder da Ilusão e vencendo-o e superando-o com o discernimento da Única Realidade.

Reconhecemos assim que existe uma só Realidade, e que esta é o Bem; enquanto tudo o que é chamado mal é produto e conseqüência da própria ilusão. A consciência do mal fica desta forma vencida e desterrada para sempre, e com a mesma seu poder sobre o homem, sua raiz interior, dentro de seu ser, que é causa da manifestação física.

---

[2] Em grego *akakia*, conforme se verá mais adiante.

Assim fica limpo o coração do pecado original, e havendo-se restituído intelectualmente, por seu conhecimento da Verdade, ao primitivo estado de inocência (e de toda cumplicidade nos crimes ocasionados pela Ignorância, pelo Fanatismo e pela Ambição, que têm sua origem neste pecado), pode dignamente aspirar ao Magistério.

Este reconhecimento se faz em três etapas diferentes, que repetem outra vez as três viagens do Aprendiz e as três simbólicas provas do Ar, da Água e do Fogo.

Na primeira etapa tem que se vencer a Ignorância, partindo do Ocidente (a região da aparência, dominada pelo dualismo que representam as duas colunas, simbólicas dos dois princípios opostos e complementares) e parando ao sul, quer dizer, num estado de consciência esclarecido pela Luz da Verdade.

Na segunda dominará o Fanatismo, paixão que faz do homem um escravo mais ou menos inconsciente de sua própria emotividade. É, pois, necessário partir aqui da cálida região do Sul, dominada ainda pelas paixões, e parar ante o julgamento severo da mente, que se encontra ao oriente, do lado Norte, que caracteriza este domínio que o homem adquire e realiza sobre si mesmo.

Finalmente, a terceira etapa (partindo do Norte e parando no oriente, ao término do quadrilátero de quadrados brancos e negros) mostra a purificação completa de todo egoísmo ou ambição, e da mesma frieza implícita no domínio realizado sobre as paixões, chegando à plena Consciência da Unidade do Ser, que reside no Oriente, origem da Vida e primeiro manancial e eterno de suas diferentes manifestações.

Microcosmicamente a marcha se efetua, com um sentido análogo, da cabeça do cadáver simbólico (vitória sobre a Ignorância, com o conhecimento da Realidade) ao peito e braço direito (domínio do Fanatismo e dos impulsos que provêm do coração), e dali, passando pelo ventre, para se passar do lado da perna esquerda (domínio dos instintos e da Ambição que busca sua satisfação).

Seus pés juntos, formando um esquadro oblíquo, estão agora diante dos pés do morto, indicando que, identificando-se com este, está destinado a tomar seu lugar, para poder nele renascer a uma nova vida, alcançando, por meio de sua ressurreição espiritual, aquele grau de maior perfeição que resulta deste processo de palingenesia ou regeneração.

AS SETE OBRIGAÇÕES

Mas antes que isto possa acontecer, o recipiendário deve selar, com os dois joelhos juntos diante da Ara, como símbolo de extrema humilhação que o predispõe à suprema exaltação, com um novo juramento, seus novos propósitos e disposições altruístas.

A primeira das obrigações que o futuro Mestre tem que reconhecer, para ser digno deste título, é a do segredo sobre o simbolismo do grau, com respeito a todo profano e também a todo maçom que não tenha obtido legalmente esse grau numa Loja de Mestres.

A segunda é a de obedecer às "leis e regras da Ordem". Com estas Leis e Regras têm que se entender principalmente as que não estão escritas, formando o *Corpus* tradicional da Instituição, do qual todo Mestre Maçom tem o dever de se fazer fiel intérprete e depositário, devendo iniciaticamente se considerar como secundária em importância a acrescentada petição de obediência a particulares Estatutos e Regulamentos.

A terceira se refere ao dever da discrição, que o Mestre Maçom tem que praticar com Amor e Benevolência, evitando relatar qualquer coisa que possa comprometer, delatar ou prejudicar a um irmão, "guardando os segredos dos irmãos como se fossem próprios".

As duas obrigações que seguem se referem à fraternidade, que é o primeiro dever de todos os Mestres Maçons, em seus dois aspectos negativo e positivo. Não deve falar mal de nenhum irmão, nem escutar a quem o faça, senão sempre defendê-lo; não deve atentar à honra de suas famílias, senão, igualmente, as defender quando for necessário; deve amparar e socorrer a todo M:.M:. "errante, necessitado ou perseguido", e socorrer igualmente a suas viúvas e órfãos. Finalmente, deve acudir à chamada de qualquer M:.M:. que faça o sinal de socorro, embora tenha que arriscar sua própria vida ou sua posição.

A sexta é o dever de esforçar-se para fazer efetivo, com o domínio de si mesmo e da atividade em Bem da Ordem, o Magistério efetivo da Arte.

Assim que à sétima, sela e confirma definitivamente sua qualidade de Membro da Ordem, da qual promete ser para sempre "um adepto fiel", trabalhando com todas suas forças para seu engrandecimento e dignidade.

Como para os dois graus precedentes, também aqui há um castigo simbólico, ao qual voluntariamente se submete quem faltar ao juramento: partir o corpo em duas partes arrancando e queimando as vísceras e jogando no vento suas cinzas.

Esta divisão do corpo em duas partes, preliminar de sua decomposição em distintos pedaços, como a que se efetua por parte de Tifão, o simbólico gênio do mal, sobre o corpo do Osíris, é característica da divisão ou completa separação entre as duas partes ou polaridades, Superior e Inferior, (ou seja oriental e ocidental), da natureza humana, que são respectivamente a Individualidade (o Mestre interno ou Ego Superior, imortal e divino) e a Personalidade (seu companheiro ou Ego Inferior): o ternário Consciência / Inteligência / Vontade (representadas, respectivamente, pelo peito, pela cabeça e pelos braços) e sua expressão exterior por meio dos instintos (representados pelas vísceras), que, conforme sejam dominados ou dominem ao homem, contribuem para sustentar e elevar o templo de sua vida individual, ou para destruí-lo.

A parte instintiva do homem tem que ser, pois, "arrojada e queimada" toda vez que não se consiga dominá-la, já que se converte em obstáculo para seu progresso ou exaltação.

Por esta razão, quem não consegue a regeneração individual (espiritual e física) simbolizada no Magistério, acha-se sujeito à morte e à necessária reencarnação, arrancando-se e queimando-se com esta separação (cada vez que alguém desencarna) aos instintos que constituem a personalidade, ao "homem mortal".

A LENDA DO GRAU

A lenda ou "legado" deste grau (o testamento filosófico que cada Mestre Maçom recebe com o grau e do qual se faz, por meio de sua recepção, fiel depositário) é a adaptação histórica de um relato simbólico; o disfarce, sob uma nova forma, mais adaptada ao espírito dos tempos, de relatos, mitos e lendas iniciáticas anteriores, com os mesmos elementos alegóricos e a mesma significação fundamental.

A transmissão da verdade por meio de alegorias e lendas simbólicas é, pois, um costume iniciático que se remonta à mais longínqua Antigüidade, à qual se sujeitaram

constantemente os Sábios e Iniciados de todos os países. Apresentando a Verdade sob a forma de um conto mítico ou histórico, ou participando de ambas as qualidades, temos a vantagem de que este conto pode ser irradiado mais facilmente e conservar-se em sua essência fundamental, através de todas as idades e mudanças que se verificam nos povos e nos idiomas.

Enquanto um conto ou relato apoiado ou enquadrado em acontecimentos ou personagens históricos, aprende-se, repete-se e se recorda. com facilidade e suficiente fidelidade, independentemente do grau individual de compreensão de seu significado simbólico (mesmo que a existência de tal significado não seja nem longinquamente imaginada) não aconteceria o mesmo com a pura e direta exposição filosófica da Verdade que se encerra e quer revelar-se por meio de tal conto.

Quando, pois, comunica-se ou se revela uma determinada Verdade, a possibilidade de sua fiel transmissão é, ao contrário, muito limitada, dado que estriba primeiro numa clara e perfeita compreensão da mesma por parte de todos os elos que servem para esta transmissão. Quando for tal compreensão ofuscada e deficiente num só desses elos, a cadeia se rompe e se faz mais difícil reatá-la. Esta é a razão pela qual os puros ensinos espirituais e filosóficos estão facilmente sujeitos a se degenerarem com o tempo, toda vez que não sejam escritos por genuínos intérpretes, e que estes escritos ou que tais escritos sejam destruídos e alterados.

Além disso, algumas vezes, a clara revelação de uma verdade pode ser perigosa tanto por quem a expressa como por quem a recebe, em proporção de sua compreensão, não somente quando esta compreensão seja deficiente, de maneira que a dita Verdade só seja entendida pela metade, mas também quando a mente e os propósitos da pessoa não sejam suficientemente puros, e até procure tirar o maior proveito de tal conhecimento. Porque uma pessoa animada por más intenções é mais perigosa para seus semelhantes quanto mais sabe; e, além disso, sempre e em qualquer lugar há ignorantes, fanáticos e ambiciosos preparados para lapidar, crucificar ou suprimir de outra maneira a quem seja reconhecido como anunciador ou promulgador de verdades que eles não compreendem ou que consideram perigosas para seus interesses.

A mesma lenda do grau, assim como os usos rituais maçônicos, ensinam-nos que a verdadeira palavra (como símbolo da mesma Verdade e de sua compreensão mais profunda) só pode "sussurrar-se ao ouvido" aos que tenham dado provas da pureza de suas intenções, chegando ao "grau de compreensão" que se necessita, por meio do estudo, da reflexão e da meditação, sem os quais de nada serviria, quando não fora perigosa sua revelação prematura.

Por outro lado, da mesma forma que os outros símbolos geométricos e figurativos, uma lenda simbólica tem a imensa vantagem de se fazer facilmente receptáculo e ponto de apoio, não só de uma, mas também de muitas (poderíamos dizer infinitas) revelações da Verdade, sendo cada revelação especialmente adaptada e vital para a pessoa que a intui ou a descobre.

Seu caráter enigmático e a importância que se lhe atribui, sobretudo quando se dramatiza numa cerimônia, fazem de uma lenda religiosa ou iniciática um poderoso estímulo para a imaginação primeiro (que contribui com vitalizá-la); em seguida, para a reflexão e as faculdades racionais da inteligência e, finalmente, para a intuição que se exerce sobre a mesma, junto com as demais faculdades, que assim se desenvolvem e trabalham conjuntamente na busca da Verdade. Em outras palavras, dá-se, por meio da lenda, a primeira letra, para que seja individualmente encontrada a segunda.

A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

O motivo fundamental da Lenda é a construção do templo; quer dizer, a elevação dos esforços para um fim espiritual ou ideal.

O Templo em si é a reunião destes esforços, aspirações e finalidades comuns, que tendem à Verdade e à Virtude, com as quais unicamente se consegue a paz e a dignificação do Espírito. Por esta razão se escolheu como modelo o Templo de Salomão, sendo este último nome símbolo das qualidades interiores da alma, ou do estado de consciência que se consegue por meio de ditos esforços.

Também o nome de "Jerusalém", o lugar ou condição interior de reverência sagrada, é alegórico de sua qualidade.

Dada a universalidade destes esforços e aspirações, e por conseguinte da obra unitária e unitiva que os realiza, o Templo se estende do Oriente ao Ocidente e do Norte ao Sul, sendo seu objeto reunir os homens "livres e de bons costumes" de todas as crenças, religiões e nações.

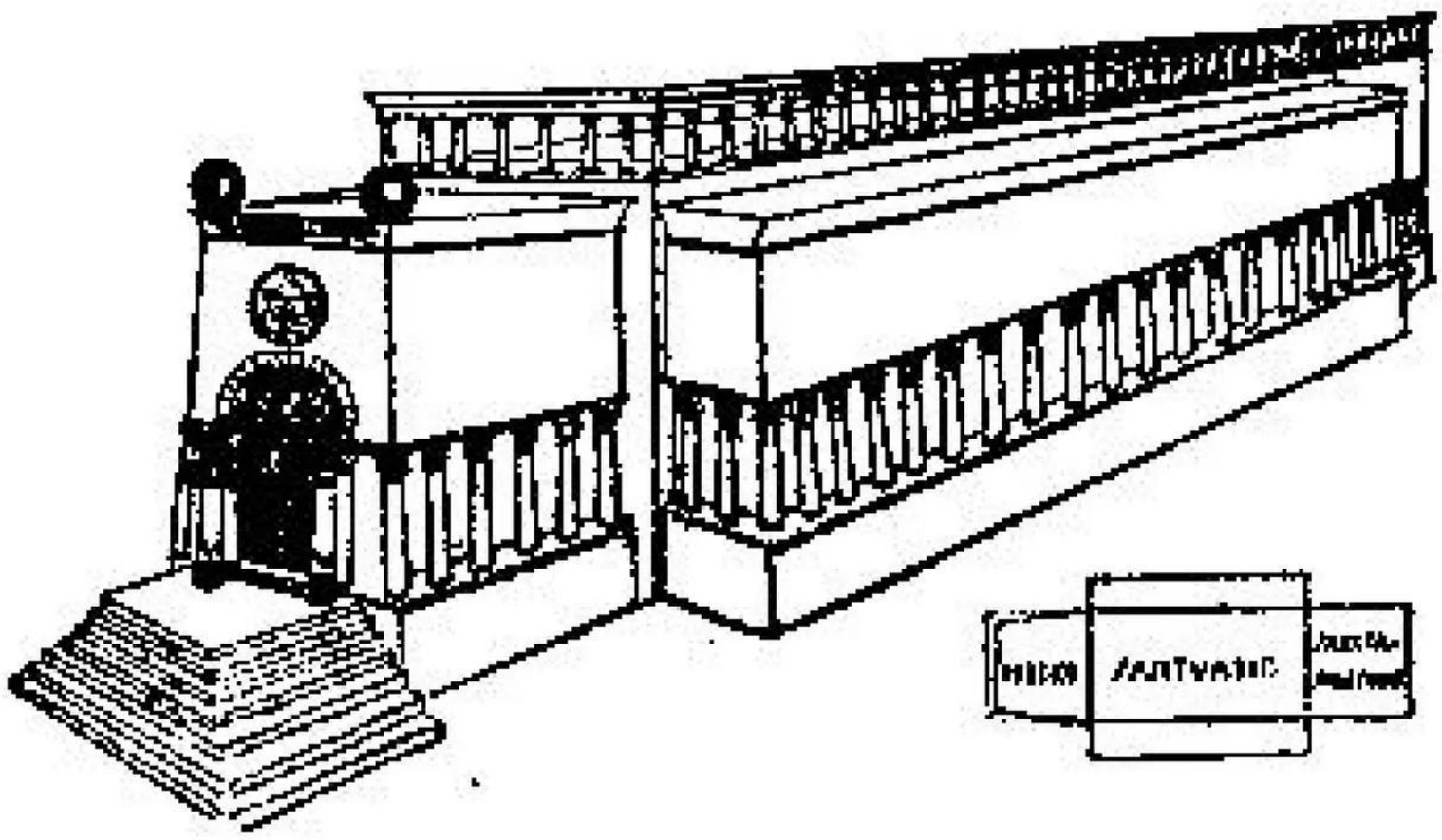

Ilustração 4

Como podemos imaginar o Templo salomônico

Assim, pois, indivíduos de diferentes povos, diferentes cultos e nações diferentes se encontram entre os operários chamados para dar uma única forma exterior à Obra Universal, que tem que ser realizada em todos os tempos e em diferentes lugares.

Concebido pela Sabedoria Espiritual, que Salomão simboliza, o Templo se levanta para a Glória, (ou seja, a mais perfeita expressão) do Grande Arquiteto do Universo, sendo dedicado para manifestar seus planos evolutivos para o mundo, os que incluem o Progresso de todos os seres, de todo povo e nação.

Quem compreende estes planos e se esforça em realizá-los por meio da elevação de sua própria vida, dedicada constantemente ao bem de outros, faz-se "Arquiteto" da obra. Assim o operário tírio Hiram (nome que significa “vida elevada”), filho de uma "viúva" da tribo de Neftali (na qual se reconheceu a Natureza, Mãe Universal de todos os seres), perito em todo gênero de obras e chamado por deferência Abiff (que quer dizer, "pai meu"), é enviado e recomendado por Hiram, rei de Tiro, a Salomão, e esse

designado por este arquiteto e chefe supremo dos operários, reunidos para a construção do Templo.

Os operários vindos de todas as partes do mundo (no espírito de paz, dedicação e reverência que se acha simbolizado no nome místico de Jerusalém), tinham diferentes graus de capacidade e diferentes talentos individuais.

Era, pois, necessário dividi-los segundo suas particulares capacidades, para poder aproveitar a melhor obra de cada um. Por conseguinte, Hiram, homem justo e eqüitativo, constante modelo de retidão e benevolência para outros e entendido em toda classe de obras, repartiu-os nas três categorias de aprendizes, companheiros e mestres, e deu a cada um a maneira de fazer constantemente se reconhecer como tais por meio de "sinais, toques e palavras" apropriados.

Tendo fabricado pessoalmente para este fim, e levantado ante o Templo duas grandes colunas ocas de bronze (as que se acham descritas no primeiro Livro dos Reis, cap. VII, vv. 13-22, fez Hiram com que os aprendizes recebessem seu "salário" perto da primeira, os companheiros perto da segunda e os mestres na "câmara do meio", quer dizer, num lugar secreto que se achava por dentro e por cima dos dois; o que quer dizer um estado de consciência superior aos que se acham representados pelas duas "colunas" ou fundamentos.

Cada uma das três categorias se fazia reconhecer, como se disse, para poder perceber o salário que lhe correspondia, ou seja, a instrução e os conhecimentos que lhe competiam, segundo seu grau particular de compreensão e capacidade em aproveitá-los utilmente na Obra à que estava destinado.

Tão sabiamente dirigida e executada, com a ordem e exatidão, segundo as instruções que cada qual pessoalmente recebia, a obra avançava rapidamente, e a grande maioria dos operários (em número de 70.000 Aprendizes, 8.000 Companheiros, 3.600 Mestres e três Grandes Mestres) achava-se contente e satisfeita.

Apesar do número dos operários, e de se fazer todo gênero de obras, não se ouvia nenhum ruído de instrumentos de metal, pelo fato de que as pedras e demais materiais eram trabalhados nas proximidades, de onde se extraíam, com o propósito de não contaminar o lugar sagrado, aonde chegavam já dispostos para ficar em seu lugar. Este silêncio evidencia ainda mais o caráter espiritual da construção, pois toda obra espiritual tem que ser realizada nessa condição: fora de todo ruído profano.

Durante os sete anos e mais que durou essa construção, tampouco houve chuvas. Quer dizer que os trabalhos estiveram constantemente a coberto, sem que houvesse nenhuma indiscrição exterior ou interior, como tem que ser em todos os verdadeiros trabalhos maçônicos.

Igualmente reinou constantemente a paz e a prosperidade durante toda a época da construção do Templo, devendo-se entender com isso que ditas condições exteriores têm que ser buscadas numa análoga e correspondente disposição interior; além de se indicar que as obras construtivas, de caráter permanente, só são possíveis em épocas de paz e tranqüilidade econômicas e sociais.

A construção começou no segundo mês do quarto ano do reinado de Salomão, enquanto esteve este Rei em correspondência epistolar com Hiram, Rei de Tiro, que o animou e auxiliou na Obra, enviando-lhe “operários peritos e materiais apropriados”. Com isso quer dizer que se aproveitaram em tal Construção Unitária tendências e materiais de diferentes procedências, realizando-se a Obra na mais estreita e harmônica cooperação. Por esta mesma razão simbólica, Salomão, Hiram Rei de Tiro e Hiram

Abiff, "o filho da viúva", foram os três Grandes Mestres que presidiram a construção, simbolizando a Sabedoria, a Força e a Beleza que sustentam toda Loja e presidem toda obra útil, formosa e duradoura.

Finalmente, o lugar especial eleito para a construção foi o Monte Moria, cuja etimologia se relaciona com a Mara "visão, revelação", e tem um evidente parentesco com o Meru, o Monte Sagrado dos Hindus, e com Miriam ou Maria; quer dizer, no mesmo lugar no qual Abraão ofereceu seu filho Isaac [para ser sacrificado] (Gen. XXII-2). Isto nos dá outras preciosas indicações sobre o caráter eminentemente iniciático da Obra, que unicamente pode levantar-se por meio de um ideal ou visão elevada, pedindo-se como preço a máxima abnegação e sacrifício pessoal.

O "CRIME"

Esta admirável construção, concebida pela Sabedoria, realizada pela Força e dirigida pela Beleza, o Ordem e a Harmonia, era e é um modelo de perfeição.

Estava muito próxima de ser concluída, quando o crime mais odioso que possa ser concebido pela humana perversidade e realizado por meio dessa completa inversão dos valores, que acompanha a Ignorância, o Fanatismo e a Ambição, pôs fim de uma maneira violenta e inesperada à existência do mais justo, bom e desinteressado entre os homens, quem foi considerado depois como o "Arquiteto" por excelência, cujo elevado exemplo se esforça o maçom em alcançar com o Magistério.

Três operários, da classe dos Companheiros, julgando-se por si mesmos dignos da mestria, embora não fossem reconhecidos por tais, e querendo sê-lo a toda custa (apesar de que se não os julgasse ainda maduros), tramaram um complô para apoderar-se pela violência da Palavra Sagrada e dos modos de reconhecimento dos mestres.

Os três malvados companheiros (cujos nomes se identificam na mesma raiz "jubel", que significa "rio" ou "sinal", ou seja, com a corrente da vida e dos interesses materiais, que ameaçam todas as conquistas e os esforços espirituais) esforçaram-se, com tal intento, em obter a cumplicidade de outros companheiros, mas unicamente conseguiram convencer outros nove, os que também, no último momento, sacudidos pelo remorso, preferiram retirar-se.

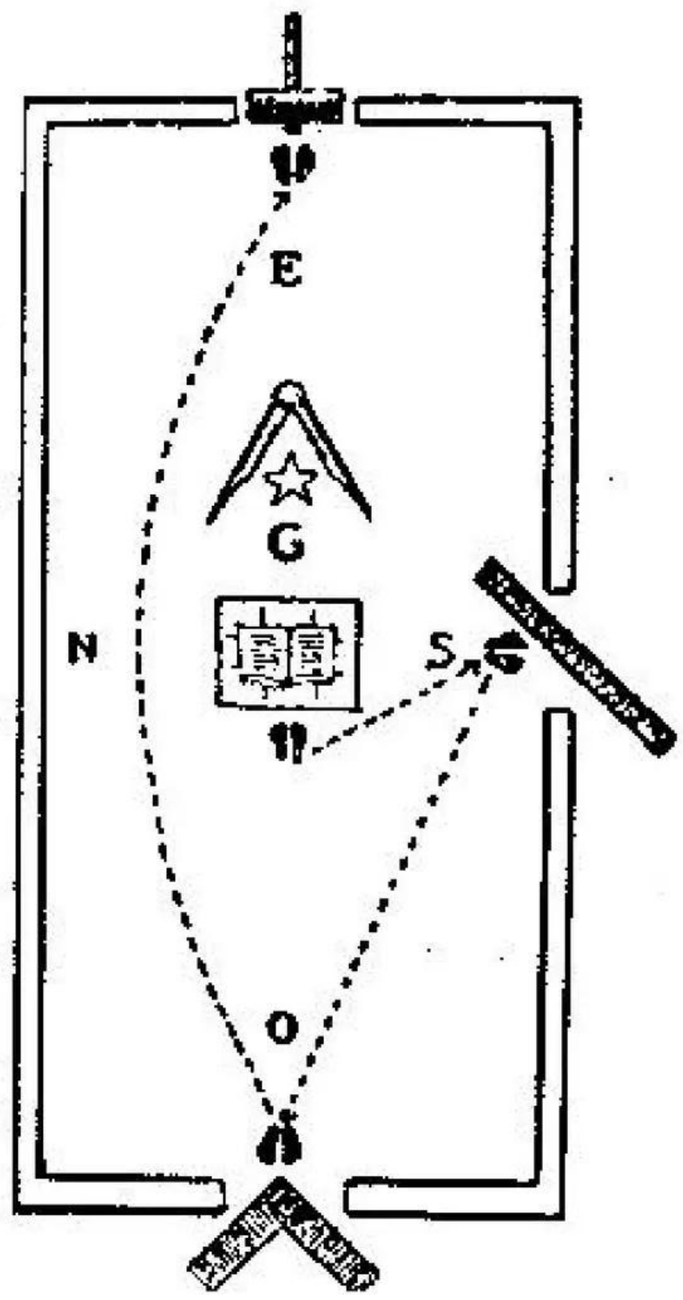

Ilustração 5

Plano do crime simbólico

Ficaram, pois, somente os três cúmplices, e como outros Mestres raramente se encontravam isolados, resolveram obter a Palavra pela força do próprio Hiram, a quem, por sua bondade, esperavam mais facilmente intimidar.

Escolheram o meio-dia (o momento em que o Sol, tendo alcançado o Zênite, começa a se declinar para o ocidente) como a hora mais propícia, dado que a essa hora o Mestre costumava ficar no Templo para revisar os trabalhos e elevar sua prece, enquanto outros descansavam (o Meio-dia é também o lugar onde senta-se o Segundo Vigilante, representado por Hiram, com relação a Salomão e Hiram, Rei de Tiro, que, respectivamente, governam o Oriente e o Ocidente), e se postaram nas três portas do Templo, que naquele tempo naquele tempo ficavam desertas por terem saído já todos os outros operários.

Quando Hiram, tendo terminado sua prece, apareceu na porta do Sul, o Companheiro que se achava ali apostado o ameaçou com sua régua de vinte e quatro polegadas, pedindo-lhe a Palavra e o sinal de Mestre. Entretanto, o Mestre lhe respondeu como devia: "Trabalha e será recompensado!"

Vendo o Companheiro a inutilidade de seus esforços, golpeou-lhe violentamente com sua régua. E havendo o Mestre levantado o braço direito, com objeto de parar o golpe, este, destinado à garganta, caiu-lhe sobre as costas do mesmo lado e lhe paralisou dito braço.

Então, Hiram foi para a porta do Ocidente, onde o esperava o segundo Companheiro, que igualmente lhe pediu a Palavra junto com o toque de Mestre, recebendo por resposta: "Trabalha e a obterá!"

Vendo também este Companheiro a inutilidade de insistir, atirou-lhe um forte golpe no peito com o esquadro de ferro de que se armou. Meio aturdido pelo golpe, fez uso Hiram das poucas forças que ficavam para sair pela porta do Oriente.

Mas aqui era esperado pelo terceiro e pior intencionado dos três companheiros, o qual, recebendo igual negativa a sua petição da Palavra, deu-lhe um golpe que resultou mortal sobre a fronte, com o malhete que tinha levado consigo.

Assim, caiu Hiram sob os golpes dos três assassinos, que depois se juntaram para se pedirem reciprocamente os sinais e as palavras; e ao comprovarem que nenhum dos três os possuía, ficaram horrorizados pelo crime inútil, e não tiveram outro pensamento que ocultá-lo e fazer desaparecer seus rastros.

Esconderam-no de fato, provisoriamente, detrás de um monte de escombros e, chegada a noite, levaram consigo o cadáver, tomando a direção do Ocidente e o esconderam no cume de uma colina próxima ao lugar da construção.

A BUSCA

Como Hiram era sempre o primeiro em aparecer no lugar dos trabalhos, dando a outros o exemplo mais admirável de pontualidade, exatidão e precisão, ao não ser visto na manhã seguinte, os trabalhos ficaram suspensos, pressagiando uma desgraça.

Estes funestos pressentimentos tomaram corpo quando os nove companheiros arrependidos, que se opuseram à empresa dos três malvados, comprovaram a ausência destes. Então, tendo passado o dia sem que aparecessem, acreditaram-se no dever de revelar a seus respectivos Mestres o complô e as justas suspeitas que albergavam a respeito deles.

Conduziram-nos diante de Salomão, quem, depois de ter escutado o relato dos três Mestres e dos nove companheiros, encarregou os primeiros que formassem três grupos, cada um deles unindo-se com outros dois, para percorrer os países e regiões do Oriente, do Ocidente e do Meio-dia, em busca de seu Grande Mestre e Arquiteto Hiram

Abiff e dos três Companheiros, assim como a Palavra que se perdeu pelo desaparecimento do primeiro. Isto indica como a verdadeira palavra deve, de certa maneira, identificar-se com o próprio Hiram, e com o estado de consciência ou realidade interior que simboliza.

Depois de ter percorrido inutilmente durante três dias todos os caminhos e regiões próximas, na manhã do quarto, um dos Mestres, que tinha se dirigido para o Ocidente, achando-se sobre as montanhas do Líbano, à vista do porto de Jopá (a cidade marítima mais próxima a Jerusalém), procurando um lugar aonde passar a noite, penetrou numa caverna e ficou surpreso ao ouvir vozes humanas. Reconheceu depois que se tratavam dos três Companheiros, os quais, obcecados pelo crime cometido, relatavam-se mutuamente suas particularidades.

Chamou então o Mestre em questão aos outros dois que foram com ele, e estes os viram fazer os sinais simbólicos do castigo que queriam infligir-se pelo crime cometido, sinais que se adotaram depois, conforme nos conta a mesma lenda, como meios de reconhecimento para os três graus.

Mas quando os Mestres se precipitaram para o fundo da caverna para apreendê-los, os três Companheiros, aterrorizados pelo ruído, escaparam por outra saída que tinha a caverna, e por mais esforços que fizeram depois, não conseguiram encontrar seus vestígios.

Havendo-se fixado previamente o sétimo dia para a reunião, resolveram ficar novamente em caminho de volta para Jerusalém, e na noite do sexto dia, chegados já perto da cidade, um dos três viajantes se deixou cair, extenuado, sobre um montículo que havia perto da urbe. E observou que havia uma porção de terra recém removida, que emanava o aroma característico dos mortos.

Puseram-se então os três a escavar e, chegando a apalpar um corpo, como era de noite não se atreveram a continuar suas pesquisas, mas recobriram o cadáver e cortaram e puseram sobre o montículo, para reconhecê-lo, um ramo de acácia, espécie de árvore muito comum nessa região.

Relataram, pois, no dia seguinte, em presença do Salomão, seu duplo descobrimento, e este, não podendo dominar a emoção que lhe causava, fez o sinal e pronunciou as palavras que se usaram depois como sinal de socorro. E encarregou os nove Mestres de que fossem imediatamente àquele lugar com o propósito de reconhecer se se tratava efetivamente do Grande Mestre Hiram e, em caso afirmativo, procurassem sobre ele os sinais por meio dos quais podia reconhecer-se a palavra, e se fixassem nas palavras que pronunciassem ao levantá-lo.

Assim o fizeram, e uma vez posto a descoberto o cadáver, que tinha a fronte ensangüentada, coberta pelo avental, e sobre o peito a insígnia de seu grau, fizeram ao reconhecê-lo o sinal de horror, que depois ficou como um dos meios de reconhecimento entre os Mestres Maçons.

Mediram então a cova e comprovaram que tinha três pés de largura, cinco de profundidade e sete de longitude, sendo esta de Oriente a Ocidente e a primeira do Norte ao Sul.

Estas dimensões, assim como as demais particularidades do crime e de seu descobrimento, revelam-nos um drama inteiramente simbólico, que se inseriu no quadro histórico considerado mais oportuno na época em que se fez tal adaptação de uma lenda mais antiga, e talvez diferente.

SIGNIFICADO DA LENDA

Até aqui o relato, do qual agora nos compete procurar o sentido alegórico, que constitui seu valor essencial e o segredo mais verdadeiro do grau.

Como em todas as lendas, e especialmente as que se escolheram como meios de transmissão para determinados ensinos e verdades, seu significado é múltiplo, e as várias interpretações que se deram e podem dar-se da mesma podem se agrupar, segundo o ponto de vista, em:

1) um significado cósmico ou astronômico, que vê na mesma algum aspecto do drama do mundo e de suas origens, assim como da vida nas diferentes estações;

2) um significado humano individual, mais propriamente iniciático e místico, que considera como psicológicos os fatos relatados e os personagens a que se referem;

3) um significado social ou coletivo, como generalização de acontecimentos históricos e indicações proféticas do futuro.

O primeiro sentido é puramente objetivo comum e exotérico, e é natural que tenha sido o primeiro em nascer e propagar-se em nossa Ordem, cujos ideais e finalidades foram nos últimos dois séculos eminentemente profanos e exotéricos. É o único sentido que a maioria dos maçons lhe atribuem, sem dar-se conta de que dita interpretação está muito longe de explicar a razão do segredo do qual se rodeia a lenda e sua comunicação, e como possa esta conferir a qualidade de mestre maçom.

O segundo sentido, subjetivo e esotérico, segue historicamente (e também na compreensão individual) ao primeiro, identificando-nos mais intimamente com o drama relatado e nos dando uma razão de como, uma vez que saibamos vivê-lo, pode alguém, por seu meio, aproximar-se à qualidade real simbolizada pelo grau de Mestre.

Quanto ao terceiro sentido, pode vir independentemente do segundo, ou acompanhá-lo. É claro que, neste último caso, sua compreensão será mais vital e o ponto de vista mais profundo. Com esse sentido se relaciona, pois, a missão social da Ordem e a capacidade de se atuar como Mestre na vida exterior e no mundo.

Vejamos agora mais atentamente as três explicações fundamentais, das quais todas as demais interpretações podem se considerar como simples variações.

SENTIDO MACROCÓSMICO

De um ponto de vista simplesmente astronômico, os maçons imbuídos pelas idéias científicas, que têm aberto o caminho à interpretação naturalística também de outros mitos e lendas, viram em Hiram outro protótipo de deus ou herói solar, como Hércules e Osíris, Mitra e Tammuz, Sansão, Salomão e Jesus.

Filho de uma viúva, ou seja da Natureza, enquanto privada da Luz, tanto espiritual quanto material, que a ilumina e a fecunda, Hiram como o Sol, cuja luz é indispensável para despertar e animar toda a natureza, apresenta-se sempre primeiro no lugar dos trabalhos (o Templo da Vida Universal, concebido e planejado pela Suprema Inteligência Cósmica), no qual todos os seres humanos, sub-humanos e supra-humanos (Companheiros, Aprendizes e Mestres) estão empregados em alguma atividade construtiva, e recebem seu salário de acordo com suas próprias capacidades.

Os trabalhos se abrem, naturalmente, no grau de Aprendiz, assim que o Sol se levante sobre o horizonte, ou seja, o princípio da consciência apareça na soleira da sub-

consciência, que representam as trevas da noite e da matéria. Quando o Sol chega ao Zênite, iluminando com mediana claridade o mundo fenomênico que recebemos por meio das cinco janelas dos sentidos, chegamos ao grau de Companheiro, que representa o estádio evolutivo tipicamente humano, facilmente associado com os números 6 e 12 (a sexta hora dos antigos, que corresponde às doze ou meio-dia), sobre o qual a Inteligência e a Paixão se disputam igualmente o domínio.

Precisamente nesta etapa evolutiva humana é quando facilmente dominam sobre a individualidade os três maus companheiros do homem, que são a Ignorância (com o engano que quer se entronizar no lugar da Verdade), o Fanatismo (que tributa suas honras ao primeiro e despreza a segunda) e a Ambição, ou seja, a usurpação da autoridade que encontra seu mais estável apoio na primeira e no segundo. Estes são os que atentam à Vida Elevada, ou princípio iluminador da natureza, simbolizado por Hiram, pretendendo obter do mesmo, com toda força, a palavra de poder, que unicamente se alcança por meio do esforço individual no reto caminho da Evolução, sem obter outra coisa senão obscurecer (ou matar simbolicamente) aquela Luz Mestra "que ilumina a todo homem que vem a este mundo".

CRIME ASTRONÔMICO

Na interpretação naturalista, esse crime é, entretanto, puramente astronômico. Mais que a verdadeira luz, o Princípio Iluminador e a Vida Elevada da natureza, Hiram é simplesmente a luz e o calor material do sol, que estimula com sua presença e força crescente (conforme se alargam os dias no curso das estações) a vida orgânica, e que, logo acaba por ser morto assim que desaparece na região do Ocidente, ou quando tenham sua vez os três meses que precedem o solstício de Inverno.

As doze horas do dia e os doze meses do ano representam os doze companheiros, os quais todos fazem sua parte e contribuem para sua morte; mas, enquanto os primeiros nove se afastam, os últimos três persistem em seu mau propósito, e lhe dão seus três golpes, ao terceiro dos quais sucumbe. Quer dizer, sucumbe o dia sobrevindo a noite (e daqui os 9 Mestres, ou sejam as horas da noite, que irão procurando em vão, até que os últimos três, mais afortunados, cheguem a lhe reconhecer nas primeiras luzes do alvorada) e sucumbe o ano, em seu término natural, chegando ao solstício de inverno. Duas mortes cíclicas igualmente irreais, seguidas infalivelmente por uma virtual ressurreição.

Os nove meses (assim como as nove horas da noite) encarregam-se, pois, de seguir e perseguir, na roda do ano, aos três Companheiros que ocultam e escondem os raios benéficos do Sol, procedendo sobre o caminho da elíptica, de Oriente a Ocidente, e retornando ao Oriente, na busca do sol desaparecido, ao qual conseguem encontrar e vivificar, fazendo-lhe ressurgir de sua morte aparente e resplandecer novamente na Natureza: os três primeiros que se encaminharam para o Ocidente são os que dão o sinal dos desaparecidos e guiam a outros na busca, descobrimento e ressurreição, na qual todos participam.

Quanto às armas usadas pelos três maus Companheiros, são, respectivamente: a diminuição das horas do dia, simbolizada pela régua de 24 polegadas, que dá o primeiro golpe; o passo sobre a linha solsticial, representada pelo esquadro, que dá o segundo, e a rigidez destruidora da temperatura, representada no malhete, que dá o golpe de misericórdia. Assim morre o ano simbolicamente, para renascer a nova vida, com os meses da Primavera, do Verão e do Outono. Assim igualmente desaparece o Sol no

Ocidente, sob os golpes de suas três últimas horas, sendo procurado na escuridão da noite pelas nove horas que precedem a seu novo alvorecer.

HIRAM E OSÍRIS

Não é difícil ver na morte de Hiram uma nova apresentação e uma nova adaptação de outros crimes simbólicos que constituíam o que se pode considerar como o ponto culminante de todos os mistérios da Antigüidade. Particularmente, a morte de Osíris, que representa o Espírito Criador e Princípio Vivificador da Natureza, sendo esta personificada em Ísis, sua irmã gêmea e esposa.

Com a deificação do personagem central e a representação a seu lado de uma divindade feminina que tem um papel não menos importante, a lenda toma, porém, um aspecto mais solene e profundo, e a alegoria se faz metafisicamente mais significativa e transparente. Embora não haja maiores dificuldades para ver em Osíris o Sol, e em Isis à Natureza fecundada por seus raios benéficos, cuja produtividade se diminui, e quase morre, nas horas da noite e nos meses de inverno (na proporção de como a latitude se afasta do Equador); embora é igualmente certo que a interpretação astronômica da lenda do Hiram é filha da análoga interpretação naturalista de todos os mitos antigos, dita interpretação carece de finalidade, e não se veria nela outra coisa que o simples traslado poético de um fato natural.

Por outro lado, não é difícil ver em Osíris e Ísis (que resumem em si todas as divindades egípcias) uma simples personificação simbólica dos dois Princípios impessoais que, na metafísica hindu, respondem pelos nomes de Purusha e Prakriti, também simbolizados como Shiva e Shakti, e outros semelhantes casais divinos.

Purusha ou Shiva (ou seja, Osíris) é o Ser Puro, o Princípio do Ser, Pai da consciência individualizada, da qual todas as formas de vida e da natureza em seu conjunto, assim como o ser do homem, são outras tantas expressões. Prakriti ou Shakti (ou seja, Ísis) é a Substância Universal (Substância-Energia que pode se identificar com o poder do Ser), ou seja a Natureza Mãe de todas as formas das quais a consciência se reveste e nas quais se expressa.

Nesse domínio formativo, entretanto, a consciência ou Ser Puro só se revela progressiva e evolutivamente; e no primeiro estado (quer dizer, nas mais baixas formas evolutivas, que são as que preponderam em toda a natureza) chamado tamásico, ou seja de comparativa ignorância e escuridão, o mesmo Princípio da consciência ou do Ser aparece como morto ou adormecido, "morto" por esse guna (o Princípio das Trevas personificado na religião egípcia por Tifão), e portanto a Natureza como viúva dEsse princípio inspirador e fecundador, por cuja presença e para o qual se produzem todas as formas.

Esse Tamas ou Tifão, essa Ignorância e Obscuridão primitiva que parece opor-se à expressão da Luz e à plenitude da Vida (que, entretanto, depois sempre acabam por triunfar) é o que mata com seus cúmplices (os outros dois gunas, assim que lhe servem ou estão sob seu domínio), despedaça (ou seja fraciona sua unidade essencial e primordial em múltipla expressão) e esconde o Espírito na Matéria e a Vida na Natureza; e esta, que já não a encontra, embora a tenha em si mesmo, chora como Ísis a essa Vida e a essa Luz, com a dor e as lágrimas de todos os seres vivos que, sob seu estímulo, "evoluem", procurando em si mesmos, e logo revelando essa Divindade Latente, como perfeição.

Aqui temos um verdadeiro drama, uma real tragédia (o drama da vida e a tragédia da evolução) e, portanto, um mistério real, que bem merece ser objeto de estudo e meditação; um drama universal que plenamente justifica a universalidade e variedade de suas expressões e apresentações, e nos dá uma razão a respeito de por que formava o núcleo vital dos mistérios antigos.

O FILHO DA VIÚVA

Embora seja difícil ver em Hiram (a menos que não o identifiquemos com o próprio Grande Arquiteto do Universo) o Princípio Criador e Espírito Universal, representado por Osíris, é evidente que assim devemos interpretá-lo pelo que se refere a sua morte; simbolismo da morte ou latência do Espírito na matéria, da Luz nas trevas, da Sabedoria Onisciente do Ser no domínio da Ignorância ou da inconsciência.

Mas Osíris renasce em seu próprio filho Hórus, que é ele mesmo e, portanto, muito bem pode ser legítimo esposo de sua própria mãe. Nesse filho de viúva, no qual o Espírito Universal se apresenta com a mesma identidade, embora sob uma diferente personalidade, é-nos mais fácil reconhecer ao Hiram da lenda maçônica.

A morte de Osíris e seu renascimento como Hórus (com os quais o iniciado nos mistérios egípcios deveria se identificar) são, em nossas cerimônias rituais, a morte e o levantamento do próprio Hiram, que todo Mestre Maçom tem que personificar. Os assassinos dEsse princípio da Consciência, ou Vida Espiritual da Natureza, são os três gunas pervertidos pelo domínio do primeiro (a Ignorância que converte à Atividade e Inteligência em fanatismo e ambição), por cujos esforços juntos sobrevém o drama cósmico da Involução, e a Natureza (Ísis) trabalha penosamente procurando, e tratando de despertar a Luz e a Vida Divina perdida e oculta nas aparências materiais (a terra que a recobre) .

Os mesmos três gunas, exaltados e enobrecidos pelo domínio do terceiro ou Sabedoria (que converte aos outros dois na Perseverança e no Ardor, ou na Fé e na Esperança, com os quais se levam a cabo todas as empresas), são agora os três Mestres que, tendo identificado e vencido a esses três “maus companheiros”, conseguem encontrar, despertar e levantar (ou seja "exaltar") essa Luz e essa Vida, para que afirme seu domínio sobre a matéria e a ilumine com sua presença. É a Evolução que se segue à Involução, que tem seu ponto crítico no estágio humano (ou grau, de Companheiro) do qual tem que se chegar ao Mestre por meio de um esforço consciente.

Osíris, que assim renasce como Hórus, é, na interpretação naturalista, simplesmente o Novo Sol que surge na Nova Aurora, ou a Natureza que se renova e regenera na primavera, depois de sua morte invernal. Para nós, entretanto, no Grande Drama da Vida Cósmica, é a Corrente Evolutiva que se afirma e se levanta vitoriosa sobre a morte aparente do princípio da Consciência em sua involução, ou seja, a Luz do Ser que volta a resplandecer sempre mais clara, segundo a Vida se eleva em sua expressão, como Inteligência e desejo de saber, Discernimento, Intuição e Sabedoria.

SIGNIFICADO INDIVIDUAL

Esta interpretação nos aproxima do significado místico individual que tem a Lenda para cada Mestre Maçom, razão pela qual tem que representar sua parte, sucumbindo por sua vez, como o mesmo Hiram ou como Osíris nos antigos Mistérios

egípcios, sob os golpes simbólicos dos três inimigos, aos quais igualmente temos que procurar dentro de nós mesmos.

Hiram é, pois, em nós e para nós, essencialmente o Ideal ou a aspiração para uma vida mais elevada, que se encontra continuamente ameaçada pela Ignorância, o Fanatismo e a Ambição que nos dominam e impedem nosso progresso.

Quando Este princípio rege na consciência e dirige nossos pensamentos e ações o Templo da vida individual se levanta à Glória do Divino Arquiteto, expressando sua Sabedoria, sua Força e seu Amor.

Mas nossas mais baixas tendências, nossos instintos e paixões egoísticos, podem conjurar contra este Princípio e obscurecê-lo; assim se verifica em nós a simbólica "Morte de Hiram", a morte do exaltado Ideal que dirigia sábia e inteligentemente nossa vida para um fim superior.

Então os trabalhos "suspendem-se" em sinal de luto, pois desapareceu, com seu Ideal elevado, a razão (mais verdadeira de nossa vida) e nossas melhores intenções (os nove mestres escolhidos) movem-se em sua busca, até que conseguem novamente encontrá-lo, depois de uma larga peregrinação em regiões diferentes de nossos habituais pensamentos. E sobre ele procuram a palavra (a verdadeira Palavra da Vida) expressão do Verbo Divino, ou seja, o mesmo Ideal que tem o poder de nos levantar novamente da morte à ressurreição.

Entretanto, aqui não se acaba o sentido místico e palingenésico da lenda, que é ainda mais profundo, relacionando-se diretamente com o triplo Mistério da Vida, da Morte e da Regeneração.

Deve-se, pois, sublinhar o fato fundamental de que na Cerimônia da Exaltação (como em outros Mistérios) o recipiendário tem que se identificar com o protagonista do mito ou lenda, sofrendo como ele uma morte simbólica à qual segue uma ressurreição ou exaltação.

A este respeito não há diferença essencial entre a morte simbólica que, a semelhança de Hiram, tem que sofrer na Maçonaria o candidato à Mestria, e aquela pela qual tinham que passar os candidatos nos mistérios de Dionísio, de Adônis, de Osíris, etc. O mesmo deve se dizer da paixão, morte e ressurreição de Jesus, essência dos Mistérios Cristãos e ponto culminante de todo misticismo, dentro da mesma religião.

Sempre o candidato deve morrer para renascer: para "nascer outra vez, de água e espírito", como o explica o Cap. III do Evangelho de São João, pois "que não nascer outra vez não pode ver o reino de Deus".

É a morte do homem velho, a morte do Iniciado quanto a seus enganos, vícios, paixões e tendências negativas, para que nasça em nós o homem novo, o "menino sábio", na luz da verdade e na prática da Virtude, a morte do homem escravo de seus maus costumes, para o nascimento do homem livre por sua própria retidão e hábitos construtivos. A morte da personalidade ligada com o sentido de sua separação egoísta ao pecado original da ilusão, que é fonte de todos os males, e o renascimento da individualidade, livre pela realização de sua própria unidade indivisível com o Princípio Uno da Vida, manancial e realidade de todo Bem. Em outras palavras, nossa morte pessoal em Adão, o homem natural (vítima e escravo de sua própria ilusão), e nossa redenção e ressurreição individual em Cristo (o *Magister*), ou seja, o homem que se livrou por completo do domínio do mal e da ilusão.

O PECADO ORIGINAL

Cabe aqui dar uma explicação mais detalhada do pecado original, como se acha redigido no Cap. III da Gênese, que tem um profundo valor iniciático.

Como o indica o fato de que temos que sobrepor à mesma [Bíblia] o esquadro (que representa o Julgamento) e o compasso (símbolo da Compreensão), a Bíblia é uma expressão da Tradição Iniciática, e deve, portanto, ser estudada principalmente em seu sentido místico-alegórico.

Em seu conjunto constitui uma formosa história simbólica do homem, em suas sucessivas encarnações pessoais; e também a história alegórica da humanidade, do homem natural ou profano, escravo e vítima da ilusão (simbolizado por Adão e seus descendentes), ao perfeito iniciado que alcança o Magistério, convertido em mais que um homem, ou seja, verdadeiro Filho de Deus (representado por Cristo) .

Adão e Cristo acham-se, ambos, em nós mesmos, representando um a nossa origem ou ponto de partida, "de onde viemos" materialmente, e o outro, nosso Destino Divino, o fim ou término de nossas aspirações "para onde vamos" e que obteremos pelo esforço do que somos espiritualmente. No estado de evolução em que atualmente nos encontramos, Adão está, pois, detrás de nós, como o impulso que nos conduziu a ser o que agora somos pessoalmente; enquanto Cristo se acha diante nós e nos indica o caminho que temos que seguir para alcançar o Magistério, morrendo na ilusão adâmica para renascer na consciência do Real, representada por Cristo.

Vemos agora, em duas palavras, o que a nosso julgamento representa a alegoria bíblica do pecado original, cuja raiz deve ser buscada nas anteriores tradições caldeus, reservando-nos nos seguintes Manuais a fazer um estudo maior sobre os diferentes símbolos que se acham reunidos na formosa e significativa lenda.

Adão (Adam, o "terrestre") criado, ou manifestado, diretamente pelo Princípio Divino, encontra-se num jardim chamado Éden, situado ao oriente, quer dizer do lado da origem das coisas de onde procede a sua manifestação.

Então, de sua costela (de um aspecto ou lado dele) separa e forma a Eva, (Heva, "vida, existência") sua mulher, a "mãe dos viventes". Isto quer dizer que de Adão, como consciência individual, separa-se um aspecto ou reflexo pessoal, naturalmente feminino e passivo, com respeito ao primeiro, destinado a ser sua companheira.

Representando a mente concreta e a Consciência Pessoal, Eva se acha mais diretamente em contato com o mundo exterior, e sofre assim mais facilmente o ascendente da serpente “ardilosa mais que todos os animais (faculdades) do campo” ou seja o Poder da Ilusão, que nos faz nos considerar individualmente como separados e distintos do Princípio Uno da Vida.

Escutando a voz exterior da Ilusão, em vez da voz interior da Realidade (que é o mesmo Princípio da Vida), é como o homem come do "fruto" da Árvore do Bem e do Mal (que é a Inteligência Objetiva), e este último, expressando-se em sua consciência, em virtude do mesmo Poder da Ilusão, far-se-á objetivo também exteriormente.

Nasce assim a consciência de separação (do Princípio da Vida) que engendrará o egoísmo, representado por Caim (origem de todos os crimes), assim como o temor (que dá origem à adoração material), representado em Abel.

Por conseguinte, o homem se afasta por si mesmo do Princípio de Vida (a Árvore da Vida que se acha no meio do jardim de sua própria manifestação) e por conseqüência sai de seu estado de inocência edênica e torna-se escravo da ilusão em

todas suas formas, condenando-se por si mesmo aos efeitos de tal ilusão: a dor e o trabalho concebido como obrigação e escravidão.

O Maçom Iniciado é incumbido do privilégio e do dever de libertar-se desse mesmo poder da Ilusão e de todas suas conseqüências.

REDENÇÃO, REGENERAÇÃO E RESSURREIÇÃO

A redenção do Poder da Ilusão se consegue por meio da regeneração ou "novo nascimento", simbolizado no final da cerimônia de exaltação ao grau de Mestre.

Esta regeneração é, no simbolismo maçônico, a Vitória sobre os três inimigos naturais do homem (seus três maus companheiros que personificam a Ignorância ou cegueira mental, o Fanatismo (ou seja, a paixão) e a Ambição, originada pelo egoísmo, que são os que o matam efetivamente) assim que se produz nele aquele "sentido de separação" que o afasta da percepção da Vida Una, Eterna, Indestrutível e Imortal do Espírito.

Estes três inimigos escondem o cadáver (a aparência morta da Individualidade, Principio Elevador e Arquiteto Iluminado de vida pessoal) "sob os escombros do templo" da mesma vida, para sepultá-lo depois na noite do esquecimento; e se escondem numa caverna situada ao ocidente, quer dizer, em nossa própria personalidade. Ali é preciso descobri-los e reconhecê-los por tais, e então desaparecerão sem deixar nenhum vestígio.

Retornando deste descobrimento, é quando podemos encontrar novamente nosso ideal sepultado, e reconhecê-lo depois e levantá-lo com a ajuda de nossas faculdades superiores - os nove Mestres inspirados por Salomão, o princípio central diretor da Inteligência.

Para que este levantamento e ressurreição sejam efetivos, necessita-se o concurso de três faculdades fundamentais, assistidas pelas demais: a Fé, a Esperança e o Amor, que têm que dominar e guiar ao homem, em vez da Ignorância, do Fanatismo e da Ambição.

Vencendo-se individualmente à Ignorância por meio da Inteligência e do conhecimento do Real, alcança-se a Fé Iluminada e Positiva; a que expressa a Palavra Sagrada do primeiro grau. Esta Fé é a que deve triunfar da aparente divisão ou separação entre a carne e os ossos, ou seja, entre a causa e o efeito, entre a forma exterior e a vida interior que a anima.

Com a vitória sobre o Fanatismo, emblema de todas as paixões, por meio da Compreensão e da Tolerância, estabelecemo-nos mais firmemente sobre a Esperança (a Palavra Sagrada do Segundo Grau), e nesta atitude nos sobrepomos sobre toda putrefação exterior, que não tem poder sobre o Ideal estabelecido em nossa consciência.

Entretanto, estas faculdades isoladas não podem cumprir o milagre do despertar da morte à vida, se com elas não se junta o Amor, a Secreta Palavra do Magistério.

Assim como os dois primeiros Mestres fracassam em seu intento de levantar o corpo de Hiram com os toques e palavras dos dois primeiros graus, e pronunciam desalentados as palavras que demonstram a decepção da Fé e da Esperança, substituindo a verdadeira palavra do Terceiro Grau. Estas duas faculdades seriam sem poder, como o próprio cadáver que se esforçam em levantar, sem o impulso e o fôlego vital que só a terceira pode nos dar.

Mas, para que o Amor se faça ativo em nós, como força onipotente, toda Ambição egoísta tem que ser vencida. O mesmo centro da Ambição, do egoísmo, deve ser desarraigado e banido de nosso ser, pois se acha sempre pronto e disposto para dar o golpe mortal em nossas mais nobres e elevadas aspirações, esterilizando e fazendo impotentes os esforços da Fé e da Esperança.

Só o Amor tem o poder de nos fazer ressurgir da morte à vida, em qualquer condição exterior em que nos encontremos. Só esta faculdade, uma vez que nos tenhamos individualmente liberado do Egoísmo, pode fazer completa nossa regeneração e cumprir o milagre da ressurreição.

HISTÓRICO INICIÁTICO

Se a Lenda do Hiram tem um profundo sentido místico, referindo-se a nossa regeneração individual que se efetua por meio da morte ou transmutação das tendências inferiores ou negativas (que matam e sepultam as possibilidades, faculdades e ideais mais elevados de nosso ser) e nossa redenção das mesmas que nos faz ressurgir para uma nova vida; até nos liberando do poder do mal e da ilusão, e da mesma morte que é uma das conseqüências do pecado original[3], não menos importante é o significado iniciático da lenda, que se refere diretamente a nossa própria Sociedade.

O Templo levantado, em perfeita harmonia de intenções e atividade, por operários de diferentes nações, é, pois, um emblema manifesto da Maçonaria e da Obra Ideal Universal à qual está dedicada. Assim, pois, na história da Construção do Templo, acha-se sintética e magistralmente expressa a História Universal e Eterna de nossa Instituição, assim que pode a mesma aplicar-se a toda época, condição e circunstância.

Os Mestres Maçons temos de nos esforçar por interpretar devidamente esta Lenda, aplicando-a com igual discernimento ao passado, ao presente e ao futuro, que nos compete prever e preparar, já que esta interpretação tem que nos guiar em nossos esforços em Bem da Ordem e fazê-los efetivos.

O personagem central da Lenda é, evidentemente, o espírito animador da Instituição, que une e reúne os operários, e dirige e coordena seus esforços para levar a cabo e conduzir à sua finalidade a Grande Obra que nossos esforços juntos se propõem efetuar, seguindo os planos de uma Inteligência Superior.

Quanto aos três companheiros, que se esforçam em subornar os outros para efetuar o crime nefando, a mesma tradição expressa em nossos rituais os identifica com a Ignorância, o Fanatismo e a Ambição. Por esta razão se acham muito a propósito e inteiramente justificadas as suspeitas que recaem sobre o Companheiro que espera franquear a soleira da Terceira Câmara.

Quem pode confessar-se, efetivamente, imune de toda cumplicidade com estes três constantes inimigos da Instituição, que se aninham nas cavernas do ocidente (o domínio de toda expressão e realização material), e se esforçam em aniquilar e transformar seu Espírito?

Quem pode dizer, com toda sinceridade, que não tramou com a ignorância, atirando por meio da regra arbitrária, ou sua compreensão própria limitada, contra sublimes finalidades e propósitos universais da Ordem, assim como contra o profundo

---

[3] Voltaremos a insistir em lugar oportuno sobre este interessante argumento. (N. do A.)

valor de seu simbolismo, o primeiro golpe que lhe imobiliza o braço direito e faz impossível sua perfeita expressão (garganta)?

Quem está igualmente seguro de achar-se livre da intolerância e do fanatismo, vibrando com o esquadro de ferro e de seu julgamento pela condenação de opiniões e tendências diferentes, um golpe dirigido ao próprio coração da Instituição, na qual têm que caber todas as tendências, opiniões e ideais que levam o selo da sinceridade e da melhor boa vontade?

E quem dominou tão completamente sua ambição e seus desejos pessoais, e está certo, por seu altruísmo e desinteresse, de não cooperar com a ferida do malhete fatal, que destrói constantemente o Espírito verdadeiro que tem que reinar na Maçonaria?

A resposta sincera a estas perguntas e o reconhecimento dos reais propósitos que o animam farão o Companheiro ver, caso se ache efetivamente na disposição de espírito necessária para poder franquear a porta do Magistério, no qual se ingressa unicamente pela câmara do meio de nossa consciência individual.

O ASSASSINATO SIMBÓLICO

Mas (além deste assassinato, do qual podem se fazer cúmplices com a melhor boa vontade seus adeptos mais entusiastas e seus mais fiéis operários, quando, por estreiteza de inteligência e de coração, tratam de pôr e fazer observar regras e limites arbitrários e condenam aos que não os observam por irregulares; ou sobrepondo indevidamente sua personalidade à Impessoalidade da Obra) existe outro crime simbólico de uma natureza inteiramente diferente (se é que de "crime" pode ser chamado), que, diferente do primeiro, tem que ser considerado como necessário e inevitável.

Este crime se refere à origem de nossa Instituição, com seus sinais, palavras e símbolos atuais e que constitui, pode ser dito, sua certidão de nascimento.

É, pois, característico o fato de que os três assassinos estejam armados precisamente pelos instrumentos distintivos das três Luzes (que representam os três graus) por meio dos quais consumam o fato simbolicamente criminoso; e, além disso, reunidos numa caverna, que tem toda a aparência de um Templo Maçônico rudimentar, façam os sinais que desde aquele momento se adotaram na Maçonaria como meios de reconhecimento.

Isto nos ensina, uma vez mais, a duvidar das aparências, para ver as coisas em sua realidade, pois a verdade pode ser encontrada onde menos a tenhamos suspeitado. E a Verdade é, neste caso, que os três graus simbólicos constituem os mesmos assassinos do Mestre Hiram, o qual representa e personifica a Tradição Iniciática Universal (note o estreito parentesco entre Hiram e Hermes, que não pode ser efeito de uma simples coincidência), que, ao se encarnar, acha-se efetivamente escondida, sepultada e virtualmente morta nos símbolos de ditos graus.

Embora estes três graus não tiveram sucesso em conseguir a verdadeira palavra, que dá o Magistério efetivo, tiveram, contudo, um êxito notável em revelar e ocultar a Tradição Iniciática, escondendo-a por completo aos olhos dos profanos, seja dentro como fora de nossa própria Instituição; e, efetivamente, os símbolos maçônicos, como a própria Esfinge, são mudos também atualmente para a grande maioria dos maçons, que não conseguem entender deles mais que seu significado exterior e rudimentar. Os que procuram a Verdade têm que imitar aos novos mestres, indo atrás dos vestígios do

desaparecido, assim como dos três culpados, para verificar os primeiros e iluminar os segundos.

SENTIDO DA BUSCA

A tríplice busca (atrás dos assassinos, do corpo de Hiram, de quem ocultou a palavra vivificadora) é o trabalho essencial dos Mestres, que sempre se esforçam em encontrar algo que possa substituir melhor o [que foi] perdido pela cumplicidade das determinantes causais, personificadas na Ignorância, no Fanatismo e na Ambição.

Primeiro se dirige a busca sobre os assassinos, localiza-os e reconhece. Isto tem que se fazer no duplo sentido de tal assassinato, localizando e reconhecendo nos três inimigos um obstáculo que nos impede de fazer um trabalho mais útil e proveitoso a bem da Ordem: temos que perseguir a Ignorância por meio do estudo, em qualidade de aprendizes; por meio da meditação, em nossa qualidade de companheiros; e com a instrução que se espera de nós, assim que somos mestres.

O mesmo devemos fazer com o Fanatismo e com a Ambição, abrindo nosso coração à tolerância (por meio do compasso de uma mais ampla compreensão que sempre acompanha o esquadro de nosso juízo), nos esforçando para que nossa atividade seja constantemente inspirada pelo Amor e dirigida em Bem da Ordem e de nossos semelhantes.

Com o Conhecimento, a Compreensão e a Benevolência (três mestres sempre capazes de encontrar e reconhecer o que permanece oculto e desconhecido para outros) que adquirimos, como primeiro resultado de nossos esforços, podemos nos enfrentar com os três assassinos que se acham reunidos em nossos próprios Templos, para fazer que o morto viva neles, como algo mais que uma simples lembrança.

Só temos que operar com extrema prudência e circunspeção, para evitar que fujam espantados pela luz de nossas revelações, sendo dever dos verdadeiros mestres "cooperarem com o pecador" para que se arrependa e se corrija, mais que julgá-lo, condená-lo e castigá-lo.

Uma vez encontrada nos assassinos a lembrança do desaparecido, nossa busca tem que se dirigir sobre os vestígios deste. Trata-se aqui de enfrentar-se com todas as relíquias das antigas tradições e religiões, com todas as superstições do passado, que podem encontrar-se pulverizadas igualmente no Ocidente, como no Oriente e ao meio dia, procurando o significado desvanecido que se esconde sob uma aparência muitas vezes enganadora, com o propósito de reconstruir sua Unidade Vital.

Esta busca dos nove Mestres é muito parecida àquela que é feita por Ísis pelo corpo de Osíris, que se acha despedaçado e escondido em todas as partes.

Tudo o que se encontre nesta busca deve ser reconhecido pelos sinais que leva. Para isto já não é suficiente a obra de um Mestre isolado, mas todos têm que se reunir, atestando-se mutuamente que o que se encontrou é realmente o que se procurava. Assim, pois, o Mestre que encontre os despojos, cobri-los-á piedosamente, para evitar que se desagreguem ao contato com o ar e com a luz do dia; e porá por cima, para reconhecer o lugar, o simbólico ramo de acácia, que significa, para os que o entendem, que ali há vestígios de imortais verdades.

Só os Mestres, pois, "conhecem a acácia" e sabem que por trás da morte aparente da forma, persiste a Vida Eterna e Imortal do Espírito. Por esta razão não há perigo de que os profanos, guiados por este gesto indicador, possam desenterrar e profanar o

cadáver; além disso, o horror natural da morte os impede, sendo também prerrogativa dos Mestres reconhecer a realidade da vida na aparência da morte, e por conseguinte, só os Mestres possuem a capacidade de vivificar outra vez o cadáver e trazê-lo à plena vida.

O "SINAL" DE MESTRE

Como os Aprendizes e Companheiros, também os Mestres têm um sinal especial, por meio do qual se reconhecem como tais. Este sinal indica, pois, sua qualidade de mestres, como conseqüência do esforço especial nele simbolizado.

Assim como o sinal do aprendiz se refere ao domínio das palavras e ao constante esforço que deve fazer o iniciado nesse grau, cuidando e retificando a expressão verbal de seus pensamentos; e o sinal de companheiro ao domínio das paixões e dos mesmos pensamentos, que se deve procurar em seu próprio coração (no centro de sua consciência e de seu ser), o sinal do mestre indica um terceiro e mais profundo estudo do domínio de si mesmo, o dos instintos, com o que, unicamente, pode se conseguir a própria regeneração da personalidade.

Isto é o significado real do sinal de mestre e o castigo simbólico ao qual se refere é simplesmente a conseqüência de não ter alcançado este domínio, porquanto somente no homem que se regenerou, por meio da vitória completa sobre os instintos, integrou-se realizando a unidade da Personalidade com a Individualidade e, por conseguinte, tornou-se imortal e indestrutível; enquanto quem não o conseguiu, é ainda mortal e, por conseqüência, sujeito à divisão ou separação periódica entre a parte superior e imortal que constitui a Individualidade e a parte inferior e mortal, que envolve a primeira e constitui a Personalidade.

A imortalidade efetiva (quer dizer, no mundo físico) assim alcançada, acha-se simbolizada na própria acácia e em seu perfume (o aroma de santidade), a qual, por esta razão, só os Mestres podem realmente conhecer.

Mas esta palavra (como a maioria das que se usam com finalidade iniciática) tem um duplo sentido etimológico. Além de fazer referência à árvore vivaz que produz a goma arábica, a palavra grega *akakía* tem o significado de inocência relacionando-se compreensivamente com o sânscrito *ahimsa*, a primeira e fundamental entre as qualificações de *yama*[4], a base ética do Ioga, ou seja o caminho que conduz ao Magistério.

Assim, pois, no nome "acácia" estão igualmente indicadas a finalidade e a conseqüência do Magistério, que é a imortalidade, e o meio com o qual se consegue, que é voltando com sabedoria ao primitivo estado de inocência, simbolizado. no paraíso terrestre, no qual o homem cessa de ser um escravo do mal, reconquistando na Verdade, conseguida por meio da prática da Virtude, sua Divina Liberdade. O domínio alcançado sobre a parte instintiva (que é o assento de todas as tendências atávicas e, por conseguinte, de tudo o que é conseqüência do pecado original que faz ao homem sujeito ao poder do mal, da miséria, da enfermidade e da morte) é precisamente o que se acha simbolizado no sinal de mestre.

---

[4] A propósito da palavra *Yama,* é interessante notar que, em sânscrito, corresponde com o nome do deus da morte, indicando a morte iniciática dos instintos, ou seja, a regeneração com a qual se alcança o Magistério.

A FAIXA

Ao avental, emblema do trabalho, o Mestre anexa a faixa, insígnia de sua dignidade. Qual é o significado da faixa, que caracteriza o mestre maçom e o distingue dos companheiros e aprendizes?

A faixa é essencialmente um círculo ou, melhor dizendo, uma figura elíptica que se sobrepõe obliquamente ao círculo formado inferiormente pelo avental, com suas ligas. A forma elíptica e sua obliqüidade sugerem imediatamente uma evidente analogia com a faixa zodiacal da elíptica, ou seja, com os doze signos e constelações que marcam a senda dos astros de nosso sistema solar, em seu caminho aparente, e também no real.

Agora, como a Astrologia nos ensina isso, cada ser e cada coisa têm seu próprio zodíaco, expressão individual ou microcósmica de um mesmo Princípio Universal ou macrocósmico.

Em outras palavras, há um círculo em redor de todo centro; e este círculo se divide naturalmente, por meio da dupla ação da Cruz e do Triângulo, em doze partes ou zonas distintas (cada uma das quais participa, ao mesmo tempo, de um determinado elemento da Cruz e de um do Triângulo) que correspondem exatamente aos doze signos do zodíaco.

Isto significa que a Estrela Flamígera, que representava no estado de Companheiro o Ideal e a Inspiração para uma vida superior, identificou-se, no estado de Mestre, com o mesmo coração da vida individual, da qual o zodíaco representa agora a expressão exterior.

A faixa do mestre mostra, por conseguinte, a identificação interior da consciência pessoal com a Mônada, ou centro espiritual da Vida Individual, como resultado do domínio alcançado sobre os instintos pela morte do que tem que mortal em nós e é causa interior da morte física.

A harmonia assim obtida e o completo desenvolvimento das faculdades que assim se realiza, acham-se simbolizados no estudo da Música e da Astronomia que lhe compete ao Mestre, como complemento da Retórica.

Ilustração 6

Significado da faixa do Mestre

A PALAVRA DE PASSE

É característico o fato de que a palavra de passe do grau de Mestre tenha sido e seja em algum rito adotada para o grau de Aprendiz. Como justamente se observou, o Aprendiz não pode ter palavra de passe pelo fato de que ingressa pela primeira vez na

Associação, enquanto a palavra de passe não pode referir-se, simbolicamente, senão ao transpasse de um grau a outro.

Mas esta adoção não é inteiramente arbitrária enquanto reflete a retrogradação por meio da qual o Companheiro ingressa na Terceira Câmara, como se ingressasse novamente no grau de Aprendiz, acabando por entrar no Quarto de Reflexão.

A interpretação desta palavra é um pouco difícil, por tratar-se de um nome próprio - o nome do quinto entre os oito filhos de Jafet, filho de Noé. Entretanto, o significado de tal nome, assim como a qualidade especial de quem o personifica, podem nos dar alguma luz.

Acima de tudo podemos interpretá-lo como direta transmissão mediante a Tradição Maçônica da mais pura Tradição Iniciática antediluviana, simbolizada em Noé. Em segundo lugar, dado que ao mesmo personagem bíblico se lhe atribui particularmente a indústria e o trabalho dos metais, podemos ver nesta atribuição uma referência importante à transmutação e sublimação dos metais que constituem a personalidade (aqueles mesmos metais dos quais teve que despojar-se como aprendiz ao ingressar no quarto de reflexão), que devem ser transmutados ao saírem novamente de tal quarto (que se identifica, como vimos, na Câmara do Meio) como Mestre.

Tal significado se acha confirmado pelo próprio nome de Vulcano (o ferreiro dos metais e artífice construtor dos deuses) [que] tem uma manifesta analogia com a palavra à qual nos referimos.

Se analisarmos o significado particular da palavra, podemos interpretá-lo, segundo sua etimologia proto-semítica mais aceitável, como domínio ou destruição da arma, significado muito provável, do sânscrito *ahimsa*, ou da palavra latina *innocentia*, que nos conduz a realizar a *axaxia* grega.

Outros vêem nesta palavra uma simples hebreização do grego *tumulum*, ou seja "levanto o sepulcro"[5], acepção igualmente muito provável, seja pela morte simbólica que tem que se sofrer ingressando na Terceira Câmara, seja pelo levantamento ou ressurreição do que há de morto no homem ordinário, e que virtualmente constitui o sepulcro da Individualidade.

O TOQUE DE MESTRE

Ao levantamento do recipiendário, que se cumpre na Câmara do Meio e reproduz o simbólico levantamento, efetuado por um dos nove mestres, sobre o cadáver na aparência inanimado do Grande Mestre Hiram Abiff, por meio do poder da palavra, também faz referência o toque de mestre.

Este toque se distingue muito nitidamente dos de Aprendiz e Companheiro, aos quais há de seguir enquanto representa aquele progresso na faculdade de conhecer a qualidade real ou o íntimo ser de uma pessoa, reconhecendo o que se acha em sua câmara do meio, o lugar secreto que é o assento de sua individualidade.

Além disso, as mãos que se entrelaçam estreitamente são o emblema evidente da solidariedade maçônica, que é prerrogativa e privilégio dos Mestres o fazer mais real, efetiva e tangível, no reconhecimento do Único Principio Central do qual somos todos manifestações, diferentes unicamente na aparência exterior .

---

[5] Segundo a interpretação de Reghini em "*Le parole sacre e di passo dei primi tre gradi massonici*".

Os cinco pontos de perfeição que acompanham o toque de mestre e a comunicação da Palavra têm um sentido análogo, já que por meio deste reconhecimento nossos pés direitos (a vontade de progredir) marcham em uníssono; os joelhos se acompanham num mesmo sentimento de reverência; as mãos se unem em comunidade de intenções para a ação comum; os peitos se aproximam em unidade de inspiração; e as mãos esquerdas se sustentam mutuamente na identidade de motivos que os impulsionam à ação.

Seu conjunto é o emblema mais apropriado de uma realmente perfeita e uníssona cooperação.

A PALAVRA SAGRADA

Muito difícil quer dizer qual é a verdadeira palavra abreviada nas místicas iniciais M:.B:.N:., pois se pronuncia diferentemente segundo os ritos, significando um deles, além do sentido que se lhe dá por rituais: "a carne se separa dos ossos", a "construção que segue à destruição", e a outra maneira de pronunciá-la (além do sentido ritual: "está em putrefação"), "quem nasceu do pai".

Segundo esta última maneira de pronunciá-la, acha-se em íntima relação com o nome próprio do filho incestuoso de Ló, assim como do país no qual morre Moisés. Estas referências bíblicas não se podem achar desprovidas de significado simbólico; entretanto, terá que se considerar como outros sentidos o de "construção que se acha indicado pelas três letras hebraicas que abreviam dita palavra, e outros sentidos análogos que podem derivar-se facilmente como o de: amparo ou liberação do filho, e o que está escondido. Também é muito provável o significado de nascido do mar, segundo uma transcrição de tal palavra aparecida em 1766; e outra interpretação que lhe dá o significado: "vive no filho". O mar é, pois, o meio originário de todas as formas de vida orgânica, e a água o elemento básico de toda regeneração; e cada personalidade humana é filha de uma anterior que teve que passar pela morte para renascer em nova forma.

Ilustração 7

Significado cabalístico da Palavra Sagrada de Mestre

Não devemos, entretanto, atirar ao esquecimento de que sempre se trata de um mero substituto da Palavra Verdadeira; e que, por conseguinte, o sentido particular que se lhe dá tem um valor secundário, e o que mais conta é o sentido real desta palavra, conforme o mostra a Lenda, com especial referência à maneira com que foi encontrada: é, pois, a palavra de vida que opera o milagre da ressurreição, frente às decepções da Fé

e da Esperança, representadas nas exclamações dos dois primeiros entre os três Mestres, que conseguem levantar "da Morte à Vida " o cadáver do Hiram.

Interpretando cabalisticamente as três letras hebraicas mem, beth e nun, com as quais pode representar-se esta palavra, encontraremos um significado mais satisfatório, por sua relação com a cerimônia da qual constitui a síntese e a coroação.

A primeira destas três letras é a décima-terceira no alfabeto hebraico e seu nome significa "águas". O décimo-terceiro arcano do TARÔ é o da morte ou regeneração, representando muito bem a condição preliminar do Magistério, enquanto as águas (o elemento úmido, passivo, feminino, negativo e unitivo) indicam com toda claridade o batismo da água, ou seja a negação do mal, necessária para o novo nascimento "de água e de espírito", do qual fala Jesus a Nicodemo, no Ev:. de S:. J:.

A segunda o é também na ordem alfabética e em seu valor numérico e aritmosófico; o arcano que lhe corresponde representa Ísis ou a papisa, sobre a soleira dos Mistérios que indicam um véu estendido entre duas colunas (princípios complementares), detrás dos quais se esconde o Sancta Sanctorum, ao qual se penetra pela Câmara do Meio.

O nome da letra significa "casa, recinto" e, por conseguinte, templo, lugar sagrado e oculto, ou seja a Casa do Espírito ou lugar secreto da consciência, no qual se encontra o segundo batismo, ou seja, a pedra filosófica por meio da qual se opera a transmutação.

Esta última se acha muito bem simbolizada no décimo-quarto arcano, que se corresponde com a letra nun. Não se pode, pois, pôr "novo vinho em odres velhos", mas estes têm que ser novos, ou seja, que têm de renovar-se segundo a essência ou vinho espiritual que estão chamados a conter, para podê-la manifestar.

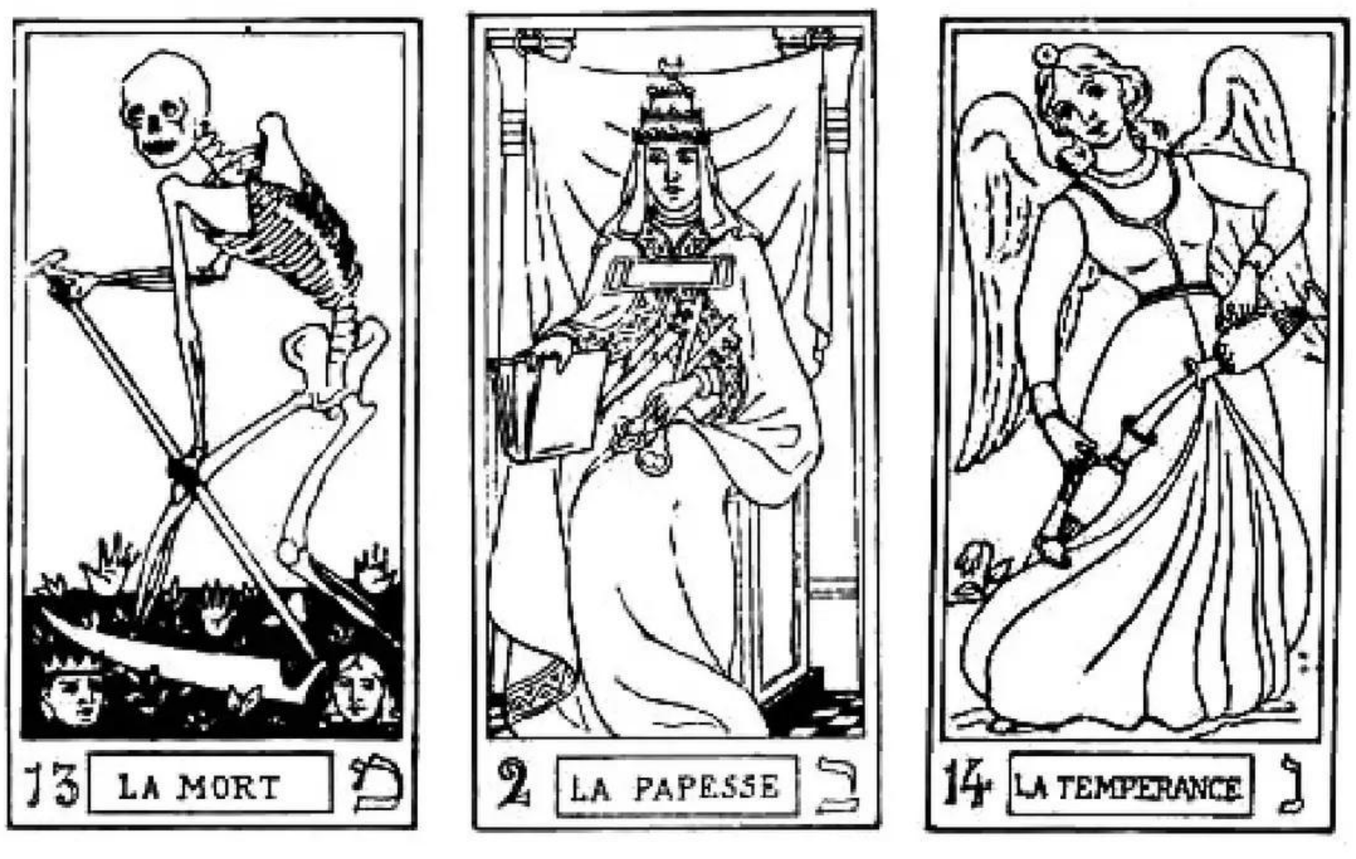

Ilustração 8

Quanto ao peixe, significado no nome da letra, indica a vida que nasce e se move nas águas (o elemento passivo e negativo que produziu a morte simbólica do iniciado) uma vez que tenha sido perfeita a regeneração. É, pois, característico que também o Cristo (ou seja, a perfeição iniciática) fosse representado por um peixe nas primeiras épocas do cristianismo, e algo semelhante encontramos no deus-peixe Oan dos Caldeus, ao qual se atribuiu toda a Sabedoria, assim como na mitra dos bispos, reminiscência dos

Mistérios homônimos, cuja forma parece indicar que quem se cobre dela nasceu misticamente do peixe ou como um peixe.

Também se refere a Palavra Sagrada do Mestre ao processo pelo qual se efetua a regeneração iniciática individual, que é a forma mediante a qual se chega ao Magistério, e à faculdade ou qualidade que realiza este processo, ou seja: o Amor .

Este último sentido se faz necessário pela direta relação desta Terceira com o significado evidente das Palavras dos dois graus precedentes, às quais segue e das quais é a coroação, como o demonstra a mesma cerimônia do levantamento, na qual o toque e a palavra de Mestre seguem às Palavras de Aprendiz e Companheiro.

Assim como a primeira palavra se refere à qualidade da Fé, que se adquire com o reconhecimento de que a força se encontra numa Realidade ou Poder Superior à aparência ilusória e exterior das coisas; e a segunda à Esperança que se realiza esperando-se que se estabeleça e se faça evidente, o que se reconheceu por meio da Fé; a terceira palavra não pode referir-se senão ao Amor, que se obtém com a morte do egoísmo e a regeneração individual, e é a Força Onipotente, a única que pode sustentar a Fé e a Esperança isoladas, sobrepondo-se a suas decepções e as vencendo.

Finalmente, se nos detivermos no significado exterior das iniciais das três palavras, encontramos que a palavra do Aprendiz se refere à consciência do Bem, ou seja, ao reconhecimento que a Realidade e Essência Fundamental do Universo é boa e benéfica, e como tal ativa e operativa no fundo de todo ser e de toda coisa, apesar da contrária aparência ilusória que o iniciado deve acostumar-se a superar, cessando de ser sua vítima e escravo.

O Companheiro deve, por sua vez (de acordo com o sentido mais significativo da primeira letra de sua própria palavra) estabelecer-se na Justiça, reconhecendo-a como Lei Absoluta e Universal, à qual nunca nenhum ser e nada podem subtrair-se, conformando com ela inteiramente todos seus pensamentos, palavras e ações, e confiando constantemente em sua Onipresença, Onisciência e Onipotência.

E o Mestre deve se identificar com a Lei Moral, fazendo-se guiar em toda coisa pelo sentido do dever e da retidão, mais que pela conveniência e pelas considerações de interesse pessoal, escolhendo constantemente o que seja maior bem e melhor em si, ou seja, os valores verdadeiros, reais e permanentes acima dos valores ilusórios, fictícios e passageiros. E igualmente deve morrer (e esforçar-se diariamente em fazê-lo) [quanto] ao vício, ao engano, à ilusão, à consciência do mal, da injustiça e da imperfeição, e enfim à própria morte, aprendendo a viver na Eternidade. Assim unicamente pode chamar-se o *dvija* ou "duas vezes nascido", tendo passado pela morte à morte, já a consciência da mesma, à Vida Real e Imortal do Espírito.

O MILAGRE DA RESSURREIÇÃO

A ressurreição, que realiza a invocação vedântica "da morte, conduze-me à Imortalidade", que como complemento das duas precedentes "do irreal, conduze-me ao Real; das trevas, conduze-me à Luz", relativas aos dois graus de Aprendiz e Companheiro, constitui o programa do grau de Mestre, que só pode ser o resultado de ter encontrado nas profundidades de si mesmo (ou seja, descendo aos infernos ou à tumba simbólica de Hiram) a palavra de vida, que se tinha perdido a conseqüência do pecado original, ou seja, da ilusão dos sentidos, a cuja voz e razões sedutoras cedeu o homem primitivo, simbolizado em Adão, seguindo os ditados rebeldes de sua própria mente, representada por Eva, sua companheira.

O significado real da palavra perdida, que os Mestres sempre procuram em seus trabalhos, é, pois, muito mais recôndito e profundo do que pode parecer à primeira consideração esotérica. Não se refere unicamente à Tradição Iniciática e Maçônica em particular, mas sim a cada Mestre que tem que descer à tumba da personalidade, que é ao mesmo tempo Ilusão, Trevas e Morte, para podê-la encontrar nas profundidades de si mesmo, e conseguir, assim, por meio desta palavra, levantar-se e viver no sentido mais real desta palavra.

Esta ressurreição ou levantamento ao Magistério é a verdadeira apoteose ou exaltação do que tem que mais elevado e vivente no homem: Sua Mônada ou Divina Individualidade, Eterna, Imortal e Indestrutível, que se achava morta, oculta e adormecida nas trevas ilusórias da personalidade.

Vencendo o vício com a Virtude, o engano com a Verdade e o egoísmo com o Amor, o Iniciado volta para estado de inocência, com o qual fica purificado e redimido do pecado original da Ilusão e de suas conseqüências (o Egoísmo, o Mal e a morte) e ressurge no Real, destruindo a raiz do mal e conseguindo aquela Divina Liberação, que é a aspiração profunda de todo ser humano.

Este é o programa real da Maçonaria em seus três graus simbólicos, e nos graus filosóficos que devemos interpretar e realizar, procurando como os nove mestres a palavra perdida que opera o milagre da ressurreição.

SEGUNDA PARTE

FILOSOFIA INICIÁTICA DO GRAU DE MESTRE

Havendo já respondido como Companheiro (com a adquirida consciência de seu Gênio Individual, simbolizado na estrela) à pergunta "Quem somos?", e reconhecida a realidade de seu Ser, Eterno, Imortal e Indestrutível, o Mestre se acha agora frente à terceira pergunta:

"Aonde vamos?" - cuja perfeita resposta lhe permitirá trabalhar conscientemente no reconhecimento e a realização de seu verdadeiro Destino.

Assim como o conhecimento dos seis primeiros números e dos correspondentes princípios geométricos foi útil e necessário para responder satisfatoriamente às duas perguntas correspondentes aos dois graus precedentes, faz-se agora necessário meditar e aprofundar nos mistérios relacionados com os números de sua idade e dos passos e da bateria do grau.

Com este estudo adquirirá o perfeito domínio da Retórica, que não é para ele (como é para o profano) ornamental e vão palavrório, mas sim a capacidade de falar em harmonia com o Princípio Geométrico Construtor do Universo, cooperando na manifestação do Verbo, que é o Princípio Latente de todo ser, de toda coisa e de toda atividade, criação e produção.

Entretanto, para que este Verbo ou oculta potencialidade interior possa realmente manifestar-se, quer dizer, para que a Palavra adquira um poder efetivamente criativo e operativo, não é suficiente que se inspire no simples conhecimento da Gramática e da Lógica, ou seja, dos Princípios sobre os quais se acha estabelecido o Universo e das relações de afinidade e causalidade que regem as diferentes coisas. Tampouco será suficiente, para o exercício das reais prerrogativas do Magistério, conhecer a Aritmética e a Geometria.

Por maravilhosas que sejam as possibilidades filosóficas que se escondem na Divina Ciência dos números e das Formas (Pitágoras e Platão nos ensinam isso), este estudo e conhecimento tem que se fazer vivente e atual, completando-se no da Música e da Astronomia.

Estas duas Artes, como as demais, não são para o Iniciado o que tão somente representam para o profano. Por esta razão são as últimas entre as sete, relacionando-se especialmente com a Aritmética e a Geometria, com as que completam o quadrivium.

Ninguém pode ser realmente músico ou astrônomo sem ser ao mesmo tempo um perfeito matemático, como é o Grande Geômetra do Universo, cujos matemáticos Princípios aparecem manifestos na sublime Harmonia das Esferas. A Música é, pois, matemática falada, e a Astronomia matemática em ação.

A IDADE DOS MESTRES

Os sete anos, que constituem a idade iniciática dos Mestres, referem-se ao conhecimento e perfeito domínio de tudo o que se relaciona com o número sete.

Este número nasce do seis pela central Unidade dos dois triângulos entrelaçados que constituem o emblema conhecido com o nome de "Selo de Salomão".

Ilustração 9

Também o encontramos no cubo com a sétima face interior, o plano no qual o homem tem que se dispor interiormente para medi-lo e medir-se nele, e que se obtém partindo pela metade a pedra cúbica com o machado do discernimento. Além disso, é a união do ternário dos princípios com o quaternário dos elementos, quando estes se somam àqueles.

Obtém-se igualmente um setenário quando se entrelaçam naturalmente três círculos, fazendo que cada um deles passe pelos dois centros dos outros. Isto aparece virtualmente evidente caso se iluminem os três círculos com as três cores fundamentais, resultando de sua combinação as próprias sete cores do espectro. O mesmo se verifica combinando oportunamente as três qualidades ou gunas - Atividade, Inércia e Ritmo, que vimos constituir os três lados do Delta (fazendo destes os diâmetros dos três triângulos), e se obtém desta maneira o setenário dos planetas, conhecidos pela antiga Astronomia e Astrologia.

Ilustração 10

No Delta há, pois, que distinguir os três vértices ou pontos que constituem seu aspecto espiritual, dos três lados que, opondo-se aos pontos, manifestam-nos materialmente. Os três pontos representam, respectivamente, os três aspectos do Ser ou Essência Suprema: SAT: o Ser ou Realidade em si (existência absoluta); CHIT: o Ser como consciência (existência subjetiva); ANANDA: o princípio de beatitude ou felicidade, como atributo inseparável do Ser (fulcro e princípio da existência objetiva) .

Quanto aos três lados, correspondem propriamente às três propriedades da Substância ou princípio materno e formativo (Atividade, Inércia e Ritmo), que materializam os Princípios Criativos do Enxofre, do Sal e do Mercúrio.

Podemos indicar estas qualidades com as três cores fundamentais, vermelho azul e amarelo, e com os três planetas, Marte, Saturno e Mercúrio, de cujas combinações obtemos outros, embora, em realidade, estes últimos, pelo fato de serem centrais, constituem a origem e são os Princípios Espirituais Criativos dos restantes. Assim se originam as correspondências que aparecem na figura.

Outra combinação dos três círculos com os planetas e metais diferente da anterior, acha-se indicada na gravura seguinte. Nela se tomam como fundamentais o Sol e a Lua, Princípios Espirituais, e se coloca logo abaixo Saturno como Princípio Material, originando-se Marte de sua combinação com o Sol, Vênus de sua combinação com a Lua, Júpiter da união dos dois Princípios Espirituais e Mercúrio da combinação dos três.

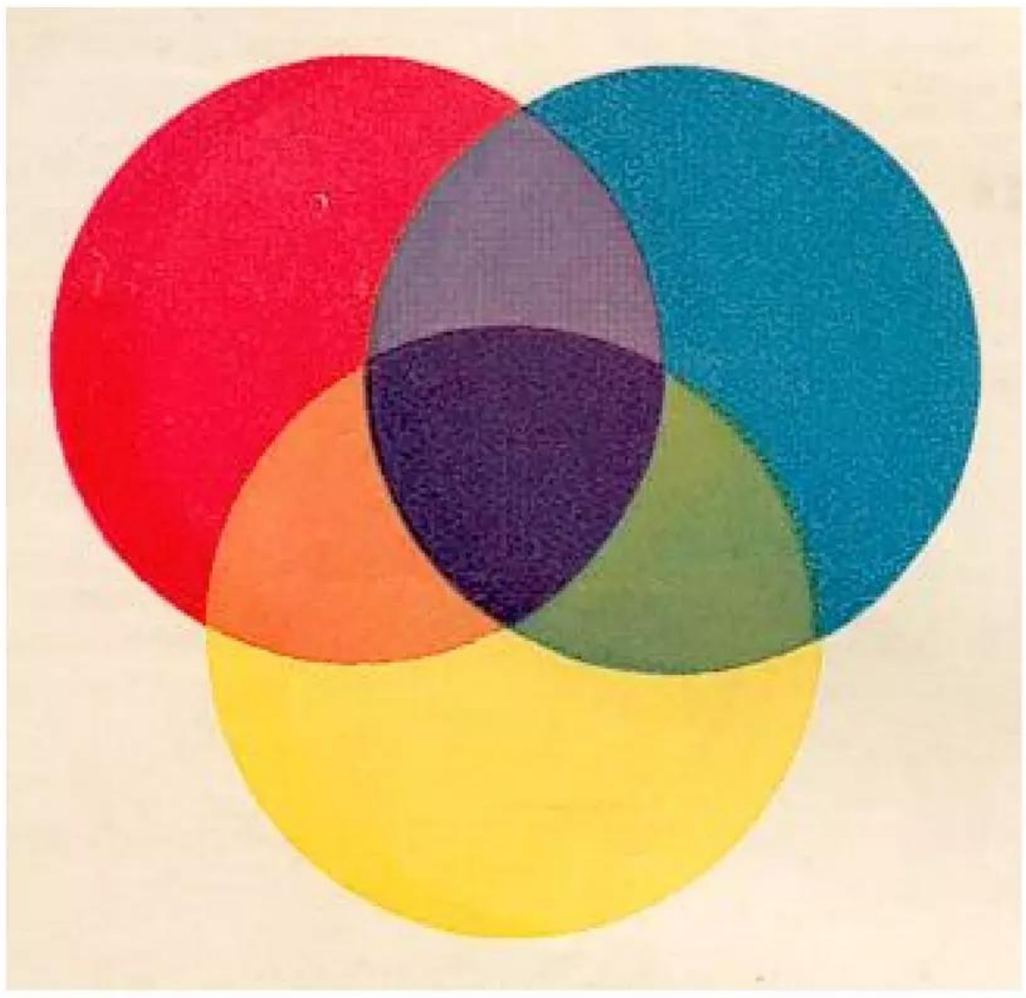

Ilustração 11

As sete cores do espectro solar, derivadas das três primitivas e fundamentais

Se juntarmos os três círculos verticalmente, segundo a Lei de Polaridade expressa no Ternário humano "Espírito, Alma e Corpo" (ao qual pode corresponder astrologicamente o ternário Sol-Mercúrio-Saturno), obteremos uma representação dos cinco princípios do homem: Espírito, Alma Espiritual, Alma Intelectiva, Alma Sensível e Corpo, com a correspondência astrológica: Sol, Júpiter, Mercúrio, Lua e Saturno, enquanto Marte e Vênus representam os dois sexos e princípios sexuais, e as duas faculdades complementares da Vontade e do Amor.

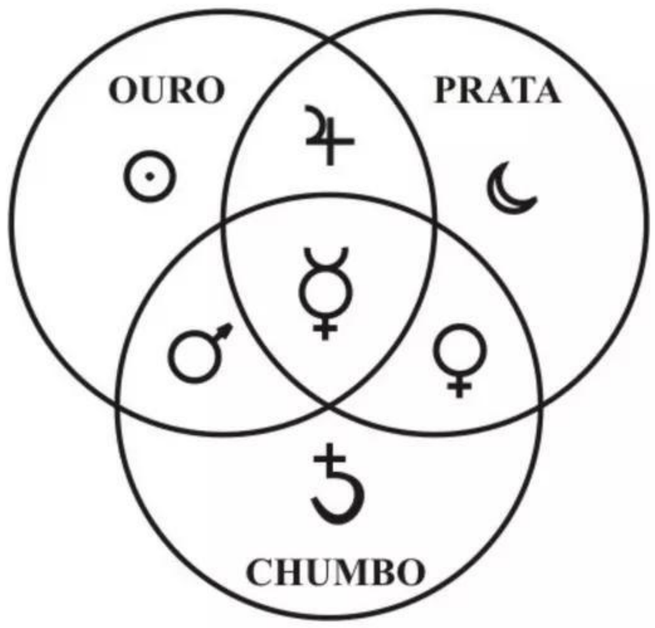

Ilustração 12

Idêntica correspondência existe com os metais, efetuando-se a regeneração individual pela transmutação filosófica do chumbo saturniano em ouro solar, por meio do mercúrio da consciência. Ou seja, tornando a ignorância que resulta da consciência do material (Saturno) em Sabedoria ou consciência do espiritual (Iluminação Solar) por meio da Pedra Filosofal (Mercúrio) .

CORES E NOTAS MUSICAIS

Há uma correspondência evidente e necessária entre as sete cores do espectro solar e as sete notas musicais, assim como a há entre os acordes destes, a gama luminosa (vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, índigo e violeta) reproduzindo-se na sonora (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si) da qual constitui simplesmente uma oitava mais elevada.

Se tivéssemos a retina suficientemente sensível, poderíamos ver os sons como vemos as cores, e se nossos ouvidos fossem o bastante refinados se poderiam ouvir as cores com suas notas correspondentes.

Esta correspondência nos faz passar do domínio da Geometria ao da Música e põe esta em relação com a Astronomia (por ser esta o Domínio da Luz, e as sete cores seus aspectos). Aplicando-a à Retórica, podemos estabelecer de igual maneira uma gama vocal, derivando as sete vocais "i, e, a, o, u, ö, ü" das três fundamentais "a, i, o", que se combinam exatamente como o vimos para as cores, e uma gama consonantal, formada analogamente pelos contatos dental, palatal, gutural, cacuminal, nasal, labial e labiodental (derivados das três articulações fundamentais dental, gutural e labial).

Ilustração 13

OS SETE PLANETAS

Os sete planetas, entendidos, segundo a Astrologia, como princípios ativos igualmente no Universo quanto no homem, constituem, com suas correspondências múltiplas e complexas, um interessantíssimo motivo filosófico.

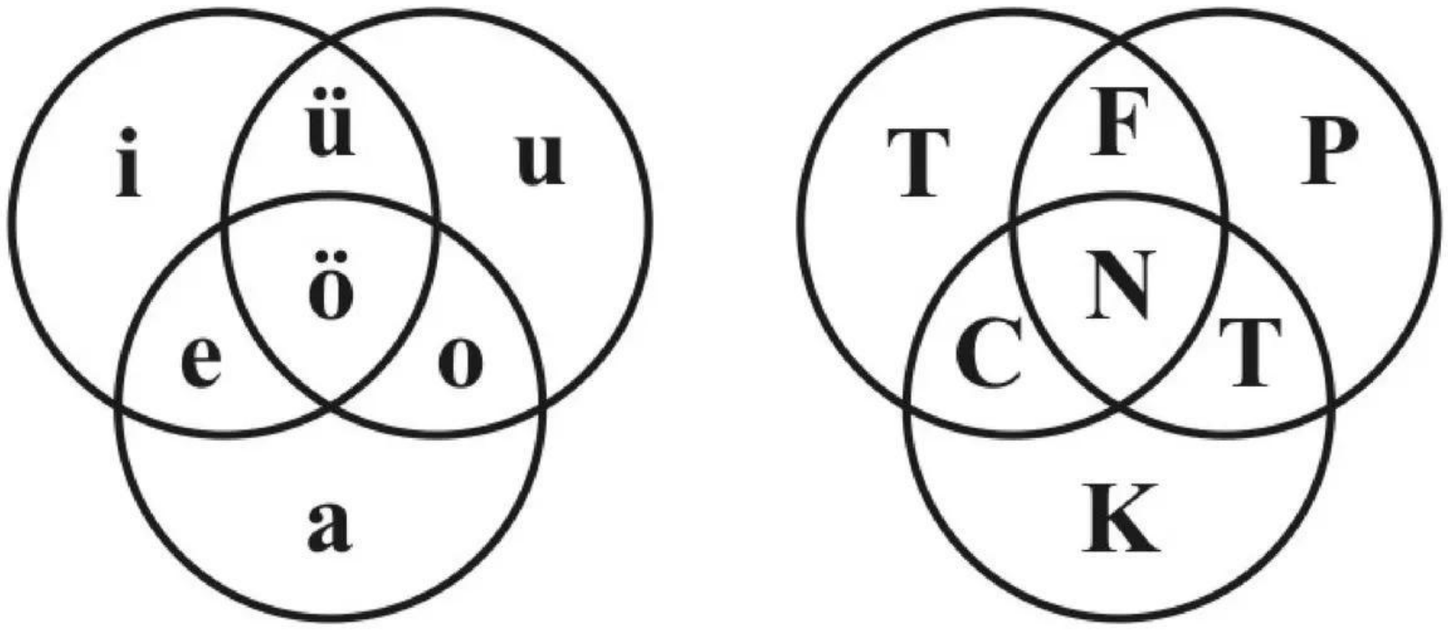

Ilustração 14

Resultam estes planetas (no sentido de forças e princípios, dos quais os corpos celestes conhecidos com igual nome são a personificação material) de um ternário fundamental formado pelas duas estrelas e Mercúrio, e de um quaternário constituído pelos pares de planetas, respectivamente benéficos (Júpiter e Vênus) e maléficos (Saturno e Marte), superiores (Saturno e Júpiter) e inferiores (Marte e Vênus), ativos (Marte e Júpiter) e passivos (Vênus e Saturno) . Os primeiros, (quer dizer, o ternário) correspondem, pois, ao domínio do Oriente, representados no Delta, e os outros (ou seja, o quaternário) ao do Ocidente, expresso pelas duas colunas.

Em seu conjunto constituem um triângulo e uma cruz, reproduzindo o símbolo do enxofre e correspondendo à combinação das qualidades e dos quatro elementos: O Sol, fusão de fogo e ar, princípio energético, positivo, elétrico e vitalizador, masculino e diurno.

A lua, combinação passiva de água e terra, princípio receptivo, feminino e fecundo, magnético, negativo e Mercúrio, mescla rítmica de ar e terra, e quintessência elementar, princípio inteligente, andrógino e mutável, eletromagnético, recebendo e refletindo as influências de outros, dos quais é, como o metal homônimo, um espelho fiel.

Júpiter, planeta benéfico por excelência, combinação rítmica de fogo e água, elétrico, positivo, fecundo, princípio da retidão, da justiça e da benevolência, emblema do Magistério.

Marte, combinação ativa de fogo e terra, elétrico, positivo, violento, masculino, princípio criador e destruidor.

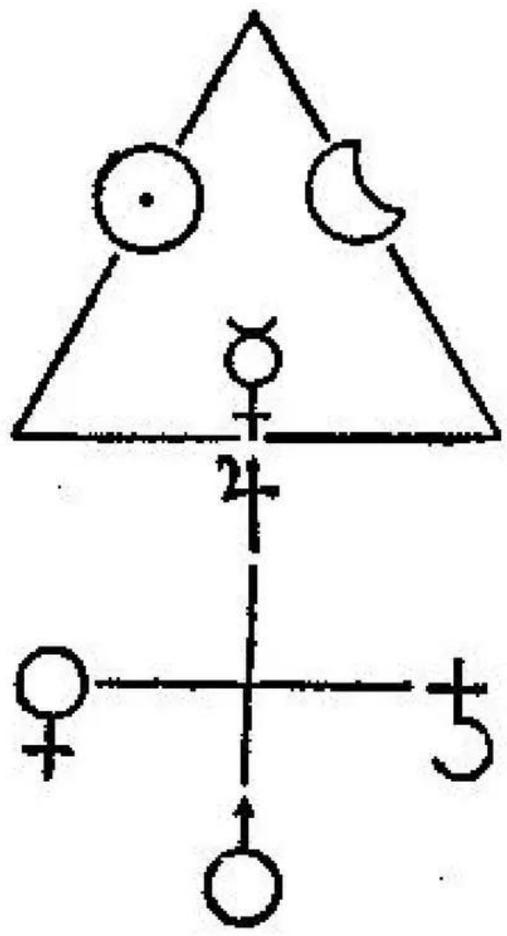

Ilustração 15

Vênus, fusão passiva de ar e água, feminina, magnética, harmônica e fecunda, princípio benéfico do amor e da atração entre os dois sexos.

Saturno, mescla passiva de ar e terra, estéril e maléfico, magnético, princípio da negação e da destruição, da inércia e da gravidade.

OS SETE METAIS

Acham-se em correspondência com os planetas os sete metais, que são considerados como meios e veículos de suas influências: o ouro com o Sol, a prata com a Lua o mercúrio com o planeta homônimo, o estanho com Júpiter, o ferro com Marte, o cobre com Vênus, o chumbo com Saturno.

Todos estes metais se encontram dentro de nós, constituindo as qualidades positivas e negativas -virtudes e vícios- de nossa personalidade, que devem transmutar-se de sua polaridade inferior em superior. Nisto consiste a alquimia espiritual, com a qual, em sua palavra de passe, o Mestre Maçom afirma haver-se adestrado.

O ouro, princípio espiritual e incorruptível da fé, da dignidade, do valor, da nobreza e elevação, pode degenerar no orgulho, na arrogância e na vaidade.

A prata, que se aproxima do ouro, embora não obtenha sua perfeição, é o emblema da Esperança e da iluminação mística; entretanto, suas tendências assimilativas degeneram na avidez e avareza.

O mercúrio, que reflete outros metais, amalgamando-se com todos e assim assimilando suas respectivas virtudes e defeitos, representa a Sabedoria, o equilíbrio, a medida e a Moderação; produz o pecado capital da inveja.

O estanho, força coesiva capaz de ligar-se vantajosamente com outros, representa a Justiça e a Benevolência; entretanto, degenera, por suas propensões exteriores, na cobiça e no vício da gula ou gulodice.

O ferro, o metal da fortaleza extremamente útil em todo trabalho e atividade construtiva, tende a produzir os excessos da cólera e da violência, assim como domina em toda bélica fúria destrutiva.

O cobre, que se aproxima por sua cor ao ouro, e cuja liga o endurece e reforça, sendo por sua maleabilidade e conservação preferido nas obras artísticas, que assim se conservam através dos séculos, é emblemático do Amor e de toda capacidade criativa e fecundidade produtiva; mas degenera no vício, e particularmente na luxúria.

Enfim, o chumbo, mais pesado que todos outros, é emblema natural da prudência e da concentração em si mesmo, da austeridade, da severidade e do isolamento, da paciência e da firmeza, da prudência e da perseverança; degenera, entretanto, no temor e na preocupação, na ansiedade, no egoísmo e na preguiça.

Para que possam, purificados de suas escórias, combinar-se, fazendo-se úteis para nosso progresso, estes metais têm que ficar no crisol da prova, mantendo sempre aceso o fogo de um entusiasmo duradouro.

Assim poderão forjar-se nos instrumentos de nossos talentos e faculdades, e nas virtudes que nos adornam e embelezam a existência.

Isto é o que tem que saber o Mestre Maçom toda vez que, por meio de sua palavra de passe, assimila-se ao bíblico-mitológico ferreiro de metais.

OS SETE DIAS

Um exemplo da clássica e universal importância do número sete, representado tipicamente nos sete planetas, nos sete arcanjos ou Inteligências (Forças e Poderes cósmicos) que lhes correspondem, encontramo-lo nos sete dias da semana por sua vez relacionados com os sete dias da criação[6].

A ordem dos planetas, no nome dos sete dias, obtém-se da ordem dos mesmos, segundo sua distância da Terra, Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua, tomando-os de três em três; quer dizer, segundo as linhas do heptagrama, que também correspondem ao acordo que pode existir entre as notas musicais e entre as cores.

O domingo, ou *dies Solis,* acha-se sob o domínio de Miguel, expressando a consciência ou "semelhança" divina (Quem como Ele?), a Divindade Suprema, Baal ou El, chamada depois pelos árabes Alá. O metal que corresponde a este dia. é o ouro, sua cor alaranjada, seu perfume é o sândalo e sua planta o louro.

A segunda-feira [N.T.: *lunes*, em espanhol], ou *dies Lunae*, acha-se sob o domínio de Raphael (o poder restaurador da Vida Divina), que corresponde à divindade caldaica Sem, sendo seu metal a prata, sua cor o branco, seu perfume o aloé.

A terça-feira [N.T.: *martes*, em espanhol], ou *dies Martis* (o Nergal caldeu) corresponde a Gabriel (Força de Deus); seu metal é o ferro, sua cor vermelha, seus perfumes a pimenta e o absinto.

---

[6] Os mesmos antropólogos remontam a origem da semana ao culto dos números sagrados, embora sem dar nenhuma explicação satisfatória sobre a razão deste culto ou veneração, cuja importância, sobretudo, é-nos evidente por sua relação com a Arquitetura Cósmica.

Os antigos semitas parecem haver herdado a semana das épocas mais remotas, como parte integrante da tradição cultural e religiosa; e eles foram quem a transmitiu ao ocidente junto com o estudo da Astrologia, e ao oriente com a religião islâmica.

A quarta-feira [N.T.: *miércoles* em espanhol], ou *dies Mercurii* (Nabu entre os caldeus), corresponde a Samael (Compreensão de Deus), sendo seu metal o azougue, sua cor o amarelo, seu perfume o benjoim.

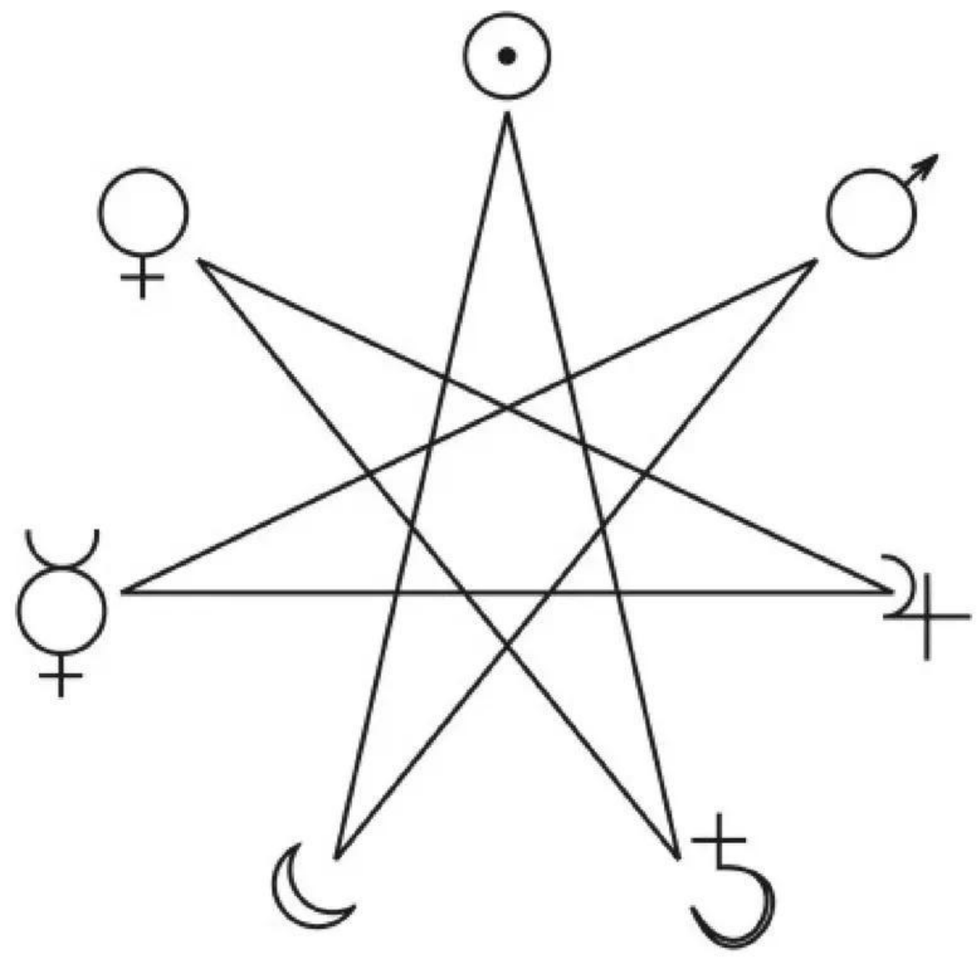

Ilustração 16

A quinta-feira [N.T.: *jueves* em espanhol], ou *dies Jovis,* acha-se consagrada a Júpiter, que corresponde com o Marduk dos antigos semitas e Zadek-El [N.T.: Zadquiel], a retidão ou justiça de Deus. Seu metal é o estanho, sua cor o arroxeado ou carmesim, seu perfume o açafrão.

A sexta-feira [N.T.: *viernes* em espanhol], ou *dies Veneris,* estava consagrada a Vênus, a antiga Ninna ou Ishtar, correspondendo com Anael [N.T.: também Hanael] (compaixão de Deus), com o cobre entre os metais, o verde ou anil entre as cores, o almíscar entre os perfumes.

Finalmente, na sábado (ou sétimo), dies Saturni, sob a dominação do deus esquento Nindar e do Casiel ou Zafiel (virtude de Deus) entre os arcanjos, cujo metal, cor e perfume são, respectivamente,. o chumbo, o azul e a mirra.

Assim, pois, cada planeta é realmente, em seu sentido esotérico e como expressão do setenário, um atributo ou aspecto do Ser e da Inteligência Divina, ao mesmo tempo em que uma particular força ou qualidade elementar. Estas últimas derivam, como vimos (igualmente que as sete cores que lhes correspondem), da combinação das três qualidades ou gunas: Rajas ou Atividade, Tamas ou Inércia, Satva, ou Ritmo; analogamente os sete atributos expressos nos nomes dos sete anjos podem ser obtidos da combinação das três qualidades fundamentais do Ser:

Sat, Chit e Ananda (que formam os três pontos do Delta) e consciência, inteligência e vontade, que formam seus três lados.

Obtemos assim a figura que se acha nesta página, na qual aparecem também as três virtudes teologais (fé, esperança e caridade) e as quatro cardeais (prudência, justiça, moderação e fortaleza).

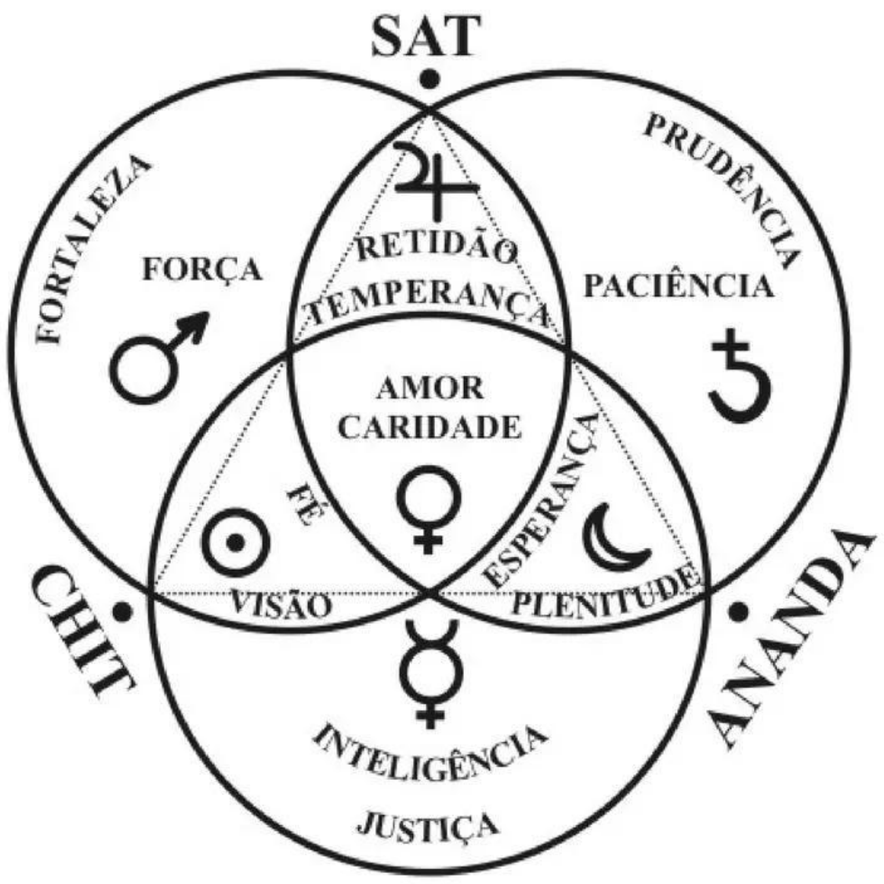

Ilustração 17

Esta correspondência material e moral constitui a base filosófica da Astrologia ou linguagem dos astros aplicada à realização do Destino dos homens, em harmonia com os princípios da Arquitetura Universal, à qual se refere o estudo combinado da Música e da Astronomia, em relação com a Retórica, que é competência dos Mestres.

Uma análoga correspondência poderia ser estabelecida com os sete raios conhecidos pela literatura ocultista moderna: o primeiro raio, da Vontade, correspondendo com a cor vermelha e com Marte; o segundo raio, da Sabedoria, com a cor alaranjada e com o Sol; o terceiro raio, da pura Inteligência, com a cor amarela e com Mercúrio; o quarto raio, da Inteligência Criativa, com a cor verde e com Vênus; o quinto raio, da Inteligência Concreta, com a cor azul e com Saturno; o sexto raio, do Idealismo ou Misticismo, com a cor anil e com a Lua; o sétimo raio, da Magia e do Ritualismo, com a cor violeta e com Júpiter. A ordem das cores corresponde aqui diretamente com a escala cromática.

OS DIAS DA CRIAÇÃO

Passando agora aos dias da criação, e estudando-os da mesma maneira, com o esquadro da razão e o compasso da compreensão, podemos ver neles as sete fases sucessivas que revelam e fazem "perfeita" a manifestação do Universo.

Esta criação, ou manifestação, foi primeira em princípio; quer dizer, como Plano ou essência latente e causal, por meio da qual se fez efetiva, começando com o movimento do Espírito de Deus (a Realidade em seu aspecto dinâmico ou Poder da Consciência) "sobre a face das águas", aspecto estático da mesma Realidade.

O primeiro dia da criação, que corresponde ao Domingo, foi a manifestação da Luz ou Inteligência Criadora, fundamento e princípio da energia e, por conseguinte, da matéria, pois esta é energia concentrada, assim como aquela é concentração de Luz, de Inteligência e de Consciência.

No segundo dia, ou seja, Segunda-feira cósmica, produziu-se uma expansão ou firmamento “em meio das águas”, separando-se as de abaixo das de cima, e a expansão se chamou céus. Esta segunda fase se refere à manifestação do espaço, por meio de uma

expansão que se fez no elemento estático ou negativo do ser (as águas), para que fora uma base firme (ou firmamento) de tudo o que se manifestasse depois.

A manifestação do espaço se acha muito bem simbolizada pela análoga manifestação ou separação (em conseqüência, de uma expansão, na qual se esforça em expressar sua plenitude) do círculo e do ponto, no qual [aquele] SE ACHA POTENCIALMENTE CONTIDO, produzindo-se assim este espaço entre as possibilidades latentes do ser, e separando-se as de cima (dentro do Ponto, numa dimensão distinta das que conhecemos) das de baixo (base ou firmamento do Universo visível e invisível), sendo seu resultado o Céu ou círculo (de *caelum*, *cavilum* ou *koilon* - oco ou vazio), no qual se formaram todas as coisas.

O terceiro dia, a Força ou Poder Divino, simbolizado no planeta Marte e no anjo Gabriel, faz juntar (como conseqüência da expansão que se produziu) as águas de baixo num LUGAR, para que se descubra ou revele a parte seca; quer dizer, um princípio ou ponto energético-consciente e material distinto e separado do Ser Indiferenciado, que pode identificar-se com o átomo primitivo, formando-se assim a "terra" (nome cuja etimologia quer dizer efetivamente seca ou queimada, em latim, em sânscrito e em hebraico) ou matéria, que é "substância" de tudo.

No quarto dia a Compreensão ou Inteligência Divina (representada em Mercúrio e Samael) une e combina aos átomos em sucessivos agrupamentos, mais e mais complexas, segundo as Leis ou Princípios Geométricos, que expressam a Sabedoria do G:.A:.D:.U:.

Assim apareceram os astros como "fogaréus na expansão dos céus para iluminar sobre a terra" e "por sinais, e para as estações, e para dias e anos". Quer dizer, a Luz ou Princípio Inteligente-Energético, manifestou-se nos átomos que constituem a terra (princípio "seco" ou separado) adicionando-os e iluminando-os com as modalidades vibratórias conhecidas como os quatro elementos. (Veja o "Manual do Companheiro"). Esta formação da matéria, por meio do movimento ou iluminação, originou a distinção do tempo, ou seja, a sucessão e duração dos ciclos e períodos (dias e anos) de que se compõe.

No quinto dia (dia do Júpiter, *Deus Pater*) a Divindade se faz Pai, nascendo a rosa da vida na cruz dos quatro elementos, para infundir-se nestes e dominá-los. As águas (superiores, ou seja, dentro do ponto da primeira manifestação) produzem répteis "de alma vivente" (a vida que se arrasta na matéria) e "aves que voam sobre a terra" (impulso evolutivo que eleva a vida em sua manifestação ascendente). É o estado vegetativo da vida, embora simbolicamente se fale de animais.

Durante o sexto dia (dia de Vênus) "fez Deus animais da terra segundo seu gênero" e "o homem, à sua imagem", para que senhoreie "nos peixes do mar, nas aves dos céus, em todas as bestas, em toda a terra, e em todo animal que anda arrastando-se sobre a terra".

Nesta sexta fase há dois aspectos distintos, representados respectivamente nos dois triângulos do Selo de Salomão: a involução do Espírito na matéria, que origina "animais da terra", segundo o gênero desta (adaptação ao ambiente) e evolução da matéria animada pelo Espírito "a imagem de Deus". São os dois impulsos indicados no estado precedente, que se fazem efetivos na vida respectivamente animal e humana, esta última devendo "dominar" àquela, e toda a matéria, como o indicam o signo astrológico de Vênus e a Cruz Ansata ou Chave de Ísis.

Em no sétimo dia "acabou Deus sua obra que fez, e repousou de toda sua obra que tinha feito. E bendisse Deus no Sétimo dia, e santificou-o, porque nele repousou de

toda sua obra". O sétimo dia indica, pois (como o número sete) a perfeição ou cumprimento e, por conseguinte, o descanso ou repouso que é resultado desse "cumprimento" e da perfeição assim alcançada. É a fase de "unificação" em que se verifica o Ioga: união e identificação de Shakti com Shiva, ou da Matéria com o Espírito, nos dois centros destes que se encontram em todo indivíduo e em toda forma de vida, respectivamente, como raiz ou sustento material (Muladhara) e essência ou impulso espiritual (Sahasrara).

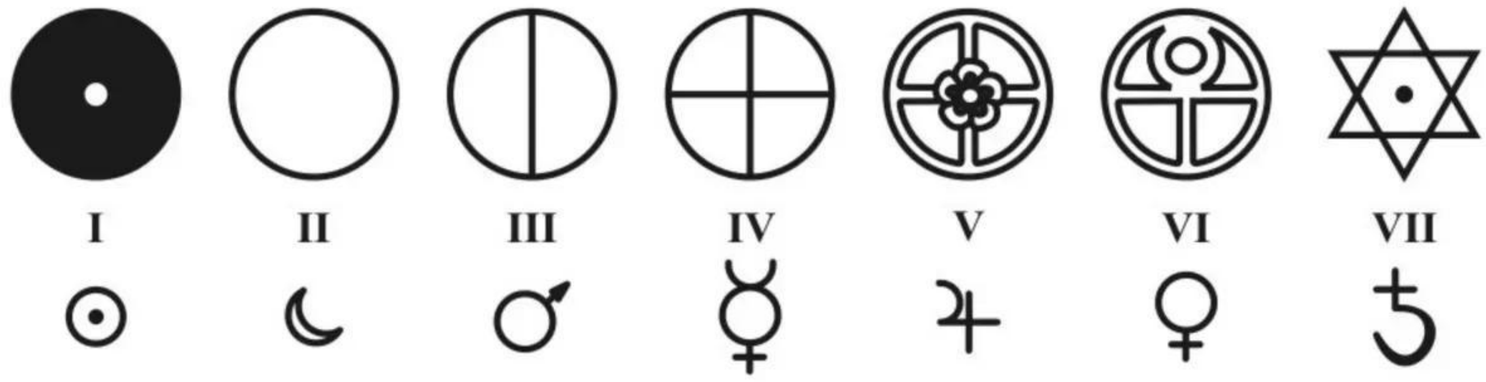

Ilustração 18

O repouso de que se fala consiste, portanto, no nirvana ou Beatitude (Ananda), que se consegue pela união individual de Sat (o Ser) com Chit (a Consciência).

As sete fases da manifestação, expressas nos sete dias da gênese, podem ser simbolizadas nos desenhos desta página, com os respectivos números e correspondências planetárias, com as quais demonstram uma clara analogia.

A MÍSTICA ESCADA

Em vários graus maçônicos se faz referência à mística escada que "une a terra com o céu", a mesma que Jacó viu em sonhos. Esta escada, emblema das virtudes e das qualidades espirituais da alma, tem sete degraus que correspondem aos sete planetas, indicando o progresso (ou elevação progressiva) do homem em sucessivos estados de consciência, do material ao divino.

Os estados ou condições da consciência, assim como os pensamentos que se elevam para o céu como aspirações e os que se manifestam em nós como inspirações, são os "anjos e arcanjos de Deus" (Mensageiros ou expressões do Divino) que "sobem e descem" pela escada, que é realmente, segundo a expressão do Jacó, "casa de Deus e Porta do Céu". A mesma torre de Babel surgiu com um propósito análogo, como o indica seu nome, que também significa "Porta de Deus".

Os sete degraus ou portas da escada são considerados, respectivamente, formados de chumbo, cobre, ferro, estanho, amálgamas, prata e ouro correspondendo aos sete planetas que dominam sobre estes metais e às virtudes da Prudência, Moderação, Fortaleza, Justiça, Fé, Esperança e Caridade.

Entretanto, aqui não se acaba o significado da escada, que tem para os Mestres o mesmo valor que o "oco das colunas" para os Companheiros. Há, pois, nesta escada um sentido individual, espiritual em sua essência, embora tenha também uma expressão física e fisiológica.

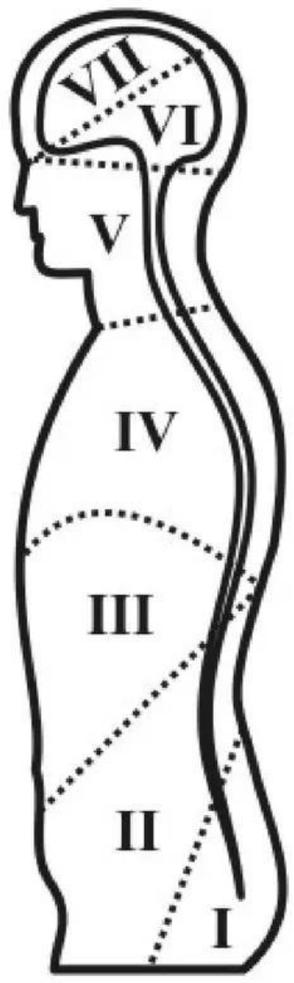

Ilustração 19

Refere-se este significado aos sete chakras ou centros vitais dos quais nos fala a doutrina do Ioga, que constituem uma verdadeira escada mística ao longo da espinha dorsal, precisamente no oco da coluna de nosso Templo Individual. De baixo para cima, estes centros de energia, de vida e de consciência, designam-se com os nomes de *muladhara*, *swadhistana*, *manipura*, *anahata*, *vishudda*, *ajna* e *sahasrara*, sendo portas dos sete mundos: *bhurloka*, *bhuvarloka*, *svarloka*, *maharloka*, *jana-loka*, *taparloka* e *satialoka*, do Mundo Físico Terrestre ao Mundo da Verdade.

Os cinco primeiros correspondem, respectivamente, com os cinco *tattvas* (veja o "Manual do Companheiro"), sendo centros dos mesmos em sua expressão individual orgânica. Assim, pois, dentro do domínio interior dos centros, o iogue adquire um poder exterior sobre os elementos. Os dois últimos são expressões dos dois *tattvas* superiores, da Inteligência (*Mahat* ou *Buddhi*) e do Espírito (*Shivatattva* ou *Paramatma*) . Fisiologicamente, estes centros se relacionam, de cima para baixo, os dois primeiros com as regiões inferior e superior do crânio, e os cinco seguintes com os cinco grupos de vértebras: cervical, torácico, lombar, sacral e coccígeo.

OS SETE CHAKRAS

Os sete *chakras* ou *padmas* (rodas ou lótus) manifestam ao redor de seu centro um número variável de raios ou pétalas, expressões das forças ou modalidades vibratórias das quais são expoentes e que determinam seu número, o mesmo que suas funções psico-orgânicas.

Muladhara (ou "sustento raiz") está na parte mais baixa da espinha dorsal, constituindo o centro de gravidade do organismo. Tem quatro pétalas e corresponde ao elemento terra ou *Prithivi*. É o assento da *Shakti* Mãe, *Kundalini*, ou seja, da expressão individual do princípio energético universal ou força criadora, que se encontra aqui "enroscada", ou o que significa em estado latente. Neste centro está, como animal simbólico, o elefante branco de *Brahma*, o aspecto criador da Divindade, e também emblema de estabilidade e imanência.

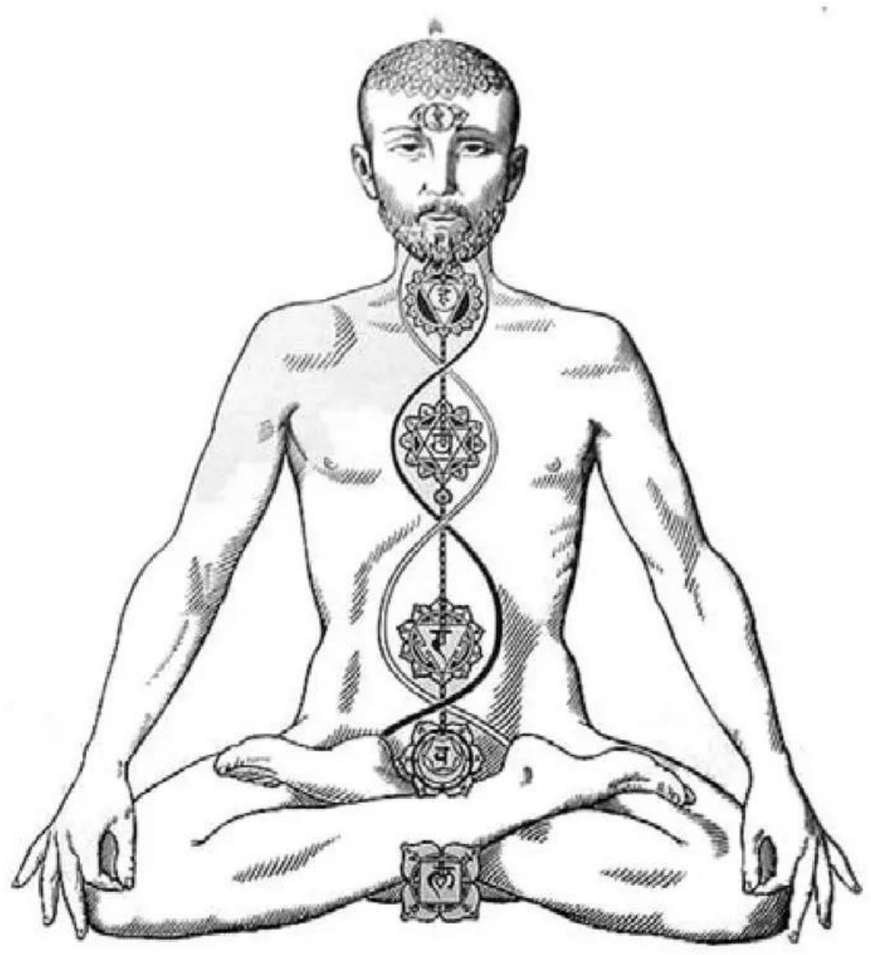

Ilustração 20

Swadisthana (“morada própria") acha-se na região sacral, presidindo os órgãos da geração. Tem seis pétalas e corresponde ao elemento água ou *Apas*.

A força que mora neste centro se acha representada por um peixe, ou crocodilo, chamado *Makara* e consagrado a *Vishnu*, o aspecto conservador da mesma Divindade.

Manipura ("gema luminosa") é o centro da região lombar; tem dez pétalas e corresponde ao elemento fogo (*Agni* ou Telhas), presidindo aos instintos em geral e especialmente às funções digestivas (*Samana*). Nele se acha representado um cordeiro que, analogicamente, corresponde a *Rudra* ou *Shiva*, a Divindade destruidora e renovadora.

Anahata ("som sem fricção") acha-se no centro do peito, como assento físico da vida individual e da capacidade de mover-se. Tem doze pétalas e corresponde ao elemento ar ou *Vayu*; em seu centro se representa um antílope, dentro do Selo de Salomão. Nele se acha a Árvore da Vida (*Kalpataru*), que satisfaz todos os desejos, E um altar encravado de pedras preciosas (*Manipitha*).

Vishuddha, na região da garganta, preside à palavra, ou seja, ao Verbo, e a sua manifestação física. Tem dezesseis pétalas, correspondendo ao éter ou *Akasha*, chama-se Porta da Liberação, e se acha representado por um elefante branco dentro de um círculo, emblema da "pureza" indicada por seu nome.

Ajna, o sexto centro, deve seu nome por revelar a ordem interior do Mestre, ou a Voz do Silêncio, acha-se no meio da cabeça, entre as duas sobrancelhas, e domina sobre a Inteligência em geral e o discernimento em particular; é o centro da visão espiritual, e como tal foi chamado o "Olho do Shiva". Tem só duas pétalas e, portanto, pode-se compará-lo a um globo alado.

Sahasrara (o "lótus de mil pétalas") está no vértice da cabeça. É o assento de *Shiva*, a Divindade latente em cada ser, que espera sua união com *Shakti*, a Força que se encontra enrolada no mais baixo dos sete centros, conseguindo-se desta união (*Maithuna*) a liberação que é objeto do Ioga (palavra sânscrita que precisamente significa União) .

Destes Centros, três interessam especialmente ao Mestre Maçom: o da garganta, o do coração e o do abdômen, já que sobre os mesmos se efetuam os três sinais; de Aprendiz, de Companheiro e Mestre, que indicam respectivamente, o domínio das palavras, dos pensamentos e dos instintos, as três fases preliminares de purificação que têm que preceder à regeneração individual. Sobre esta e sobre as particulares funções dos centros tratarão com mais detalhe nos sucessivos "Manuais", destinados à interpretação iniciática e filosófica dos graus superiores, que têm por objeto a perfeição do Magistério.

Cada grau corresponde, pois, a um dos *chakras* ou degraus da mística escada, pela qual é preciso descer para ascendê-la outra vez até a sumidade.

CORRESPONDÊNCIAS FISIOLOGICAS

Além de indicar os sete órgãos da ação (a garganta, os braços, o ânus, os órgãos genitais e os pés, relacionados com os cinco centros inferiores), este número tem uma notável importância na Arquitetura Orgânica de nosso Templo Individual.

Há, pois, em primeiro lugar, sete tecidos fundamentais (ósseo, muscular, conjuntivo, nervoso, epitelial, adiposo e sangüíneo) derivados dos três primitivos (ectoderma, endoderma e mesoderma) que constituem o embrião, havendo os outros

nascidos por duplicação do tecido primitivo, que provém da germinação da primeira célula original. Estes sete tecidos são os pedras lavradas que constituem o edifício de nosso organismo, no qual se combinam em perfeita harmonia para expressar o Milagre da Vida dentro da morte ou inércia da matéria.

Correspondem, respectivamente: o primeiro que forma os ossos, a Saturno; o segundo, que forma os músculos, a Marte; o tecido conjuntivo, a Vênus; os nervos, a Mercúrio; o sangue, a Júpiter; a adiposidade, à Lua; e a pele (da qual todos derivam, em última análise, por sucessivas modificações), ao Sol, cujos raios benéficos precisa receber para que o corpo se purifique e possa conservar-se em perfeita saúde. Na pele também se formam os órgãos dos sentidos, ou janelas que iluminam nosso Templo, e se originam os elementos sexuais ou gônadas, que o reproduzem.

Nas três cavidades de nosso organismo há sete órgãos internos: o cérebro, na primeira; o coração e os dois pulmões, na segunda; o estômago, o intestino e o aparelho excretor, na terceira. O primeiro contém o pensamento, e serve para manifestá-lo, de uma maneira análoga a um instrumento musical; o segundo distribui o sangue e os outros dois absorvem o ar para injetá-lo naquele [sangue]; o estômago elabora o alimento; o intestino o assimila, eliminando as substâncias que não possa aproveitar; e o aparelho excretor despreza os escombros da construção fisiológica.

Há, além disso, sete glândulas fundamentais: a tireóide, os dois rins, o fígado, o baço e os testículos ou ovários.

Finalmente, sete épocas fundamentais (os sete anos da Construção do Templo), que marcam o curso ordinário da vida humana: infância, adolescência, juventude, virilidade, maturidade, velhice e decrepitude, denominadas, respectivamente, pela Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. As três primeiras são de sete anos; as posteriores, de sete ou múltiplos de sete, determinando-se assim um ciclo normal diferente para cada indivíduo.

Como em todo setenário, as sete épocas resolvem nas três idades de Juventude, Idade Adulta e Maturidade, que se acham simbolizadas nos três graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, constituído o primeiro, respectivamente, por três, o segundo por cinco e o terceiro por sete épocas diferentes, de uns sete anos cada uma, formando um total de quinze, ou seja uma vida normal de 105 anos, igual a que se obtém considerando sete anos as primeiras três épocas e três vezes sete as quatro seguintes.

AS SETE ARTES

Também se relacionam com o número sete as sete artes, das quais já tivemos ocasião de falar.

A Gramática é o estudo dos sinais exteriores que representam as idéias; quer dizer, o estudo do mundo físico para a compreensão da realidade espiritual que no mesmo se manifesta. É, pois, a primeira etapa no progresso iniciático e filosófico individual: por meio da Gramática, o Aprendiz chega a compreender a Lógica, que tem que manifestar na Retórica.

A Lógica (de *Logos*, "palavra, discurso") é o estudo dos "nomes" das coisas, das idéias que a elas se referem e que as relacionam logicamente umas com as outras, estabelecendo-se assim, na mente individual, uma conexão interior entre as diferentes realidades que se acham expressas pelos signos ou letras da Gramática. O Companheiro deve aprofundar esta Arte, na qual se desenvolve sua inteligência, manifestando-se seu

Gênio Individual; e, por meio deste estudo, achar-se-á em condições de ser iniciado nos elementos da Aritmética e da Geometria.

A Retórica (de *rhetor*, "orador") é a faculdade ou capacidade de falar; quer dizer, de expressar o Verbo interior, que constitui o conjunto das possibilidades latentes em todo ser. É, pois, a identificação individual da consciência com o Verbo Divino que mora em nós, por meio da qual adquirimos a capacidade de manifestá-lo exteriormente. É privilégio dos Mestres dominarem esta Arte, a cuja perfeição se chega por meio do estudo e da prática das últimas duas artes do *quadrivium*, em complemento das duas primeiras, nas quais se exercitam os Companheiros.

A Aritmética é o conhecimento dos Princípios Eternos (Matemáticos e Metafísicos) sobre os quais se fundamenta e se acha expresso o Universo. Estes princípios são os números que expressam as primeiras manifestações da Realidade Numênica, que constituem a Essência de tudo.

Com a Aritmética se penetra no conhecimento dos Mistérios do Ser, ou seja, nos princípios essenciais das coisas, anteriores a sua manifestação geométrica no espaço.

O estudo desta última manifestação é objeto da Geometria, que se ocupa da gênese da forma como expressão dos Princípios Numéricos ou Numênicos no espaço. assim como a Aritmética se refere ao Primeiro dia da Criação, no qual o espaço não se havia ainda manifestado do Oceano indistinto do Ser (as Águas Primitivas) cujas possibilidades se concentram na Unidade do Ponto Criador; a Geometria se refere ao Segundo dia, no qual aparece o espaço, origem de toda forma ou manifestação.

A Música nos ensina a Divina Harmonia ou "conexão harmônica" que existe entre todas as coisas em sua progressiva manifestação, assim como a gênese destas na continuidade do tempo, sobre o Tear Imanente da Eternidade. Esta Arte tem que ser aplicada à vida individual para que esta possa tornar-se intérprete da Sinfonia Universal que une todos os seres e toda a Criação numa só gloriosa expressão da "unidade na multiplicidade". Como tudo é vibração, e toda vibração é som musical, a mesma Construção do Universo é uma Obra Musical; por esta razão a Música deve encontrar sua aplicação em toda forma de Arquitetura ou Obra humana.

O estudo da Construção dos mundos, como resultado da Música, inicia-nos no conhecimento da Astronomia, quer dizer, da "Lei dos Astros", que é a Gravitação Universal, e, de um ponto de vista mais profundo e essencial, o amor. Conformando sabiamente suas ações, palavras e pensamentos com esta Lei, o Mestre torna-se um verdadeiro filósofo, quando ao Amor da Sabedoria une-se a Sabedoria do Amor .

Cessa de ser (por esta Divina expansão de seu Ser, que o assemelha a um Astro radiante) o escravo das limitações exteriores às quais se acham sujeitos os homens, vítimas de seu próprio egoísmo, e já delas libertado, converte-se em Redentor e Liberador de outros.

Assim, pois, unicamente por meio deste sétima Arte se obtém a Perfeição da Sabedoria e do Magistério ou domínio efetivo sobre todas as coisas: porque todas obedecem a quem se faz superior a elas.

OUTROS SETENÁRIOS

Inesgotáveis são as possibilidades significativas do número sete e tudo o que pode encerrar sua mística instrumentalidade, tanto no domínio macrocósmico como no microcósmico.

Para ficamos no campo da última das sete artes ou ciências das quais acabamos de falar, há evidência de sistemas de sete sóis ou de sete estrelas, como aquele de que faz parte nosso próprio sol, junto com as estrelas mais próximas; as sete irmãs da constelação das Plêiades, as sete estrelas principais dos dois Carros ou Ursas, etc.

Sobre nossa terra, da mesma maneira, encontramos sete continentes: os três do mundo antigo, as duas Américas, a Austrália e a Antártida; e sete mares: os dois Pacíficos, os dois Atlânticos, o Índico, o Ártico e o Mediterrâneo.

A mineralogia nos mostra justamente sete sistemas cristalinos: monométrico, com três eixos ortogonais iguais; dimétrico, com dois eixos iguais e um diferente, todos ortogonais; hexagonal, com três eixos horizontais a 60° de distância um do outro e um quarto perpendicular; romboédrico, com três eixos equivalentes, mas não perpendiculares; trimétrico, com três eixos ortogonais diferentes; monoclínico, com um só plano de simetria; triclínico, com três eixos diferentes e oblíquos, e nenhum plano de simetria.

A geologia tem sete eras: a era formativa de nosso planeta, a azóica, a arqueozóica, a proterozóica, a paleozóica, a mesozóica e a cenozóica. Há sete tipos fundamentais de plantas: as algas e fungos, as briófitas, as pteridófitas, as coníferas, as dicotiledôneas e as monocotiledôneas.

E sete tipos de animais: Protozoários, Celentarados, Equinodermos, Vermes, Artrópodes, Moluscos e Vertebrados.

E, de acordo com a tradição oculta, sete raças humanas: duas das quais atualmente extintas e assexuadas, as três raças viventes (Negróide ou Lemuriana, Mogólica ou Atlantiana, Caucásica ou Ariana) e duas raças mais, ainda vindouras.

Ilustração 21

O NUMERO OITO

Assim como o número sete é o signo do Poder e do Domínio que se consegue com o Magistério, do triunfo alcançado por meio da Sabedoria nascida do Amor sobre toda manifestação exterior, o número oito indica a expressão do Amor no equilíbrio que é constante irradiação.

Este número, que é o cubo do número dois, denota a Perfeição que se consegue na separação ou estado de divisão (implícito no número dois) elevando-a a sua terceira potência. Em outras palavras, enquanto o número sete indica o Amor em estado de potência, o número oito realiza e faz efetivo, com o sacrifício, o Poder do Amor. Por conseguinte, este número corresponde também à Morte ou crucificação que precede à plenitude da regeneração ou Ressurreição.

Por esta razão, oito são os passos da Marcha de Mestre, por meio da qual se passa sobre a morte por meio do sacrifício da personalidade com o desenvolvimento impessoal da Individualidade, que caracteriza aos verdadeiros Mestres.

Entretanto, a palavra sacrifício deve entender-se retamente em seu significado original, que a relaciona com o latim *sacrum facere* ("fazer sagrado") como conseqüência ativa da devoção, expressa no número seis e realizada no número sete. Sacrificar e sacrificar-se é, pois, pensar, falar e operar na consciência do Divino, quer dizer, do ponto de vista interior da Realidade, em vez do exterior, respondendo da aparência: manifestar o espírito em lugar de se fazer molde plástico e "escravo" das limitações e condições expressas na matéria.

Assim, o número oito se expressa naturalmente na dupla cruz e na rosa dos ventos, que indicam a constante irradiação de todo Centro, ou seja, a contínua multiplicação ou potência dos esforços centrípetos da Individualidade; multiplicação que se efetua em progressão geométrica, até expandir-se em todo o Universo e encher com seu ser o espaço todo.

As possibilidades desta multiplicação, que constitui a Lei dos Astros (expressa pelo número oito em sua fase inicial), não têm limite. Um exemplo evidente nos apresenta na compensação que pediu o Brâmane Sisa, inventor do Xadrez, ao rajá que desejava lhe dar uma prova de sua gratidão: "um grão de trigo para a primeira casinha, dois para a segunda, quatro pela terceira e assim seguindo até a 64.ª". Embora parecesse à primeira vista uma pretensão muito modesta, o cálculo demonstrou que não era possível ao rajá satisfazer a promessa que tinha feito sem refletir.

Segundo esta mesma Lei, multiplicam-se a matéria e a vida em suas diferentes espécies: o espaço se enche de infinidades de sóis e de mundos[7], e estes se recobrem com infinidade de seres; diferentes manifestações individuais das infinitas possibilidades latentes no Mundo do espírito, ou seja, "nas águas acima dos Céus", que formam em sua essência um todo único com as de baixo e com toda a manifestação.

Este é o sentido do sacrifício da vida sobre a Cruz da manifestação, sacrifício que é expressão e expansão do Ser e de suas mais elevadas possibilidades e que unicamente o Mestre sabe compreender e realizar.

Desta forma, somente o Ser pode se alcançar a si próprio na universalidade da manifestação, e obter seu fim ou término no sétimo dia do perfeito descanso, quando conseguiu unificar-se novamente, reunindo as "águas de cima" com "as de baixo", na expansão ou vazio que constituiu o Princípio da criação.

EQUILÍBRIO E JUSTIÇA

Resultando de um duplo quaternário, o número 8 é o símbolo natural do equilíbrio em toda coisa e da perfeita justiça que resulta da Lei de Casualidade universal.

Em relação com o número sete, que inicia, organiza, produz, funda e cria., o oito é o que estabelece, preserva e consolida. O primeiro é a manifestação do Princípio Criador ou energético; o segundo, da Lei ou Ordem que tal ação estabelece. O primeiro representa o ardor ígneo purificado, enquanto que o segundo é a concentração do sal.

---

[7] Segundo as recentes observações astronômicas, os milhões de galaxias ou sistemas estelares que compõem o cosmo, vão alargando e afastando continuamente os uns dos outros em todas as direções.

Correspondem, pois, estes dois números às duas colunas B:. e J:. sobre as quais tem que elevar o Arco Real do Magistério, representado pelo número 9.

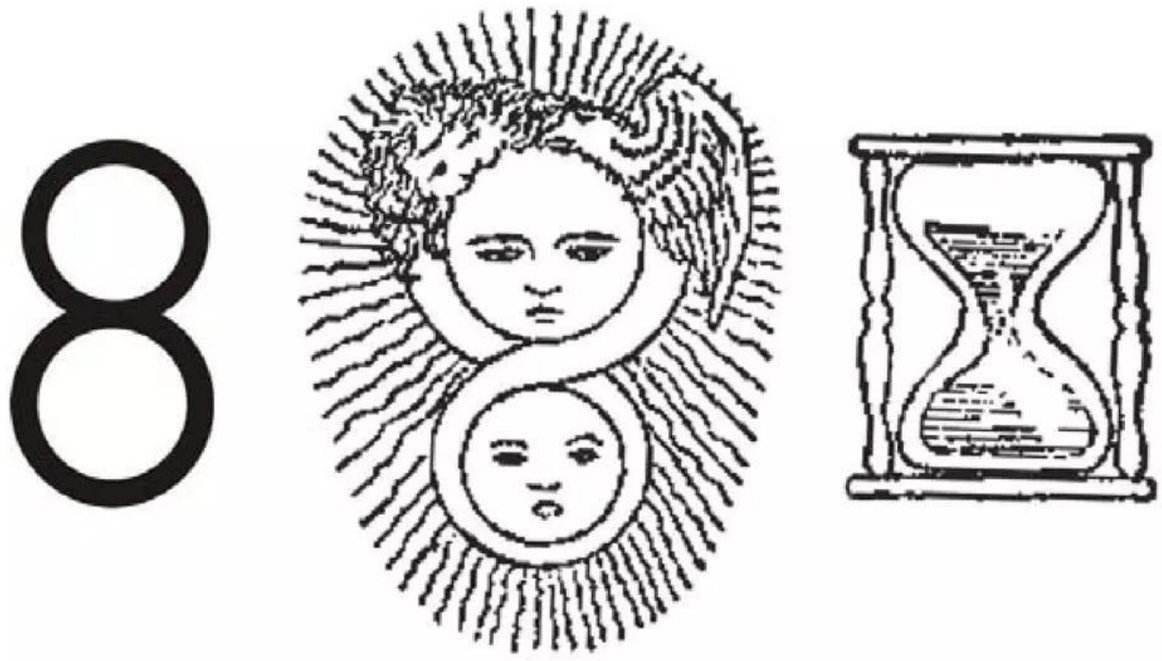

Ilustração 22

Princípio e Lei têm que se manifestar coordenadamente (esta como expressão conservadora e fecunda daquele, do qual emana a origem, a força e o vigor) cooperando na produção da Grande Obra que é a harmonia do Universo. Por conseguinte, cada setenário potencial tem que se manifestar numa oitava vibrante, em irradiações circulares opostas e equilibradas.

A cifra com que se representa o número 8, imagem de uma clepsidra, indica a sucessão do tempo em distintos ciclos, cada um dos quais é a conseqüência do outro.

Além disso, a espiral serpentina é o símbolo natural da involução do espírito na matéria para elevá-la e enobrecê-la, e da evolução da matéria para expressar e manifestar as possibilidades latentes do espírito. Esta dupla corrente, que realiza a perfeição da Grande Obra no equilíbrio ativo que resulta do contínuo fluir de todas as coisas, está muito bem representada na figura de Basílio Valentin aqui reproduzida que é uma variação do Caduceu e simboliza o "Mercúrio dos Sábios", no qual se unem as propriedades ativas do enxofre e a fecundidade produtora do sal, realizando o místico conúbio de duas estrelas nos três mundos.

Nesta figura, assim como na cifra simbólica do número 8, acha-se uma perfeita representação do elo que enlaça os dois mundos, Divino e Material, que emanam, respectivamente, das águas de acima e as de abaixo do espaço produzido na segunda fase da criação, que se unem no foco ou Mundo Central interno da consciência individual, como veículo, canal e meio de expressão recíproca. Esta figura deve ser assim um claro emblema daquele Mercúrio filosófico (verdadeira encarnação individual de Hermes ou Hiram) que o Iniciado no Magistério deve realizar em si mesmo, reunindo em sua própria consciência e inteligência, em místico conúbio, a compreensão dos dois Mundos, e realizando, mediante o equilíbrio de seu ser, a Divina Justiça.

OS OITO CABIRAS

Relacionam-se com o número oito os Cabiras ou Kabirim, quer dizer, os "Grandes ou Poderosos", divindades semíticas, cujo culto e mistérios passaram depois aos gregos e romanos, achando-se seu centro especial na Samotrácia.

Considerados como os filhos de Hefesto ou Vulcano e de uma filha de Proteu, aparecem nascidos do Fogo Divino que se manifesta nas profundidades da terra, por sua ação forjadora nas emanações da Substância Primitiva (Proteu), naturalmente disposta a tomar qualquer forma. São, pois, estes irmãos (quatro ou oito, segundo as diferentes tradições) as Inteligências Elementares, e como tais os operários da Natureza, geradores dos fenômenos e reguladores das atividades exteriores da vida.

Por esta razão, os marinheiros, especialmente procuravam sua propiciação. Eram venerados também como protetores das indústrias, das quais se consideravam inventores. Seus nomes eram sagrados, afirmando-se que se achavam dotados de um mágico poder, em virtude do qual quem os conhecia podiam obter a acolhida de qualquer petição, e se considerava um crime comunicá-los a quem não fora iniciado.

Segundo a tradição, a um deles, mataram-no seus irmãos, ao qual Hermes trouxe depois novamente à vida, com o concurso e assistência dos outros. Há nesta tradição uma manifesta analogia com a morte e ressurreição simbólica de Hiram, que tem que ser individualmente realizada por todo Mestre Maçom.

O OCTONÁRIO CHINÊS

Cabe também no estudo do octonário o símbolo que aqui reproduzimos, que vem da China e é conhecido com o nome da Kua ou Trigramas de Fo-Hi.

No centro da figura se acham representados os dois Princípios Fundamentais que nascem e se desenvolvem do círculo ou ponto que constitui a Unidade Primitiva: o Princípio que se manifesta como branco ou masculino nasce de um ponto negro ou feminino, enquanto o que se manifesta e atua como negro e feminino nasce de um ponto branco ou masculino, indicando a inversão dos valores que se realizam no reflexo da manifestação.

Ao redor do centro aparecem as oito diferentes manifestações, filhas, que realizam o cubo aritmético da Dualidade Criadora, e podem ser consideradas como os mesmos Princípios, ou forças criadoras e vivificadoras da Natureza, que vimos personificados nos Cabiras.

Os oito trigramas ou manifestações periféricas da tríplice combinação dos dois Princípios centrais, apresentam-se em quatro pares, cada um dos quais é produzido pela adição ou pelo predomínio de um dos dois Princípios cuja subdivisão quaternária aparece nos diagramas que caracterizam os quatro elementos.

Ilustração 23

Há, pois, que considerar:

Primeiro, um casal de dois monogramas, diretas representações dos dois Princípios Centrais, de cujas dúplices ou tríplices combinações resultam os seguintes.

Segundo, quatro diagramas concêntricos ou expressão quaternária da Dualidade Criadora, nos Princípios que correspondem ao Fogo, à Água, ao Ar e à Terra.

Terceiro, oito trigramas sucessivos que expressam a cada elemento em sua dupla polaridade e instrumentalidade, como Força Criadora que nasce da irradiação octonária do Centro Originário.

Assim, o Fogo produz ao mesmo tempo a expansão que vivifica e o calor que abrasa, queima e destrói; o Ar se sublima no éter e se materializa no vento; a Água se eleva nos vapores que produzem as chuvas e se condensa em sua circulação sujeita à Lei de gravidade; e a Terra produz a homogeneidade maleável dos metais e a coesão heterogênea das pedras.

OS OITO VENTOS

São igualmente relacionados com os oito Cabiras e com o octonário chinês os oito ventos, os quatro principais (filhos de Eos, a Aurora, e do titã Astreo: Bóreas, Zéfiro, Euro e Noto) e os quatro secundários.

Bóreas, o vento do Norte, era considerado como raptor de jovens; Noto ou Austro, o vento do Sul, levava as chuvas e as tempestades; Zéfiro ou Favônio, o vento do Ocidente, o venerava como um deus benéfico que favorecia a germinação, anunciando a primavera; Euro ou Vulturno, o vento do Este (ou do Sudeste) , que, ora seco, ora úmido, faz-se sentir especialmente no solstício de Inverno.

Os outros quatro são, segundo as atribuições dos antigos: Caecias ou Aquilone, o vento do Nordeste; Apelites ou subsolano, o do Sudeste; Lips ou Africus, o do Sudoeste, e Skyron ou Japyx, o do Noroeste .

Estes oito ventos se acham representados simbolicamente nos oito lados de um antigo monumento de Atenas, conhecido com o nome de "Torre dos Ventos". Os mesmos ventos são considerados como encerrados numa caverna, na fabulosa ilha Eolia (à qual atracou o herói Ulisses numa de suas viagens), sob a custódia de Éolo, quem os deixava livres segundo a ordem que recebia dos deuses.

Esta caverna, em que se reúnem todas as direções do espaço, representa as potencialidades latentes da Natureza, que se manifestam exteriormente de distintos lados, quando as Inteligências (os deuses) invocam-nas ou as chamam à existência.

AS OITO ETAPAS DO IOGA

O Ioga, considerado como o processo que conduz à realização individual do *Nirvana* (repouso ou liberação) por meio da união divina, compõe-se de oito etapas diferentes, nas quais se procede do interior ao exterior .

A primeira delas (*Yama* ou "esforço" para dominar-se) corresponde ao desbastamento da pedra bruta do Aprendiz. O iniciado ou discípulo deve adquirir, como qualidades fundamentais, a inocência ou abstenção de tudo o que possa fazer um ser vivente sofrer, a veracidade, a retidão, a castidade e o desapego.

A segunda delas (*Niyama*) é o complemento da precedente, podendo-se comparar com o polimento da pedra simbólica da personalidade. Compreende as práticas de purificação exterior e interior, a caridade, o contentamento, o estudo das escrituras e a devoção.

Na terceira etapa (*Asana* ou assento) trata-se de conseguir uma postura de imobilidade absoluta, na qual possam efetuar-se depois as práticas fisiológicas e filosóficas contempladas nas etapas seguintes. Pode comparar-se esta etapa com o grau de Mestre, por ser o exercício de *asana* uma pratica deliberada de morte simbólica, para a consecução da regeneração individual.

Desta se trata na quarta etapa, por isso se refere a sua base fisiológica, por meio do *Pranayama* (o domínio, extensão e suspensão do fôlego) sendo este o caminho para dominar e dirigir todas as funções e poderes latentes do organismo, até suspender por completo toda atividade vital.

Na quinta etapa (*Pratyahara*, ou seja, introspecção) trata-se de dirigir ao interior a atenção da mente, subtraindo-a ao domínio dos sentidos e das imagens exteriores.

Na sexta (*Dharana* ou "fixação") aprende-se a prática da concentração sobre uma idéia ou objeto determinado, chegando a penetrá-lo e conhecê-lo em sua essência real, além de sua aparência. É a condição de vidência que Balzac chamou "*specialité*" (do latim *spicere* "ver") .

A sétima etapa (chamada *Dhyana* ou "contemplação") constitui um estado mais adiantado que se desenvolve naturalmente do precedente, abrindo-se a mente ao fluxo da Inspiração Divina, enquanto contempla a glória e recebe a graça do G:.A:.D:.U:.

Na última etapa (*Samadhi* ou "identificação") se compenetra o Iogue em sua própria consciência individual com a Consciência e o Ser Universal, e cessa por completo a ilusão de separatividade ou distinção, conseguindo-a extinção do *Karma* e a completa Liberação.

Sobre cada uma destas etapas voltaremos com mais detalhe nos "Manuais" seguintes desta série, pois o fim perseguido pelo ioga é o mesmo que busca a Maçonaria, e as práticas daquele se acham indicadas simbolicamente em nossas cerimônias rituais.

O SINAL DO OITO DEITADO

Ao sinal formado por um oito deitado [N.T.: lemniscata] se conveio em fazê-lo emblema do infinito. Constituído por dois círculos unidos horizontalmente em espiral, mostra o binário (as duas colunas ou lados de uma mesma coisa, direito e esquerdo ou anterior e posterior, os dois sexos e os aspectos interior e exterior, as duas correntes ou forças paralelas, centrípeta e centrífuga), que tem na Unidade central o ponto de origem e de contato entre seus dois elementos.

Assim como no centro do peito, no coração, converge o impulso animador dos dois braços, que operam em perfeito acordo e harmonia com a idéia central que dirige seu movimento, e igualmente no centro de gravidade do organismo tem que buscar a origem do movimento animador das duas pernas, por cuja cooperação se realiza todo caminho ou progresso, assim igualmente deve o Iniciado combinar conscienciosamente os dois lados que constituem o inverso paralelismo de sua própria natureza, para que obrem em harmônica direção e cooperem ao fim comum.

São igualmente iluminadoras, deste ponto de vista, as duas figuras aqui indicadas, que se referem ao perfeito equilíbrio das forças que devem individualmente realizar-se na vida interior e exterior.

Um aspecto deste equilíbrio tem que se buscar entre os dois sexos, de cuja cooperação harmônica resulta a sociedade e a vida das famílias e das nações.

Os dois sexos são, pois, primitivamente, dois aspectos ou lados dirigidos (como os dois braços e as duas pernas) para um único objeto, para uma comum finalidade, e suas diferentes atividades devem se coordenar harmonicamente para conseguir esta finalidade, assim como se acha coordenada, com diferentes e análogas funções, a atividade dos dois lados de nosso organismo.

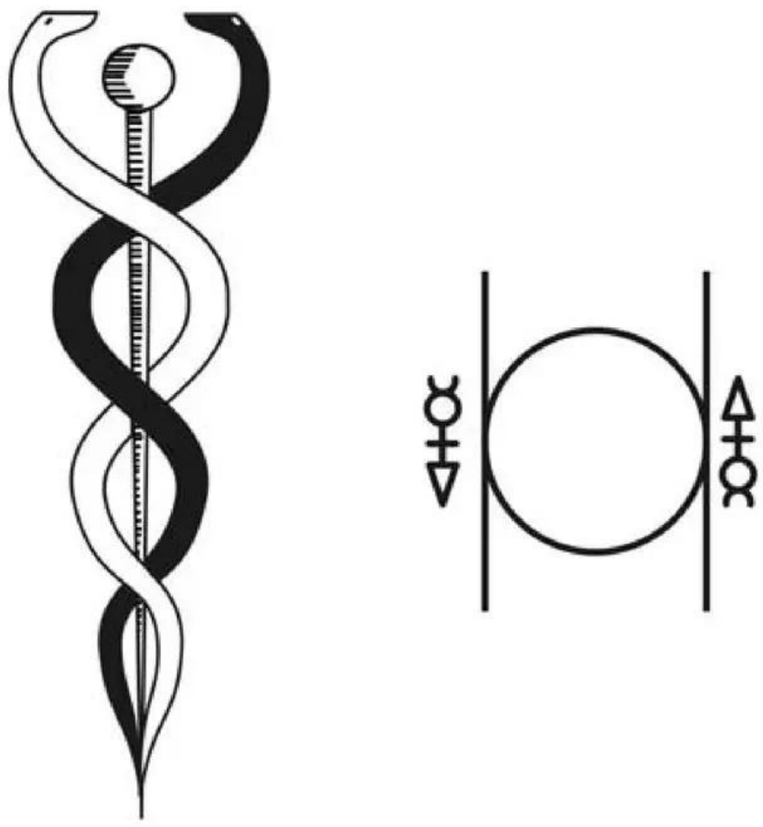

Ilustração 24

Encontrando-se os dois sexos em estado potencial no mesmo indivíduo (como o demonstram igualmente a anatomia e a psicologia) sua diferenciação provém da diferente direção tomada cada vez pela Individualidade, sendo propósito final desta a reconstituição ou reintegração da unidade que resulta do perfeito desenvolvimento e do equilíbrio entre estes dois lados da humana natureza.

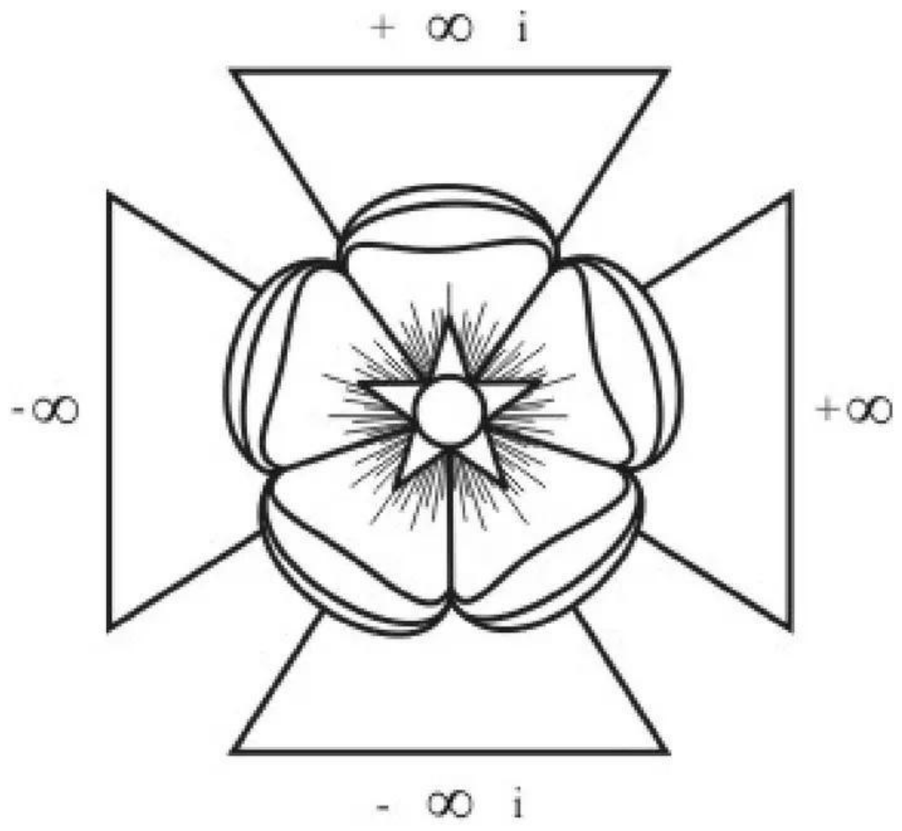

Ilustração 25

Esta finalidade se acha simbolicamente indicada no Divino andrógino, que é propósito do Iniciado encontrar e realizar em si mesmo, como conseqüência de sua completa regeneração individual. Combinam-se assim e se realizam em seu único centro as possibilidades iniciadas nos dois infinitos (+ e -) assim como na dupla serpente do Mercúrio filosófico e do caduceu. Mesclando-se neste centro as águas de cima e as de baixo (o + infinito e o - infinito da matemática) o Iniciado descansa como a mística Rosa na Cruz da Perfeição, e pode então dizer com real conhecimento: *Consummatum est*!

O OCTAEDRO

A Cruz da Perfeição é, pois, a extensão num mesmo plano da pirâmide quadrangular, assim como a Cruz da Crucificação, resulta da extensão do cubo[8]. Medindo-se na pirâmide, com seu coração no vértice da mesma, o Iniciado obtém a perfeição, ou seja, a perfeita igualdade de suas quatro dimensões.

Entretanto, a Pirâmide é a metade do octaedro, o terceiro entre os cinco sólidos regulares, caracterizado por oito faces iguais, formadas por triângulos eqüiláteros.

Assim, pois, terá que considerar nesta sua perfeição dois aspectos, superior e inferior (que são obtidos por meio da união e identificação dos dois vértices opostos do octaedro), que devem virtualmente coincidir, projetando-se no quadrado central da realização. Realiza-se assim, em suas duas faces, a Cruz Templária da perfeita individualidade, e pode se manifestar neste Templo interior o Plano da Nova Jerusalém, ou seja, uma vida exterior renovada pela renovação da Vida Interior.

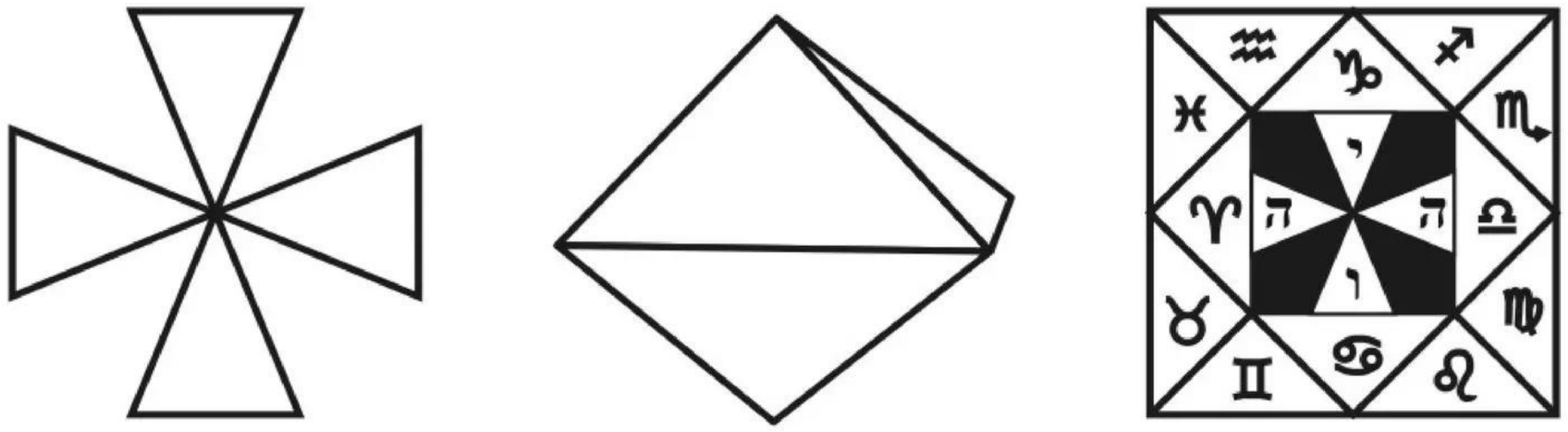

Ilustração 26

O NUMERO NOVE

Vimos que o número sete é o resultado da combinação dos três elementos do Ternário, formando um quaternário que se junta com o ternário primitivo. Se ao invés de se combinarem, mesclando-se uns com os outros, os três elementos fossem multiplicados com o fim de se desenvolverem as qualidades que nos mesmos se encerram num estado latente, para manifestá-los em toda sua plenitude, obtém-se assim o novenário, como extensão ou quadrado aritmético do ternário.

Igualmente, assim como o número sete é eminentemente ativo e criador (correspondendo à coluna B:. do Templo maçônico e Salomônico) e o número oito passivo, equilibrante, conservador e produtor (correspondendo à coluna J:.), o nove

[8] Veja-se "Manual do Companheiro".

representa o terceiro elemento do ritmo e da harmonia, da iluminação e da inteligência, que faz fecunda a união do setenário com o octonário, o Arco Real do Magistério que se estende e eleva sobre as duas colunas, ou seja, o Amor que complementa e une a Fé e a Esperança e as manifesta em uma vida e em uma atividade úteis e proveitosas.

Por esta razão o novenário (ou triplo ternário) foi adotado pelos Mestres como número simbólico de seus toques e bateria.

Em relação com o número sete, como esforço ativo orientador na busca da Verdade, e com o número oito, como equilíbrio que resulta do estabelecimento na mesma Verdade, o número nove é o emblema da tradição ou conservação e transmissão dos conhecimentos iniciáticos, no segredo inviolável da compreensão individual. Por conseguinte, este terceiro número resulta o atributo natural e necessário do Magistério, que se realiza na perfeição setenária e se expressa em um octonário como força e poder de irradiação.

Entre os nove Mestres que vão em busca da Tradição sepultada com o Arquiteto Hiram entre as ruínas do passado, foi precisamente o terceiro grupo (quer dizer, que corresponde aos números sete, oito e nove), que conseguiu o intento de suas pesquisas entre as regiões do Ocidente: o sétimo Mestre descobriu e localizou os assassinos na gruta do Ben-Acar (que significa filho do, estrangeiro ou filho do além) , perto de Jopá (a luz, a beleza, o resplendor); o oitavo encontrou a tumba de Hiram sobre a cúpula de uma colina, que alguns identificam com o Monte Calvário, e pôs sobre a mesma, para reconhecê-la, o ramo de acácia; mas foi unicamente o nono Mestre quem, com o auxílio dos dois precedentes, pôde levantar o Corpo do Hiram, vivificando por meio do Amor filosófico a Tradição na aparência morta e sepultada.

Isto quer dizer que a plenitude operativa do Magistério, alcançada pela instrumentalidade dos dois números precedentes, unicamente se realiza em e por meio do número nove.

OS TRÊS ARCANOS DO MAGISTÉRIO

Como este último número se refere à Inteligência implícita na Tradição, e a conseguinte capacidade de transmiti-la e conservá-la, cabe aqui estudar e examinar, em sua recíproca correlação sucessiva, os Arcanos do TARÔ, que se referem à instrumentalidade dos três números sete, oito e nove, e nos apresentam esta na forma de uma imagem simbólica e alegórica.

Estes três arcanos são, respectivamente: o Carro, emblema do triunfo; a Justiça, emblema da força equilibrada em todas suas direções, e o Ermitão, emblema da luz oculta e de sua busca no silêncio da concentração individual por meio da qual pode ser realizada interiormente e expressa exteriormente.

No primeiro se acham representadas, respectivamente as qualidades e capacidades que conduzem ao Magistério, por meio do domínio e do "enjugamento" da natureza inferior, simbolizada pelos dois leões, esfinges ou monstros que têm que conduzir o carro da vida ou existência individual, ao qual se encontram presos. Como estes animais são dois (como as duas rodas, com as quais formam o quaternário inferior) terá que se considerar aqui, a este respeito, o domínio sobre os pares de opostos por meio do qual unicamente pode o carro estabelecer-se num perfeito equilíbrio estático interiormente e dinâmico exteriormente, progredindo no caminho da eterna realização.

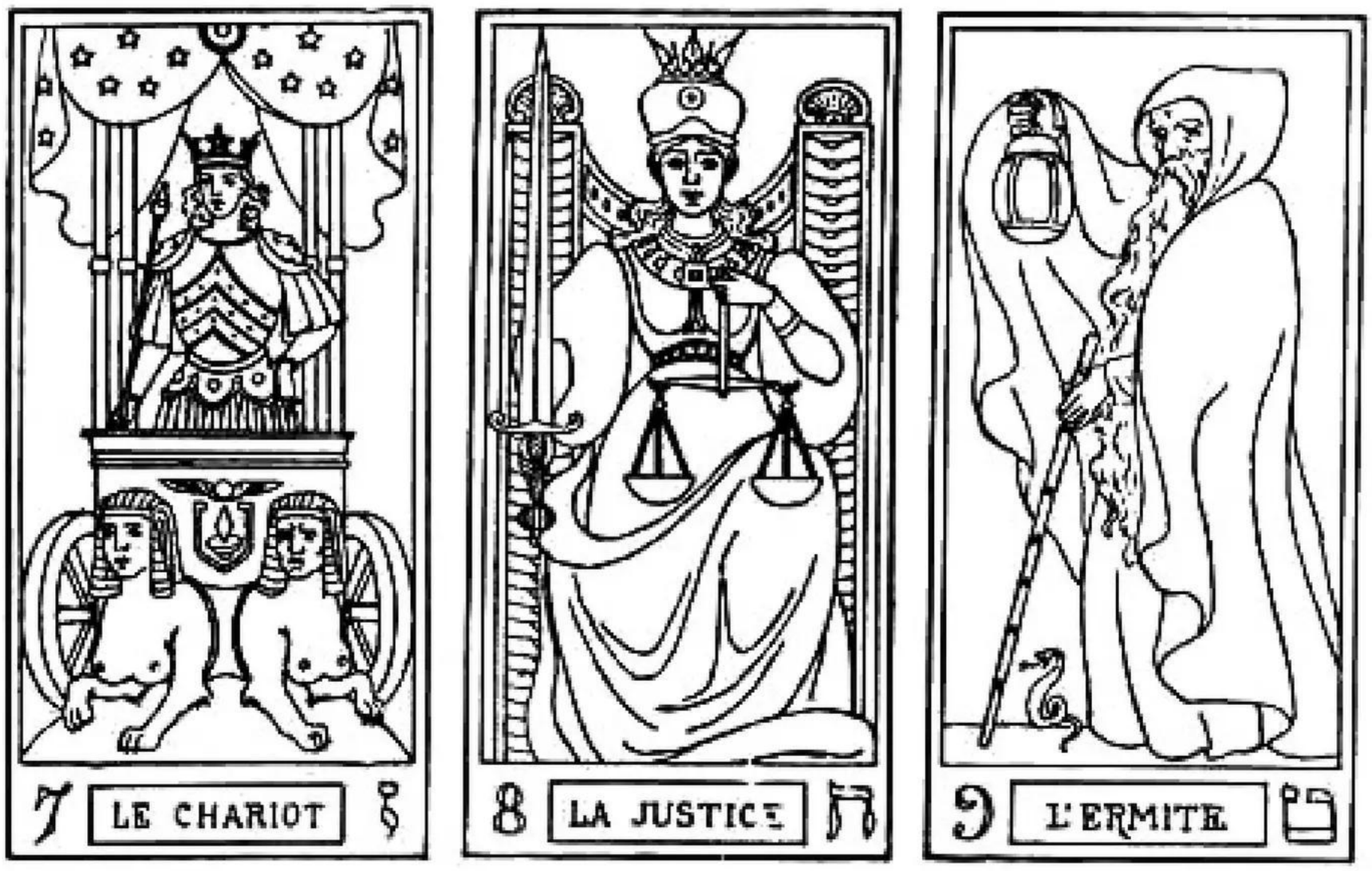

Ilustração 27

Este domínio se consegue por meio do ternário superior, formado pelo Carro, o Homem que o guia e o Teto ou baldaquino que o recobre.

O carro é o emblema da mente como instrumento passivo e relativamente inerte da realização; o homem indica a consciência individual que se assenta, estabelece-se e vive na mente, fazendo da mesma sua própria casa ou mundo interior; o Teto, semeado de estrelas, representa o Céu ou mundo divino, o reconhecimento e fidelidade aos Princípios, a Realidade Suprema que põe sobre a cabeça do homem a coroa ou coroação luminosa de seu ser, emblema de soberania, e em sua mão direita o cetro ou capacidade de "reger".

No segundo dos arcanos, este emblema se converte na espada da vigilância, sujeitada com mão firme e dirigida para cima, em perfeita retidão de entendimento e aspirações, enquanto a esquerda, sobre o coração, sustenta uma balança, símbolo de eqüidade, equilíbrio e precisão em todo juízo e atividade mental.

Assim como na primeira figura o triunfo ou domínio se alcança dinamicamente, por meio do movimento do Carro sabiamente guiado, na segunda se representa o aspecto estático interior deste triunfo, como estabelecimento numa condição de firmeza e equilíbrio, que se faz ponto central de irradiação e gravitação. A mesma tumba de Hiram, como centro de gravidade e ponto central para o qual se acham dirigidos e convergem os esforços da busca, é um emblema da condição mental de firmeza e irradiação equilibrada representada pelo octonário.

O terceiro arcano mostra o movimento que se desenvolve ao redor do Centro Individual, assim alcançado e estabelecido pela força e qualidades implícitas no primeiro; há aqui uma Luz oculta ou velada, que o Mestre manifesta e esconde ao mesmo tempo por baixo do manto que o recobre, emblema da condição de Paz e Serenidade, obtida com sua Marcha ou passagem sobre o octonário, que tem o poder de isolá-lo de toda força contrária, de todo poder ou influência exterior.

A luz oculta que se manifesta na iniciação, expressando-se nos trabalhos simbólicos, está muito bem representada na mesma forma do número 9, que também indica o movimento espiral que origina os mundos, ao redor de um centro de gravidade e Irradiação. Esta luz Oculta, que é a mesma tradição, conservadora e irradiadora da Verdade, não pode encontrar-se senão nas mãos dos Mestres, já que unicamente estes podem guardá-la e transmiti-la em sua compreensão individual, manifestando-a e ocultando-a ao mesmo tempo, como o mostra o nono arcano do TARÔ: só com esta Luz pode se encontrar que foi perdido e vivificar-se aquilo que parece morto ou latente.

A PRANCHA DE TRAÇAR

A prancha de traçar é outro interessante emblema que se relaciona com o número nove, representando-se tradicionalmente por um quadrilátero dividido em nove partes por meio de sua tríplice divisão vertical e horizontal.

Como instrumento no qual se traçam ou expressam os planos da Construção, manifestando-se as normas e regras que têm que servir de guia para outros, seu uso competente pode ser atributo e privilégio só dos Mestres, apesar de que os Companheiros podem e devem exercitar-se sobre ela para estudar os princípios da Aritmética e da Geometria e suas aplicações à Arquitetura individual, cósmica e social.

Entretanto, só os Mestres sabem e podem dirigir devidamente este emblema do espelho limpo e claro da Inteligência, por meio da régua que faz constantemente reta a linha traçada pelo *lapis philosophorum* do entendimento profundo das coisas, com o auxílio do esquadro do Juízo e do compasso da Lógica, da Razão e da Compreensão.

O que nos compete agora, em relação com este instrumento, é examinar suas aplicações assim como se acha constituído por um quadro subdividido em nove partes iguais, que representam uma tríplice extensão ou triplicidade do ternário.

As nove cifras que podemos inscrever dentro dos nove quadrados nos oferecem uma guia para este exame, em cada uma das três linhas horizontais nas quais as dispusemos, com os três números que são objeto de estudo e compreensão, respectivamente, dos Aprendizes, Companheiros e Mestres.

Quanto às três colunas verticais, encontramos na primeira a unidade, sua expressão na tétrade e sua realização num setenário; na segunda a dualidade criadora, que se expressa interiormente no Poder da Inteligência (número cinco) e se realiza exteriormente na irradiação equilibrada representada pelo octonário; e na terceira há o princípio do ritmo em sua tríplice expressão, como harmonia fundamental no reino dos Princípios, harmonia interior no domínio da Inteligência e da vida humana, e harmonia exterior realizada pela soma da segunda com a harmonia fundamental iniciada no ternário.

Assim, pois, podemos ver nas três linhas horizontais os três mundos: o Mundo Divino dos princípios e da Realidade fundamental, o Mundo Interior da Consciência e Inteligência Individual e o Mundo Exterior dos Efeitos e da realidade sensível. E nas três colunas os três princípios da Unidade, Dualidade e Trindade, ou seja a Atividade Criadora, o equilíbrio Conservador que a complementa e o Ritmo produzido por ambos, como suma e manifestação dos mesmos no espaço e no tempo.

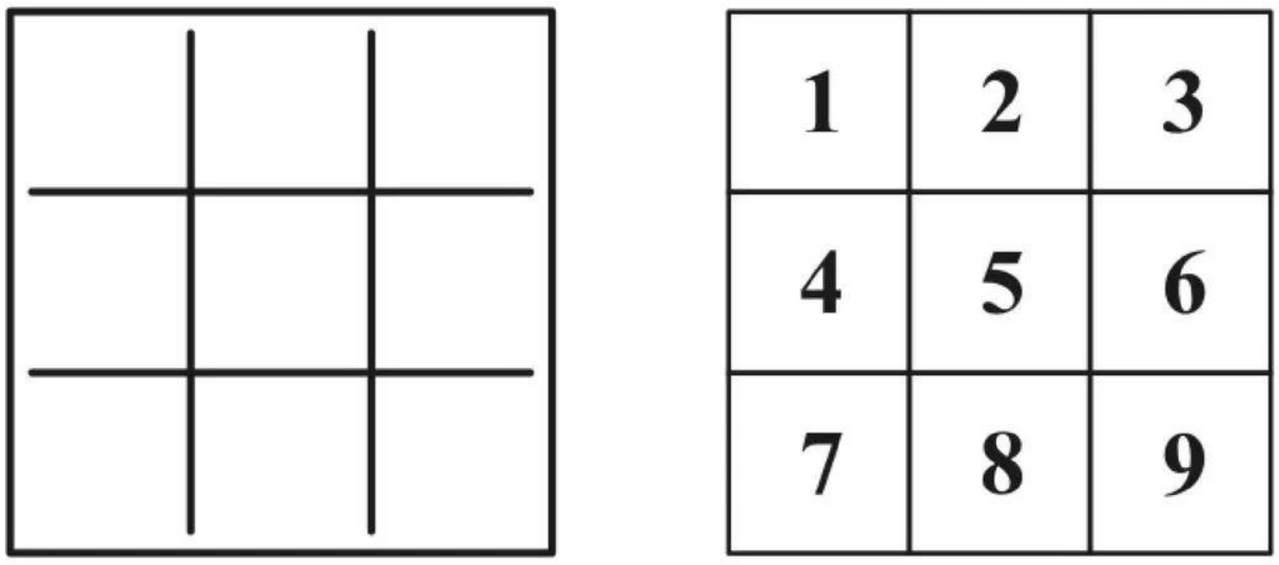

Ilustração 28

O NOVENÁRIO TRADICIONAL

É-nos possível agora compreender a relação lógica que se estabelece entre os primeiros nove Arcanos que constituem o novenário tradicional.

O número um (o mago ou adivinho) representa a unidade do Princípio Originário, cuja consciência tem que estabelecer em si quem aspira a toda Obra Magna, a toda realização Divina. A letra "A" ou *alef*, que lhe corresponde, mostra a Unidade como origem de toda Dualidade e síntese realizadora do Ternário.

O número dois, ou seja, Ísis ou a Papisa, é a manifestação dual da Unidade que origina a feminilidade receptora e produtora da Natureza, representada na primeira, e o poder adaptador da Imaginação que nos dá as chaves do Mistério encerrado pelo dualismo das duas colunas.

A letra "B", ou *beth*, expressa este dualismo que nasce da curvatura ou abertura interior da Unidade Mãe.

O número três, a Luz Divina ou Imperatriz, é o Princípio Construtor e Dominador do mundo ao qual faz referência o primeiro dia da criação, o Ritmo Criador que domina em toda forma de vibração, igualmente no mundo divino dos Astros, simbolizado pelas estrelas, como no da Inteligência, representado pelas asas, e o da vida manifestada ou sublunar.

A letra "C", ou *guimel*, é a expressão natural desta vibração, que origina a "G", princípio geométrico e genésico do Universo.

O número quatro, a Vontade ou Imperador, a cruz ou quadrado dos elementos que produz a pedra cúbica da realização, sobre a qual tem seu assento, mostra o tetragrama no qual se expressa a Unidade Fundamental, como centro de atividade para operar nas três dimensões que originam o espaço (igualmente representado pela pedra cúbica) mediante o qual a Vontade pode operar.

A letra "D", ou *daleth*, é outra representação do espaço (criado no segundo dia ou fase genésica) que se torna a porta da manifestação.

No Arcano precedente, vemos o reflexo interior do Primeiro Princípio como Vontade Individual; no seguinte, expressão alegórica do número cinco (A Razão ou Papa) vemos a Potência criadora da Natureza, que se expressa na Inteligência Individual, por meio da qual se cria interiormente a Causa de todo efeito ou manifestação exterior. A letra "E", ou *hé*, é emblema deste poder manifestado pela Individualidade no espaço.

O oculto número seis (a escolha individual simbolizada no "enamorado") corresponde de igual maneira com o terceiro como aspecto interior do Ritmo Criador dos mundos, que decide a Realização da Inteligência, representada na cifra 6, na letra "F", ou *vau*, e no dia de Mercúrio, o quarto da criação.

Os três arcanos sucessivos, próprios do grau de Mestre, referem-se analogamente ao mundo exterior dos Efeitos, assim como os primeiros indicam o mundo transcendente dos Princípios e os segundos o mundo interior das Causas.

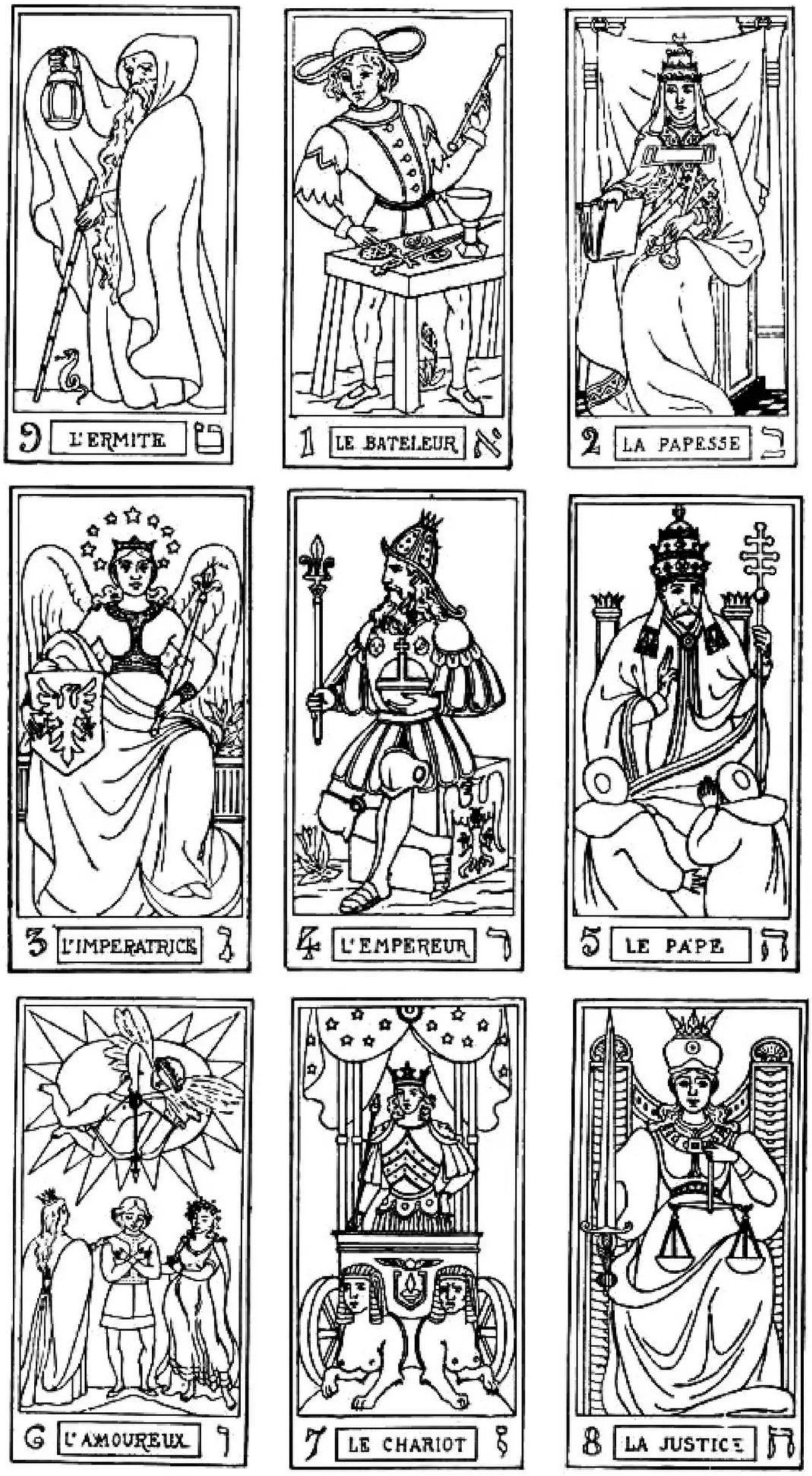

Ilustração 29

O sétimo é o Imperador, que realizou o Poder da Unidade na perfeição da ação, convertido no triunfo ou carro, veículo ou meio de expressão. Corresponde assim com a Vida que anima a matéria e a domina no quinto dia da Criação. É o quaternário dos elementos, o veículo do ternário Consciência / Inteligência / Vontade, o Poder Ativo que opera a realização.

O número oito é a Razão ou Princípio interior do Juízo (nascido pela compreensão dos opostos, representada no arcano número dois), que se manifesta exteriormente, como princípio de Equilíbrio ou justiça, ou seja, a Humanidade que se esforça na expressão do Princípio em cuja imagem foi criada. Corresponde com o sexto dia da criação no qual se expressa a dualidade para que possa se realizar sua unidade.

Finalmente, no número nove, vemos o Princípio da Luz Divina, Criadora dos mundos (simbolizada na Imperatriz, que ilumina a eleição individual e caracteriza o Princípio Libertador do homem) expressa exteriormente como a Luz Oculta da tradição e da religião (duas palavras e termos equivalentes, em seu sentido interior), por meio da qual a Humanidade obtém a Perfeição do Magistério, ou seja, o sábado individual, no qual o Deus que mora em nós descansa, por ter concluído sua Obra.

APLICAÇÕES DO NOVENÁRIO

Respondendo as três linhas horizontais às três perguntas: "De onde viemos?", "Quem somos?" e "Aonde vamos?", podemos naturalmente representar nas mesmas os três conceitos do passado, do presente e do futuro .

Em relação com os três aspectos do tempo, pode se considerar a primeira coluna como indicadora do sujeito, a segunda do predicado e a terceira do objeto de uma determinada ação. A prancha de traçar, ou quadrado analógico do número três, apresenta-nos assim a mesma ação, com referência ao passado, ao presente e ao futuro .

1	**2**	**3**
4	**5**	**6**
7	**8**	**9**

Ilustração 30

De igual maneira podem se atribuir três linhas horizontais, respectivamente: à idéia ou motivo da ação (que se refere ao Mundo dos Princípios); à vontade, impulso ou desejo que expressa a mesma idéia ou princípio (Mundo Interior da consciência); e à ação que a manifesta (mundo exterior dos efeitos). O sujeito, o verbo e o objeto indicados pelas três colunas, são relacionados em suas três fases de ideação, volição e ação:

1. O pensador, o "eu", centro de uma determinada atividade mental que emite uma idéia ou pensamento (o Mago ou Adivinho do TARÔ).

2. A ação de pensar, que se acha na mesma relação com o sujeito pensante que a que existe entre o primeiro e o segundo arcano do TARÔ.

3. A idéia pensada, produto da ação de pensar (a Imperatriz do TARÔ), com a qual se completa o trinômio ou linha da Ideação.

4. O eu que quer uma determinada coisa, ou seja, a expressão ou realização da idéia pensada (o Imperador).

5. O fato ou ação de querer, ou seja, a Vontade da qual se reveste o Pensamento, e o pensar convertido em querer (O Papa).

6. O desejo ou vontade tornado efetivo por meio da escolha e determinação individual, transformando o pensado no querido (o enamorado).

7. O sujeito agente, ou seja, quem realiza uma determinada coisa, depois de havê-la pensado e querido fazendo-se centro da ação (o Carro).

8. A ação de fazer, ou seja, a atividade na obra, de acordo com o que se pensou e quis (Justiça).

9. A ação realizada e superada (ou seja, perfeita e cumprida) e, por extensão, o todo harmonicamente realizado: o Magistério alcançado e o Sábado do descanso.

Este quadro da realização se pode combinar com o precedente, que se refere aos três tempos, resultando desta combinação um cubo que compreende em si a triplicidade do tempo, da ação e a qualidade da mesma.

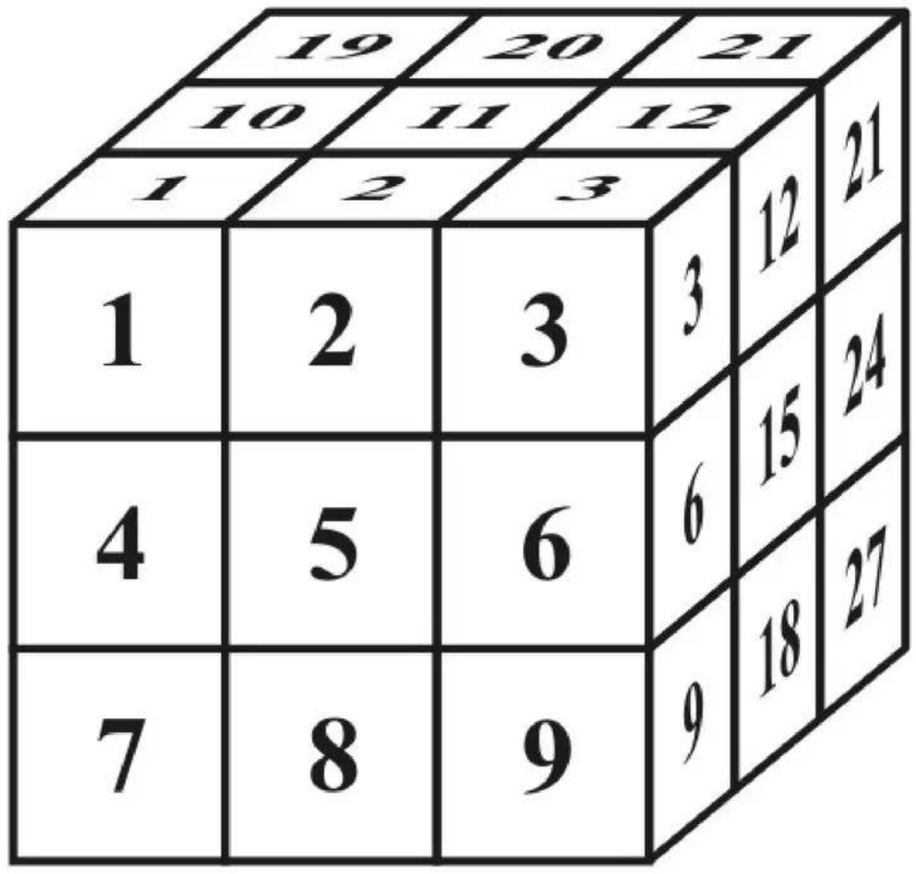

Ilustração 31

ALFABETOS MAÇÔNICOS

A combinação das duas linhas horizontais e das duas verticais em nove quadros serve, além disso, como base de alfabetos maçônicos, que podem ser feitos com chaves distintas e convencionais, como as quais indicamos a seguir, escrevendo-se cada letra com o ângulo ou quadrado em que se acha contida e distinguindo-se a segunda com um ponto e a terceira com dois:

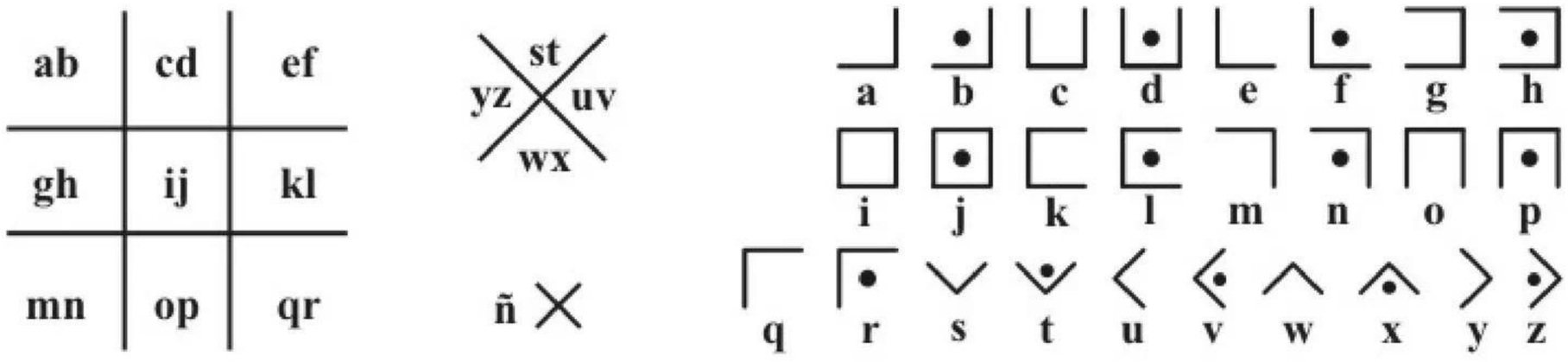

Ilustração 32

As nove cifras podem se dispor no quadrado de tal forma que a adição de cada coluna horizontal ou vertical produza sempre como resultado o número quinze, que representa a soma das idades do Aprendiz, do Companheiro e do Mestre.

Esta combinação que forma o primeiro dos quadrados mágicos recebeu o nome particular de quadrado de Saturno, considerando-se como base talismânica da influência de tal planeta, ou seja, da *virtus* e modalidade vibratória expressa e personificada em Saturno. Podemos ver neste quadrado uma correspondência entre os três graus, representados pelas três colunas, e os três tempos, representados pelas linhas horizontais, a primeira das quais responde para cada grau à pergunta "De onde viemos?", a segunda à pergunta "Quem somos?" e a terceira à pergunta "Aonde vamos?".

8	1	6
3	5	7
4	9	2

Ilustração 33

O aprendiz se capacita, pois, nas infinitas possibilidades latentes representadas no número 8, converte-se em tal realizando em si mesmo o número 3, para depois progredir aproximando a pedra de sua personalidade à forma cúbica representada pelo número 4.

O Companheiro nasce no reconhecimento de sua individualidade independente (número 1) e por meio do uso de sua inteligência (5) encaminha-se para o Magistério[9], e o Mestre chega à perfeição (número 7) por meio da inspiração de seu próprio Gênio Individual (o número 6 ou letra G) , e pode assim enfrentar-se com os pares de opostos indicados pelo número 2 e dominá-los.

Finalmente, com referência ao próprio Saturno, podemos expressar neste quadrado os três tempos em suas três formas: aorista ou indefinida (estado de Aprendiz), imperfeita ou ativa (estado de Companheiro) e perfeita ou cumprida (estado de Mestre), resultando assim os nove tempos gramaticais que se indicam a seguir:

Aoristo presente: penso, quero, faço.
Presente Imperfeito: estou pensando, querendo, fazendo.
Presente Perfeito: hei pensado, querido, feito.
Aoristo passado: pensei, quis, fiz.
Passado Imperfeito: pensava, queria, fazia.
Passado Perfeito: tinha pensado, querido, feito.
Aoristo futuro: pensarei, quererei, farei.
Futuro Imperfeito: estarei pensando, querendo, fazendo.
Futuro Perfeito: terei pensado, querido, feito.

AORISTO PASSADO	PASSADO IMPERFEITO	PASSADO PERFEITO
AORISTO PRESENTE	PRESENTE IMPERFEITO	PRESENTE PERFEITO
AORISTO FUTURO	FUTURO IMPERFEITO	FUTURO PERFEITO

Combinando-se os nove tempos com as três formas ativa, reflexiva e passiva, obtemos outro cubo que nos ajuda à compreensão filosófica da Retórica, cuja perfeita aquisição é prerrogativa do Magistério.

AS NOVE MUSAS

O número nove, aplicado à Retórica, ou seja, à capacidade de usar construtivamente o Poder da Palavra e da Verdade, põe-nos em relação com as nove Musas, filhas de Júpiter (o Princípio, Pai da Vida) que encontra uma especial expressão novenária por meio de sua união com Mnemósine, a Memória.

Estas benéficas deidades, que perseguem o fim de fazer cessar a angústia e esquecer o mal, conhecem e resumem em si por sua origem imortal, igualmente o Presente, o Passado e o Futuro, e constituem as constantes inspiradoras do poeta e do artista, como do iniciado e do filósofo, três categorias que podemos relacionar

[9] "Os que retamente se aplicam à filosofia tendem para a morte", ou seja, esforçam-se em ficar em harmonia com aqueles valores eternos e permanentes do Ser que estão acima das contingências fenomênicas da vida e da morte.

frutuosamente com os três graus da Maçonaria Simbólica, sendo que o primeiro constitui a matéria prima do segundo e este se faz perfeito com o terceiro.

1. CLIO	2. CALÍOPE	3. URÂNIA
4. ERATO	5. EUTERPE	6. POLÍMNIA
7. MELPÓMENE	8. TALIA	9. TERPSÍCORE

Portanto, não parecerá estranha a classificação das nove Musas num quadrado análogo aos precedentes, no qual as três linhas horizontais indicam respectivamente o pensamento, o sentimento e a ação.

Clio (a inspiração do ouvido) é a Musa da história, cuja fronte está rodeada pelo louro da glória imortal.

Calíope (a de voz preciosa) preside a eloqüência e a poesia épica e cinge uma diadema de ouro, enquanto empunha a trombeta da fama.

Urânia (a inspiração celeste ou divina) é a Musa da Verdade, vestida de azul e rodeada de brilhantes estrelas.

Erato (a inspiração do amor) coroada de mirto e de rosas, acompanha com o alaúde da harmonia as canções dos amantes.

Euterpe (a encantada) é o Gênio da Música, inspirando com sua flauta mágica as mais preciosas melodias.

Polímnia (a inspiração religiosa) vestida de branco e recamada de pedrarias, é a depositária da Tradição, que se conserva em sua mão esquerda, enquanto com a direita impõe o silêncio.

Melpómene (a inspiração trágica) formosa e solene, majestosamente vestida, leva em sua mão direita a adaga simbólica da penetração no mistério do além, assim como da dor que nos permite aproveitar as experiências da vida.

Talia (a inspiração jovial) é a Musa da alegria: coroada de hera, leva em sua mão a máscara da comédia, desmascarando a trágica ilusão criada por Melpómene.

Terpsícore (a inspiração animadora) é a Musa da dança, à qual inspira, coroada de flores, ao som da harpa e da pandeireta.

OS NOVE CÉUS

Têm aqui seu lugar os nove céus da concepção ptolomaica, evidente corrupção material de uma tradição filosófica mais antiga.

O mais baixo de todos, o céu da Lua, corresponde com o mundo astral dos teósofos e ocultistas, que é o que se acha mais perto de nosso mundo físico ou sublunar e corresponde com o estado líquido da matéria. É o mundo dos sonhos e o domínio da sensação.

O céu de Mercúrio é o mundo mental ou *devachan* em linguagem teosófico, correspondendo ao estado gasoso da matéria; é o Mundo da Inteligência, operativa e causativa em toda forma de vida e de matéria.

Ilustração 34

O céu de Vênus é o plano búdico ou Mundo Espiritual, o Manancial de toda Inspiração e sentimento elevado. Corresponde com o estado etéreo da matéria, e é o Princípio da Vida manifesta no mundo físico.

O céu do Sol é o plano átmico ou do Espírito Puro, chamado também nirvânico, correspondendo ao estado radiante da matéria: é o Princípio Latente da Vida Individual.

O céu de Marte corresponde com o fogo sagrado e o Princípio Energético Criador da Matéria, manifesto como *shakti* no Universo: forma o mundo paranirvânico.

O céu do Júpiter é um aspecto mais elevado do mesmo Princípio, constituindo o mundo mahaparanirvânico. Por esta razão a influência do Júpiter inclina à retidão, à justiça e à benevolência.

O céu de Saturno se acha por cima do Tempo no qual se manifestam as coisas, às quais tende a dissolver em sua consciência de *ananda* ou perfeito repouso.

O céu das estrelas (ou céu de Urano) é o que forma o espaço, manifestando o aspecto *chit*, raiz da Consciência Individualizada da Divindade.

E o empíreo, ou Princípio Supremo, corresponde com o próprio Ser Absoluto, ou *sat*, do qual se manifestam e no qual aparecem o tempo, o espaço, a vida, o pensamento, a energia, a matéria e todas as coisas.

OS NOVE COROS DE ANJOS

Os anjos (energias elementares, pensamentos, aspirações e inspirações) dividem-se em três hierarquias, cada uma das quais se subdivide em três ordens, formando com sua totalidade nove coros que tomam os nomes dos Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Virtudes, Potestades, Principados, Arcanjos e Anjos.

Podemos considerar os anjos como expressões conscientes dos Princípios que presidem os nove mundos ou céus dos quais acabamos de falar, correspondendo os anjos ao Céu da Lua, os arcanjos ao de Mercúrio, os Principados ao de Vênus, as Potestades ao do Sol, e assim sucessivamente.

Os Serafins (cujo nome significa "elevados") correspondem com os Princípios Eternos que emanam da própria essência do ser e são, portanto, imortais e indestrutíveis, como os que se estudam na Aritmética. Expressões diretas da Unidade, presidem o Amor.

Os Querubins (ou seja, "próximos" à Divindade ou Essência do Ser) são os Princípios Geométricos que se expressam no espaço. Nascendo da consciência da Dualidade ou distinção, manifestam a Sabedoria.

Os Tronos são os que se assentam no espaço, originando e determinando com o movimento a continuidade e distinção do tempo. Expressam no Ritmo do Temário a Vontade.

As Dominações são as Leis que presidem a gravitação universal, que domina em toda forma ou expressão material.

As Virtudes representam a força da expansão individual que opera em sentido oposto à Lei de Gravitação, e com a qual busca um equilíbrio dinâmico.

Isto se realiza nas Potestades, que originam centros de irradiação e atração, dos quais o Sol constitui um exemplo luminoso; este equilíbrio é, pois, a essência de todo poder.

Os Principados são as Leis ou Princípios que governam a evolução da vida individual e coletiva, administrando o Carma ou Destino.

Os Arcanjos são a expressão mais elevada, para a mente humana, destas Leis ou Princípios, que descem até o homem em forma de inspirações.

E os Anjos são, em correspondência com os precedentes, os pensamentos dos homens que se elevam no céu como aspirações.

OS NOVE MESTRES

Com o estudo que fizemos do número nove, podemos agora compreender o significado dos nove Mestres que foram em busca do Hiram e de seus assassinos.

Procurando o Princípio Luminoso que eleva, sublima e idealiza a vida, simbolizado no Sol, assim como a Tradição da Verdade em que se expressa (e se acha, por conseguinte, sepultado) nenhum deles se foi pelas regiões do Norte, mas sim se repartiram respectivamente ao oriente, ao meio dia e ao ocidente, e foram estes últimos os que conseguiram descobrir a tumba e os assassinos, pois, evidentemente, estes podem se encontrar apenas no domínio da realidade manifesta, levantando o cadáver por meio da Palavra da Vida.

Além de indicar, de uma maneira genérica, a tarefa com a qual tem que se enfrentar em nossa Instituição todo Mestre Maçom que queira ser digno de tal nome, esforçando-se em procurar, encontrar e vivificar a Tradição da Verdade "morta" na aparência exterior do simbolismo, os nove Mestres indicam evidentemente algo mais importante e preciso, sendo que a Lenda faz insistência em que unicamente por meio deles o magistério simbólico (morto ou latente como Hiram em sua tumba) faz-se individualmente efetivo.

Esta peregrinação dos nove Mestres se refere, em conseqüência, à peregrinação individual que cada Mestre Maçom tem que efetuar em nove etapas ou graus sucessivos, por meio dos quais encontrará e ficará em condição de vivificar e fazer ressurgir em si mesmo aquele Hiram latente, do qual com sua recepção se lhe fez conhecer, com a morte, a existência oculta.

A alusão aos graus superiores que têm por objeto a realização filosófica do Magistério Simbólico não pode ser mais evidente para quem tem "olhos para ver e ouvidos para ouvir" o significado profundo das coisas. Estes graus não são, pois, em

última análise, senão diferentes etapas ou aspectos do Magistério, e como isto pressupõe por sua vez os dois graus precedentes, como caminho para obtê-lo, é evidente que todo o simbolismo maçônico tem que ser estudado e entendido filosoficamente nestes graus superiores.

Os nove mestres indicam também quantos e quais têm que ser estes graus, sendo três grupos de três, para realizar no três vezes três a perfeição da Mestria, e referindo-se igualmente cada grupo e cada Mestre de cada grupo a um dos três graus simbólicos.

Estendendo num novenário a tríplice distinção de Aprendiz, Companheiro e Mestre, com a mais geral de Filósofo, Teósofo e Adepto, podemos formar o seguinte quadro que nos ilumina sobre o caráter efetivo de cada um dos nove graus superiores simbolizados nos nove Mestres em busca do Hiram, seja qual for o nome exterior que se lhes dê:

APRENDIZ FILÓSOFO	APRENDIZ TEÓSOFO	APRENDIZ ADEPTO
COMPANHEIRO FILÓSOFO	COMPANHEIRO TEÓSOFO	COMPANHEIRO ADEPTO
MESTRE FILÓSOFO	MESTRE TEÓSOFO	MESTRE ADEPTO

Sobre esta base, identificando cada um destes graus teóricos com os quais se usam mais universalmente nos distintos Ritos, seguiremos nosso trabalho interpretativo nos seguintes nove tomos desta obra.

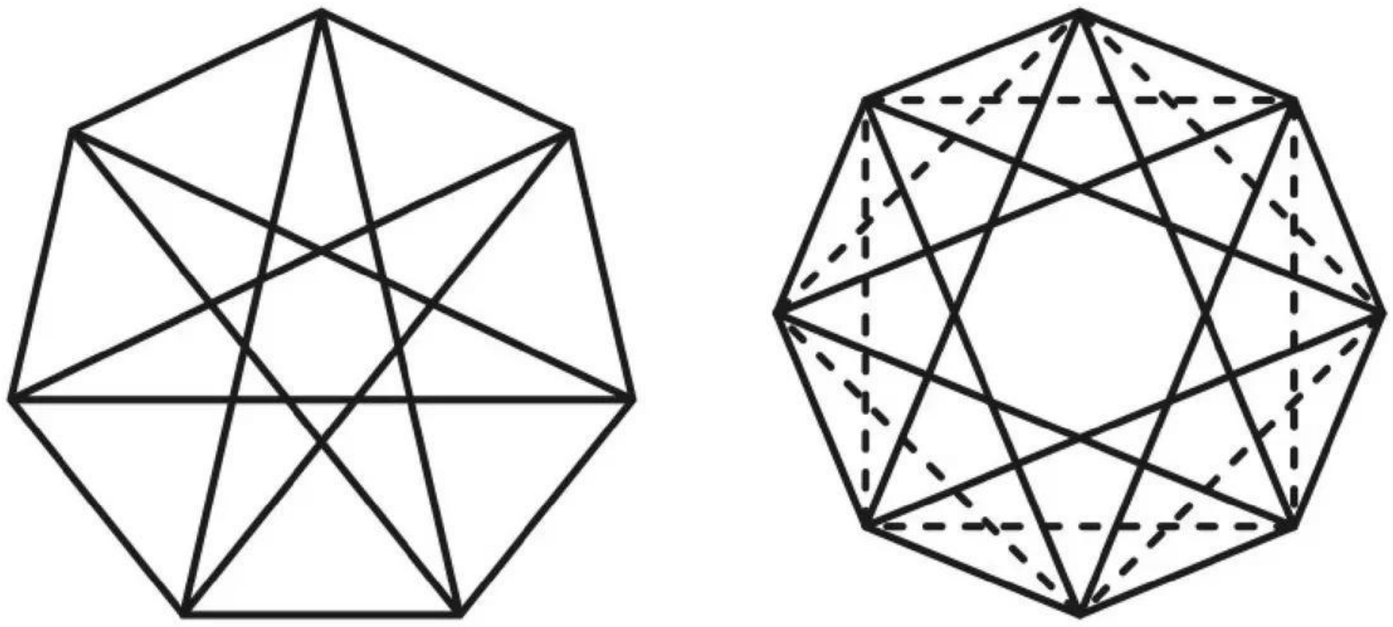

Ilustração 35

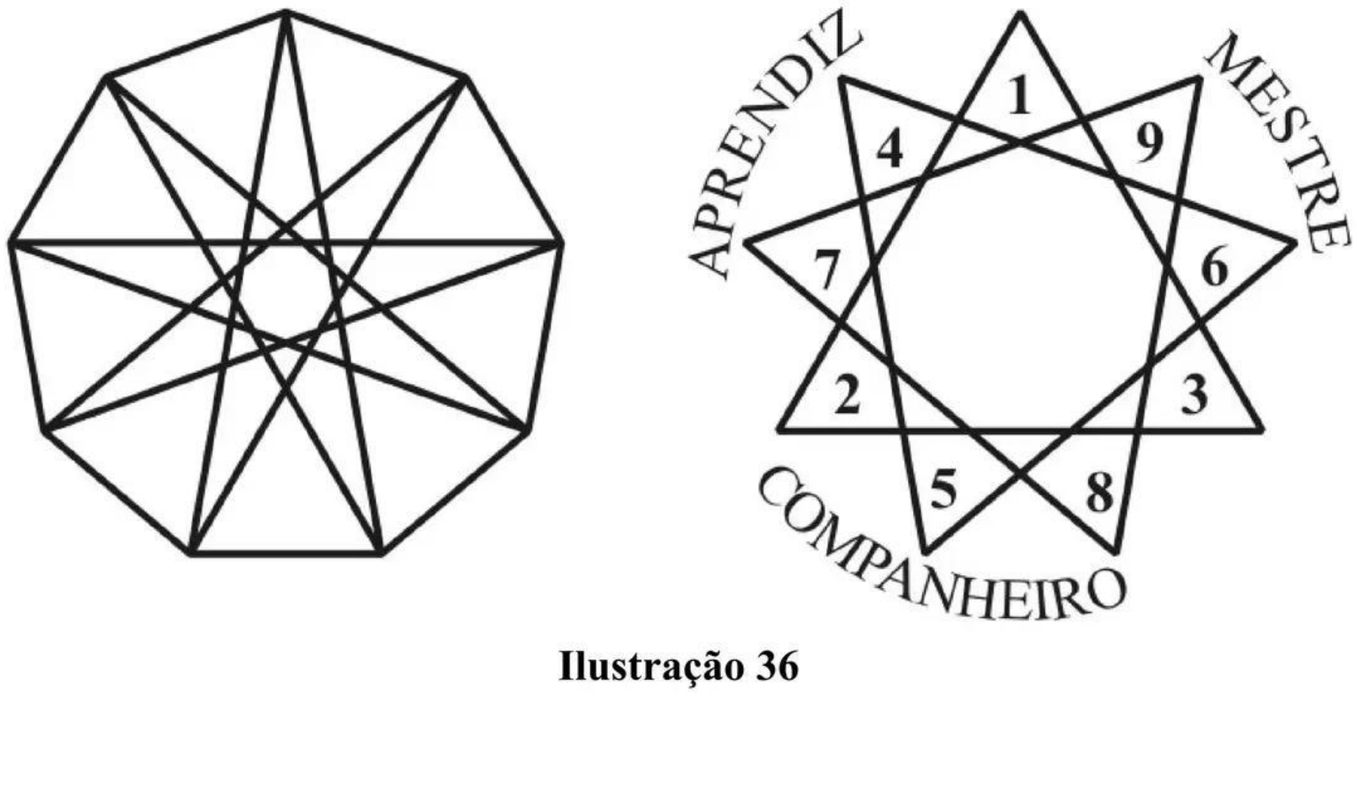

Ilustração 36

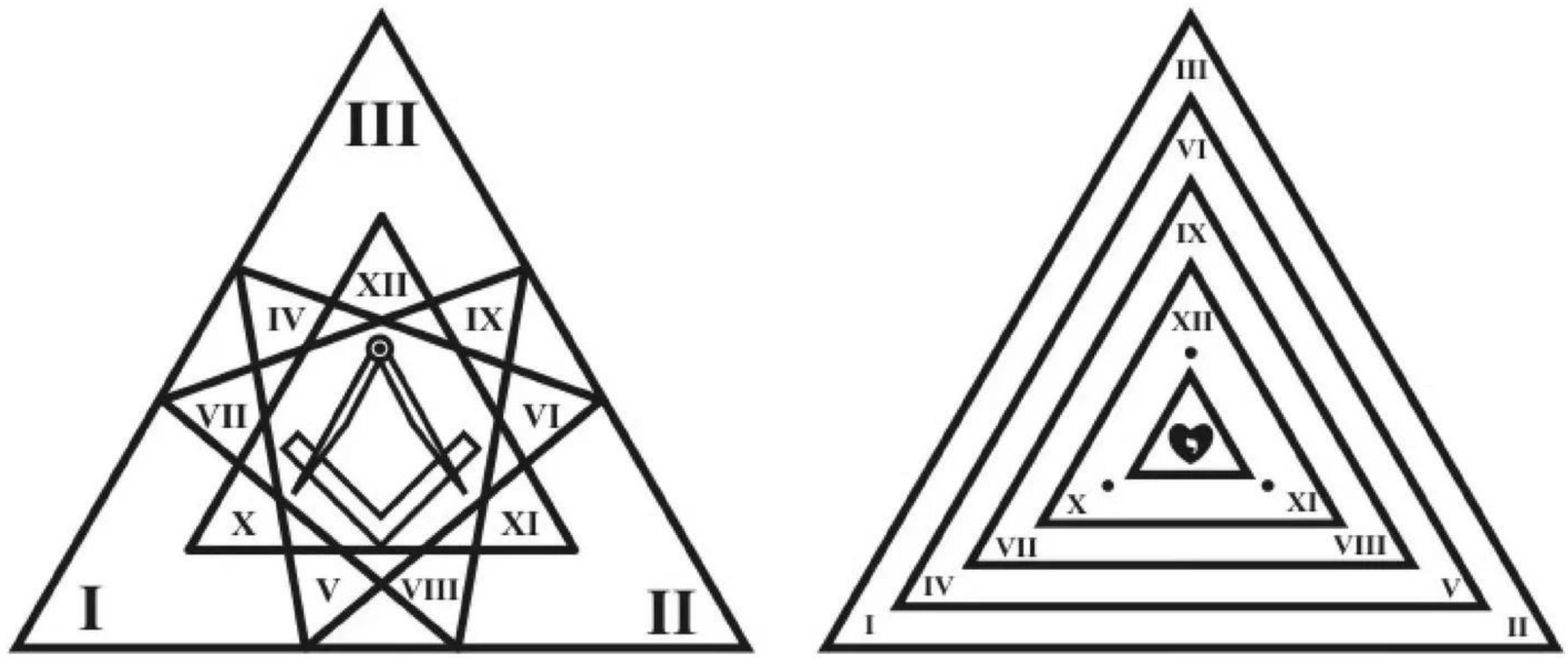

Ilustração 37

Um total de sete graus, em vez de doze, teria sido igualmente aceitável, e até deveria preferir-se virtualmente. Entretanto, o número doze permite um acordo mais perfeito, por um lado, com a Lenda do Hiram, e pelo outro com os diferentes aspectos do simbolismo dos graus de distintos ritos, ajustando-se muito bem à fusão de todos num apenas, universalmente aceitável por fundar-se na Lenda universalmente aceita como base da Maçonaria Simbólica.

HEPTÁGONO, OCTÓGONO E ENEÁGONO

Já falamos da estrela de sete pontas que se acha inscrita dentro de um heptágono que a circunscreve.

Com seu centro, esta estrela nos introduz no número oito e, igualmente, a irradiação octogonal da estrela de oito pontas, que corresponde com um duplo quadrado, faz-nos chegar, com seu centro, no dinamismo do número nove.

Chegamos assim naturalmente à estrela de nove pontas e ao eneágono, figura esta particularmente interessante por serem seus vértices os de três triângulos eqüiláteros que nos apresentam a extensão cíclica do novenário.

Podemos nos formar assim uma idéia mais clara das relações que intercorrem dentre os nove primeiros arcanos do TARÔ, os nove coros angélicos e os nove mestres; e quanto ao acampamento simbólico descrito num dos graus superiores, pode fazer-se mais singelo e expressivo, na forma que a partir de agora indicamos, incluindo no triângulo originário dos três graus simbólicos os três triângulos entrelaçados ou concêntricos.

A PEDRA CÚBICA

A Pedra Cúbica que representa o Mestre Maçom é o símbolo daquela *aurea medietas*, ou do desenvolvimento harmônico e equilibrado que supera todas as deficiências e controla e domina a tendência para os excessos de qualquer natureza, pois todo excesso em qualquer sentido é por si mesmo um mal, uma falta de controle e de discernimento, ou de equilíbrio, de medida e de harmonia.

Exceder-se em qualquer sentido é, pois, em última análise, também uma deficiência (deficiência inibitória) pois indica a falta da qualidade oposta que deve controlar essa tendência, que, precisamente pelo fato de exceder indevidamente, faz-se viciosa: é uma das "asperezas" alegóricas da pedra bruta, que é preciso alisar, ou uma irregularidade de desenvolvimento em determinado sentido, que a afasta do perfeito equilíbrio e da cúbica ideal perfeição.

A beleza e formosura da figura humana, assim como a de um edifício ou de uma obra de arte, é, pois, da mesma maneira função e resultado do grau de equilíbrio, harmonia e perfeita proporção de todas as partes que naqueles se verifiquem: quando houver desproporção e excesso em qualquer sentido, precisamente ali se faz manifesta a imperfeição que a afasta da *aurea medietas*, e constitui, por conseguinte, um elemento de fealdade. A beleza imortal e proverbial das estátuas gregas deriva, precisamente, desse delicioso sentido de harmonia e equilíbrio (e a conseguinte aversão para todos os excessos) que constitui a característica mais destacável da antiga cultura helênica. O que eles mais reprovavam aos bárbaros (ou estrangeiros) era esta tendência habitual à falta de harmonia e de equilíbrio.

A perfeita saúde e eficiência física, assim como a mais longa duração da existência, também dependem do grau de justo equilíbrio, harmonia e proporção que saibamos manifestar em nossos hábitos fisiológicos; todo excesso em qualquer sentido se converte em elemento destrutivo, enquanto a mais sóbria frugalidade sempre caracteriza ao Mestre Construtor.

No campo moral, todo vício é um "mau companheiro" ao qual é preciso desmascarar e disciplinar, para que não siga exercendo uma influência destrutiva sobre a Obra da Vida, na qual está empregado; uma imperfeição da Pedra que a faz inepta, até que permaneça, para ocupar seu melhor lugar no edifício social e humano.

O mesmo deve-se dizer, no Plano da Inteligência, das diferentes qualidades e faculdades, cujo mais harmônico e justo desenvolvimento equilibrado unicamente caracteriza a genialidade verdadeira, ou seja, a produtiva e fecunda [genialidade]. Pois o chamado "gênio" não consiste unicamente no desenvolvimento da faculdade da memória, nem no da imaginação, como tampouco se faz com apenas a lógica, com a mais cuidadosa e perfeita observação nem com a limpa claridade do juízo; não consiste unicamente na abundância das idéias, nem no oposto desenvolvimento mais perfeito da concentração, na análise mais completa nem na mais diligente e fiel aplicação.

Nenhuma destas qualidades unicamente faz ao "gênio" verdadeiro, que só se realiza com o mais extraordinariamente perfeito desenvolvimento equilibrado, de todas indistintamente, sem que nenhuma exceda em nenhum sentido, mas que todas e cada uma saibam, sempre, conservar o lugar que lhes corresponde e atuar na perfeita harmonia que se necessita para uma produção literária, artística, científica ou filosófica de um gênero realmente superior.

A intuição sozinha, quando não está acompanhada pelo raciocínio, pode dar a percepção imediata da Verdade, mas faz àquele que a percebe incapaz de expressá-la devidamente; enquanto o raciocínio sem a intuição nos faz dar mil rodeios e passeios, mais ou menos satisfatórios e felizes no campo das concepções e criações intelectuais, [mas] sempre nos fecha a passagem para as regiões superiores, onde resplandece a verdadeira luz, e onde unicamente pode perceber-se a razão íntima das coisas, e se encontrar solução melhor e mais satisfatória de qualquer problema que nos ocupe.

O que se necessita é uma feliz cooperação e um harmônico desenvolvimento de ambas as faculdades, que são como duas faces paralelas igualmente necessárias e

indispensáveis, para dar como resultado a pedra cúbica, obtida com o desenvolvimento harmônico, equilibrado e paralelo de todos os talentos, faculdades e tendências.

A PEDRA CÚBICA DE PONTA

O estudo do novenário termina com a pedra cúbica de ponta, que, em suas nove faces, reúne em si mesmo a perfeição do cubo e a elevação equilibrada da pirâmide de base quadrangular.

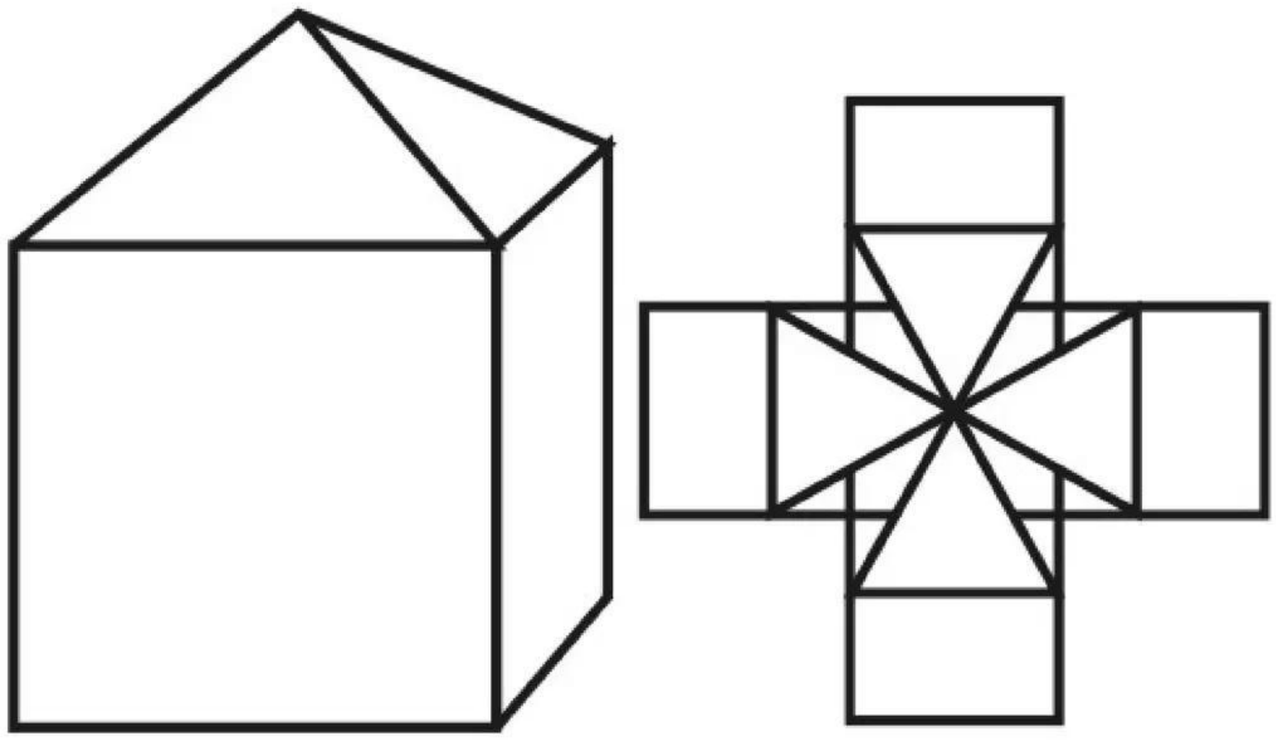

Ilustração 38

Abrindo esta pedra e estendendo suas faces, conforme aparece na figura, obtemos outra vez o símbolo da cruz como expressão perfeita do Magistério, pela união de duas cruzes, formada a primeira pelos cinco quadrados que constituem as faces inferiores da pedra, e a segunda pelos quatro triângulos de seu vértice.

A primeira cruz, quadrilátera, é a cruz da matéria ou da natureza, formada pelos quatro elementos que se desenvolvem, como faces do *Akasha* ou Quintessência (a matéria radical ou *Mulaprakriti*) indicada pelo quadro central. A segunda cruz, formada pelos quatro ternários ou triângulos que emanam de um centro ou ponto originário (o vértice da pedra) é a cruz filosófica ou espiritual, expressão tetrágona da Trindade ou Temário Divino, crucificada na matéria, à qual tem que se dominar pelo sacrifício que manifesta na mesma a consciência e a Vida do Espírito.

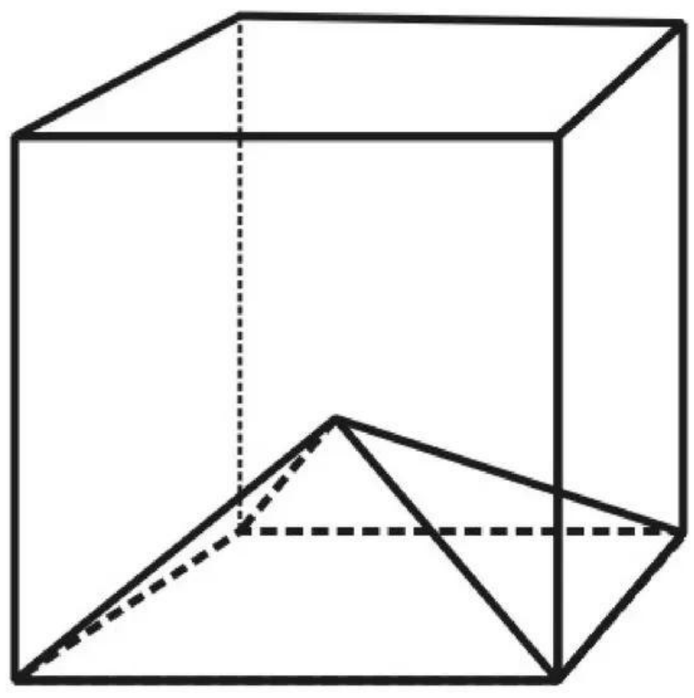

Ilustração 39

Nesta pedra encontramos, pois, os Arcanos mais profundos do Magistério, sobre os quais não é possível nos estendermos neste "Manual", que deve ser considerado como simples introdução do Magistério.

É característico o fato de que as duas cruzes estão formadas igualmente por doze lados iguais, em manifesta correspondência com os signos do Zodíaco (dos quais falaremos no próximo tomo desta obra) e com as doze horas ou divisões da noite da Matéria e do dia do Espírito.

A primeira se acha formada, além disso, pela união de doze pontos, enquanto a segunda resulta unicamente de nove. E a soma dos dois nos dá o místico número 21, o tríplice setenário dos Arcanos do TARÔ, que é ao mesmo tempo a soma triangular do número seis.

Como nove são as faces da pedra, nove igualmente são seus vértices e dezesseis suas quinas, números estes que se oferecem à meditação do Mestre, uma vez que se compreendeu bem o novenário que resulta, aritmeticamente, de um tríplice ternário e, geometricamente, de quatro triângulos que partem do mesmo vértice.

Finalmente, a pedra cúbica de ponta se apresenta a nossa consideração como imagem do perfeito equilíbrio e da estabilidade tetrágona que o Mestre tem que alcançar em sua manifestação terrestre, enquanto sua consciência individual se estende e se eleva às regiões do espírito. Entretanto, não há elevação que não seja o resultado de uma correspondente humilhação: é preciso descer aos infernos, visitando o interior da terra, para ter o impulso necessário que nos faça subir para o mais alto dos Céus. Por conseguinte, a pedra cúbica de ponta se acha potencialmente contida na pedra cúbica ordinária, na qual tem que resolver, descendendo seu vértice para o centro do cubo, que é a Câmara do Meio, em que se consegue e realiza o Magistério.

TERCEIRA PARTE

APLICAÇÃO MORAL E OPERATIVA DA DOUTRINA SIMBÓLICA DESTE GRAU

Assim como no grau de Aprendiz acha-se representado simbolicamente o esforço que o candidato a uma vida superior faz para se encaminhar na senda da Verdade e da Virtude que à mesma [vida superior] conduz; e no grau de Companheiro se indica aquele estado de firmeza em que se amadurece e se faz fecunda tal aspiração, transformando o aspirante em Operário consciente e voluntário da Liberdade e do Progresso; o grau de Mestre é o símbolo da perfeição que individualmente se consegue por meio de tal esforço, e com seu estabelecimento efetivo e operativo.

Indica, pois, este grau a palingenesia integral da natureza humana, com a qual o "homem" se converte em "mais que homem" por meio do Magistério ou domínio exercitado em todos os componentes de seu ser, em todos os aspectos do mundo interior de sua personalidade; nos instintos, não menos que nos pensamentos e nas palavras.

Como a mostra o sinal de Mestre, o domínio dos instintos é a tarefa especial mais particular do adepto deste grau, anexando-se este esforço para dominar a parte subconsciente e instintiva, que constitui os fundamentos ou alicerces de nossa natureza, ao domínio dos pensamentos e das palavras no qual começou a exercitar-se nos dois graus precedentes.

Unicamente quando se chega a dominar os instintos, convertendo-os de vícios ou ligamens, que prendem ao mundo da matéria e da ilusão, nas aspirações mais nobres de seu ser, as virtudes ativas que expressam o mais elevado, ou seja, "a imagem e semelhança de Deus", então se faz efetiva a regeneração individual de toda a natureza humana, e esta se sublima e se aperfeiçoa, conquistando-se de fato a Imortalidade: Absoluta Liberdade e Liberação sobre a terra.

Por conseguinte, a aplicação moral e operativa do ensino alegórico deste grau tem que compreender em primeiro lugar esta técnica da Regeneração Individual, com a qual o homem morre efetiva e completamente em relação a seus vícios, enganos e paixões, libertando do poder escravizador da Ilusão. Morre para o egoísmo da personalidade, e para as limitações exteriores que são seus efeitos, purificando-se e redimindo-se por completo do pecado original, e renascendo no estado de inocência, no Amor que libera e sublima, na Verdade e na Virtude que fazem desaparecer toda sombra, mancha, trevas ou escuridão de seu ser como de sua vida.

A MORTE INICIÁTICA

O primeiro e fundamental ensino que emana do estudo que fizemos na primeira parte sobre o significado da cerimônia com a qual se confere este sublime grau de Mestre, refere-se à necessidade de morrer. Entretanto, não se trata da morte ordinária, como a entendem os profanos e que infunde tão grande terror aos seres vulgares, mas sim da morte iniciática ou filosófica, à qual fazia referência Giordano Bruno escrevendo que "*coloro che filosofano dirittamente intendono a morire*" (9).

Esta morte é exatamente o contrário da morte ordinária, posto que é morte para a ilusão, para o "pecado" e, por conseguinte, para a própria morte. Com isso o iniciado morre para tudo o que é origem e causa de morte dentro de seu próprio ser, renascendo assim de todo impedimento e limitação.

Tal morte não pode ser conseqüência senão de uma "reta, justa e perfeita filosofia", de um real conhecimento e de uma efetiva penetração da Verdade que se encerra na aparência exterior da existência e de suas limitações, e é em si Vida verdadeira, e, portanto, Eterna e Imortal. O "amor à Verdade", que é o que realmente faz um filósofo, conduz-nos à própria Verdade por meio de uma morte progressiva e completa para o engano e para toda forma de ilusão.

É uma morte e um renascimento que se verifica durante cada dia, a cada momento e que nos conduz a reconhecer e realizar o que verdadeiramente somos. Liberta-nos das escórias que constituem a parte ilusória (máscara ou *persona*) de nosso ser e faz manifesto e ativo em nós o Potencial Latente e Ilimitado do Espírito: nosso verdadeiro "eu", Eterno, Imortal e Indestrutível.

A esta morte (na qual nos iniciamos como aprendizes e para a qual nos preparamos como companheiros) cooperamos conscientemente, como mestres, com nossos pensamentos e propósitos diários, com nossas palavras e ações, segundo estes se achem orientados filosoficamente, quer dizer, por um profundo, intenso e mais que humano amor para a Verdade. Um Amor que é Virtude (assim que expressão da *vis vitae* interior) e verdadeira Força Onipotente.

Um exemplo poético desta qualidade preliminar necessária que forma o verdadeiro filósofo e, por conseguinte, o Iniciado e o Mestre, encontramo-lo naquela narração indiana na qual um aspirante se apresenta a um Mestre, desejoso de que este lhe ensine a Verdade. Entretanto, o Mestre, embora sem se opor exteriormente a seu desejo, com assombro do neodiscípulo, nunca resolvia a iniciar suas lições e se mantinha em completo silêncio. Cansado de esperar inutilmente, este aspirante se dirigiu a seu Mestre, perguntando-lhe quando começaria a lhe ensinar algo. Como estavam perto de um rio, este último, como única resposta, submergiu-lhe a cabeça na água e a manteve até que o discípulo, próximo de se afogar, fez os mais desesperados esforços para salvar sua vida.

Perguntando-lhe a razão de uma tão estranha conduta, respondeu-lhe o guru simplesmente: "Quando tiver um desejo tão vivo e violento de conhecer como o que manifestaste para tirar a cabeça fora da água, volta para mim e poderei te ensinar com proveito".

O espírito filosófico que se requer como condição preliminar para uma verdadeira morte iniciática não poderia ser expressado com mais claridade. Com este espírito, ingressa o candidato em nossa Ordem como verdadeiro "Aprendiz", e em virtude desta capacidade, vontade e firme propósito de aprender chega finalmente a reconhecer sua mística, ensinamento oculto.

Unicamente com este espírito pode se despertar o necessário discernimento que inicia ou introduz a tal morte, e pode fazê-la efetiva. Nunca poderá o homem morrer para o engano e para a ilusão até que não tenha aprendido a discernir entre esta e a Realidade.

O DISCERNIMENTO

Assim, pois, *viveka* (a qualidade soberana do discernimento) é a qualificação preliminar requerida por todo guru ou Mestre, de todo aspirante para ser admitido como *chela* ou discípulo aceito e reconhecido para o Ioga. Seria perfeitamente inútil e estéril empreender esse estudo e as práticas que o acompanham, sem possuir primeiro esta qualidade preliminar e fundamental, e sem a qual Ioga e Magistério tornam-se palavras sem sentido, assim como a própria morte iniciática que os realiza.

Este discernimento é conseqüência da maturidade da consciência individual, sobre a qual cessam gradualmente de ter poder as coisas e circunstâncias exteriores que constituem o domínio da Ilusão e da Aparência.

Só então se reconhecem como tais e começa a estabelecer o sentido e domínio da Realidade ultra-sensível, que é o fundamento e a essência real de todas as coisas visíveis e sensíveis, na qual e pela qual unicamente estas existem.

Desde que o primeiro grau de tal discernimento realizado pelo Aprendiz, ou seja, quem aprende a ver ou discernir a luz, não tenha amadurecido e se estabelecido como estado firme e condição permanente da consciência, como qualidade interior dominante entre as demais faculdades da inteligência (estado este do Companheiro) é inútil falar de morte iniciática: morte para o Engano, para o Vício e para a Ilusão, e renascimento na Verdade e na Virtude, que constituem e estabelecem o domínio da Realidade.

Como pode se falar de ioga, ou seja, de união divina individual, quando o Divino em nós ainda não se conheceu e se reconheceu?

Como pode igualmente falar-se de Magistério e aspirar à qualidade de Mestre, quando não sabemos no que consiste "ser mais que homem" e não reconhecemos ainda em nosso Eu Imortal a nosso individual *Magister*?

E como podemos encontrar na câmara do meio de nosso ser a verdadeira morte iniciática, se não nos preparamos e não nos encaminhamos para a mesma por meio de um espírito e de uma vida realmente filosóficos? Esta é a verdadeira Filosofia que pode entender, realizar e fazer efetivo o Magistério Simbólico.

Em primeiro lugar, há, pois, que se esforçar para adquirir discernimento. Por esta razão, neste "Manual", que trata do Magistério Simbólico, temos que limitar unicamente a esta qualidade preliminar e fundamental (que em sua perfeição realiza a perfeição do Ioga e do Magistério, com a qual se identifica) o estudo da aplicação moral e operativa da doutrina simbólica do terceiro grau.

COMO SE ADQUIRE O DISCERNIMENTO

O discernimento se adquire por meio do estudo, a reflexão e a meditação, com a observação e a experiência retamente entendidas e interpretadas com o mais alto e profundo desejo de conhecer a Verdade e a Realidade final e fundamental que nos objetos da mesma se encerram.

Também se adquire por meio da prática da Virtude, aprendendo a preferir e antepor os motivos mais nobres e elevados das ações aos motivos menos nobres e mais egoístas. Escolhendo conscientemente entre um motivo e outro, entre uma e outra determinação, manifestamos com esta eleição um primeiro grau de discernimento individual, usamo-lo e expressamos: de tal maneira este talento (o mais precioso e soberano entre todos, já que é o único que pode fazer efetiva nossa soberania)

desenvolve-se com o uso e multiplica suas possibilidades nos abrindo as portas da Liberdade e do Progresso.

Por esta razão, a Maçonaria nos ensina fundamentalmente a pensar por nós mesmos e a fazer o bem pelo bem, independentemente e por cima de toda outra consideração, pois só neste caminho individual da verdade e da Virtude pode se encontrar o discernimento necessário para poder franquear a porta da câmara do meio e aspirar realmente ao Magistério, mediante a transmutação dos metais de nossas faculdades (simbolizada na palavra de passe) que se efetua com a projeção de nossa própria Pedra Filosofal.

Realizando estas duas coisas é como nos tornamos realmente Maçons: nosso discernimento cresce e se desenvolve, e de um Magistério puramente simbólico podemos passar assim a um Magistério efetivo, real e filosófico.

PENSAR POR SI MESMO

Pensar por si mesmo com um propósito bem orientado e firmemente estabelecido para conhecer a Verdade e superar assim toda forma de ilusão, decolando-se das opiniões, idéias e teorias expressas por outros, mas também nos servindo inteligentemente das mesmas: eis aqui a primeira condição para encaminhar-se pelo caminho da Verdade e da Liberdade com o uso e o desenvolvimento de nosso discernimento individual.

Isto não deve nos conduzir ao desprezo sem consideração de tudo o que nos venha do mundo exterior, toda idéia ou impressão que pode nos ser útil como material de construção de nosso edifício intelectual. Pelo contrário, quando chegar a nós na forma que for, tem que ser atentamente estudado e considerado; mas tem de sê-lo realmente, examinando-se e transmutando-se no crisol de nossa Inteligência. Só assim aprenderemos a pensar por nós mesmos.

Nunca devemos deixar que outros pensem por nós, ou façam por nós a escolha que, em cada circunstância, é prerrogativa, dever e privilégio de nossa individualidade: só assim podemos desenvolver nossa soberania espiritual sobre as coisas e circunstâncias, assim que estas cessem de determinar-nos ou determinar fatalmente nossa escolha, e nós mesmos escolhermos o que realmente queremos e desejamos que se manifeste ou expresse em nossa existência, realizando o que se encontra em estado facultativo e latente nas Infinitas Possibilidades do Ser.

Como não pode haver verdadeira escolha sem discernimento (sendo então nossa própria liberdade uma mera faculdade ou potencialidade latente) tampouco pode haver verdadeiro discernimento sem escolha. São duas coisas inseparáveis que se desenvolvem a uma com o outro e, fortificando-se, impulsionam-nos para frente pelo Caminho do Progresso e da Liberdade até liberar-nos de qualquer limitação ilusória (por real que possa parecer-nos), tanto interior como exterior.

São as duas colunas que abrem e guardam o ingresso na terceira câmara, como a espada flamígera dos Querubins, o ingresso do Paraíso perdido.

São igualmente as duas linhas verticais que se acham naquele traçado enigmático que reproduzimos à direita e que os Mestres têm de conhecer e realizar em sua vida diária.

A linha da esquerda (que corresponde à coluna B:. e ao número 7) é a que indica nosso discernimento individual e nossa faculdade de pensar por nós mesmos, levando

assim em nossas próprias mãos as rédeas do carro de nossos pensamentos, no domínio passivo da Fatalidade, representada pelo número 6, ou seja, a escolha em seu estado facultativo e potencial, tal como a simboliza o sexto arcano do TARÔ, ou no domínio ativo da Supremacia indicada pelo número 9, que só a luz interior pode nos dar (simbolizada no nono arcano).

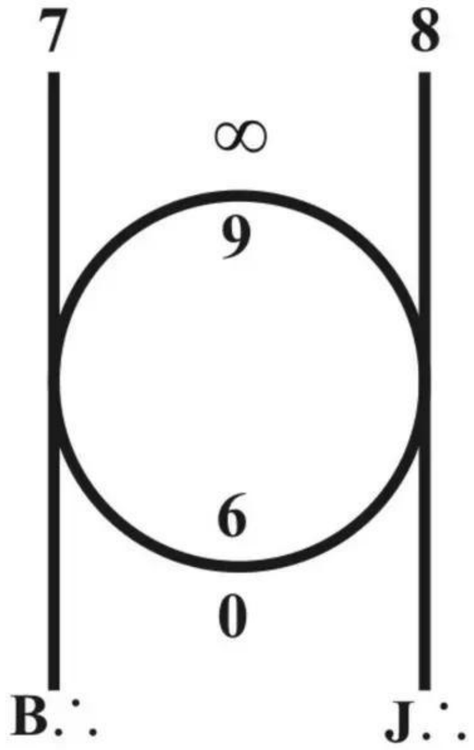

Ilustração 40

A linha da direita (que se corresponde Analogicamente com a coluna J:. e com o número 8) é a que indica da mesma maneira a perfeita e justa escolha, feita com a espada do reto julgamento e do discernimento, muito bem representados pelo oitavo arcano.

E quanto ao círculo (ou seja, ao mesmo tempo, o 0 do início, o 6 da submissão ou domínio passivo da fatalidade que conduz à involução, o 9 da supremacia ou domínio ativo do Princípio Espiritual representado na Luz Interior, e o 8 do Infinito ao qual tudo tende e no qual tudo se realiza e se faz perfeito) é o próprio Progresso que se consegue no Ciclo completo da evolução.

FAZER O BEM

"Fazer o Bem", quer dizer, operar em toda condição e circunstância de acordo com nossos Princípios, tendências e aspirações mais elevados, é o complemento natural de pensar por si mesmo, a segunda das duas colunas do Magistério, por meio da qual se estabelece em perfeita justiça a capacidade discriminadora da Inteligência, indicada pela primeira Coluna.

O bem deve se fazer por si mesmo, porque é Bem e bom, útil e necessário fazê-lo; por individual escolha da Luz Interior, independentemente de toda consideração, regra ou razão exterior: independentemente das leis, regras, costumes e deveres que se estabeleceram, indicado ou imposto do exterior pelas religiões, tradições, usos e costumes, ou pela opinião pública; quer dizer, acima da aprovação ou desaprovação dos homens.

A Luz Interior deve indicar-nos em cada circunstância o que é bom e melhor em si, uma vez que crescemos por nossos esforços e acima das leis, regras e conselhos exteriores que nos guiaram na primeira parte de nosso caminho durante o

desenvolvimento de nossa personalidade humana, "mas que não saberiam igualmente nos conduzir na segunda: a expressão plena e livre de nossa Divina Individualidade".

Ninguém é Mestre realmente (quer dizer, mais que os outros) senão na medida em que se deixa guiar por este Guia interno, ou seja, por um claro discernimento interior do Bom, Nobre, Digno, Reto e Elevado, pelo que corresponde realmente ao equilíbrio e justiça do Reino de Deus, representado pelo décimo arcano, que pode considerar-se também como a objetivação do próprio símbolo do círculo entre as duas linhas paralelas que acabamos de estudar.

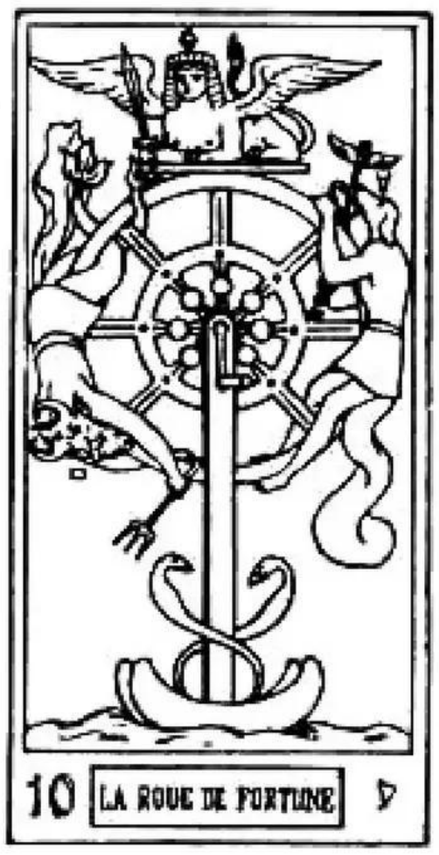

Ilustração 41

Fazer o bem pelo bem exige e expressa todas as qualidades que caracterizam o verdadeiro Mestre. Só quando a ação se acha purificada de todo motivo ou intenção egoística e pessoal, chegamos ao estado de inocência original, simbolizado no nome do místico ramo, que nos reintegra ao estado edênico "de plena posse e domínio sobre a Árvore da Vida", cujos frutos amargos e doces gustamos e saboreamos durante longo tempo, no caminho de todas nossas experiências humanas, depois de ter saboreado por nossa própria escolha o trágico fruto da Árvore do Bem e do Mal.

Aprendemos a ser Mestres cessando de nos deixarmos guiar por nosso gosto pessoal, e "obedecendo à Voz de Deus", ou seja, à expressão do Princípio mais alto, nobre e impessoal que constitui a Raiz de nossa Individualidade e a Luz Interior que nos ilumina e nos dá o verdadeiro discernimento.

A PEDRA FILOSOFAL

Com este duplo esforço ("pensar por si mesmo" e "fazer o bem pelo bem") chegamos a desenvolver e criar em nós a verdadeira pedra filosofal, que somente com a qual se pode operar aquela perfeita transmutação ou trabalho dos metais, simbolizados em nossa palavra de passe, especial prerrogativa de nosso Mestre Hiram Abiff.

As colunas, de pedra maciça no grau de Aprendiz, encontram-se realmente ocas e de metal no de Companheiro. Esta passagem da pedra ao metal é altamente significativa, quando se pensa que os dois representam distintos aspectos de nossa personalidade.

Entretanto, Aprendizes e Companheiros ficam no estudo, respectivamente exterior e interior das duas Colunas (estabelecidas por um Mestre) perto das quais recebem seu salário, de um tesouro que se acha oculto junto com os instrumentos do trabalho que se faz sobre as pedras, dentro das mesmas. Só os Mestres têm o privilégio de ingressar naquela câmara do meio que se acha além das Colunas, e onde se guarda o segredo de sua formação e estabelecimento.

A fundição das colunas e o trabalho especial feito sobre os capitéis (segundo o relato do Livro dos Reis) assim como a palavra ou nome que foi dado pelo Arquiteto de nossa Vida Individual, são, pois, coisas da mais alta importância, e como Mestres simbólicos, que aspiram ao Magistério Individual e efetivo, temos o. privilegio de meditar sobre elas.

E isto especialmente já que ordinariamente se aplica esta dupla qualidade: respectivamente exotérica ou bíblica (expressa nos livros) e esotérica ou iniciática, segundo versão maçônica, ao "operário perito em todo gênero de trabalhos, e especialmente em obras de metais" na primeira, e como" Arquiteto do Templo de Salomão", na segunda.

VISITA "INTERIORA TERRAE"

Para encontrar a Verdade e realizar em seu foro íntimo a mística pedra filosofal, não se deve ficar na superfície das coisas, mas tem que se adentrar e penetrar, em sua essência íntima, em seu propósito oculto e realidade profunda: não de outra maneira pode ser novamente vivificada, por meio da compreensão individual do Iniciado, uma tradição morta na aparência, por efeito da ignorância daqueles que a receberam e transmitiram.

Este trabalho de penetração pormenorizada corresponde ao trabalho dos Mestres privilegiados para encontrar, dentro da terra recém movida, o corpo do Arquiteto Hiram Abiff, assim como ao esforço para levantá-lo e fazê-lo ressurgir.

Em qualquer parte que tenha que "escavar e aprofundar", o Iniciado, com o esforço de sua inteligência, para procurar o que se acha escondido sob a superfície de uma aparência enganadora, e que passa, em conseqüência, inadvertido para a mentalidade profana. Terá que visitar o interior da terra para poder descobrir o que se esconde em suas vísceras e tirar proveito de todos os tesouros que se encerram (para, quem sabe, reconhecê-los) nas coisas mais simples, consideradas ordinariamente como desprovidas de todo valor.

Efetivamente (como nos dizem isso os filósofos herméticos medievais) a matéria prima da qual se tira a pedra filosofal se encontra em qualquer parte, e os "pobres a possuem assim como os ricos. Conhecida por todos, todos a desconhecem: o homem vulgar a rechaça com desprezo enquanto o filósofo a recolhe com veneração".

A visita que tem que ser feita "nas vísceras da terra" para encontrar na tumba de Hiram a palavra perdida (ou seja, a verdade oculta), é a mesma visita que o Maçom tem que fazer individualmente na pedra cúbica de sua personalidade purificada, para descobrir seu centro e erguê-lo, por meio da extroflexão da pirâmide quadrangular, potencialmente contida dentro da pedra cúbica ordinária, e cujo levantamento produz a pedra cúbica de ponta, característica do Magistério.

Virtualmente há identidade entre a pedra assim obtida, visitando o interior do cubo, e a pedra filosofal que opera a transmutação dos metais.

RETIFICANDO INVENIES OCCULTUM LAPIDEM

O esforço de penetração da inteligência constitui o primeiro trabalho; entretanto, não é suficiente para formar uma verdadeira "pedra filosofa"l. Esta requer, para ser tal, a longa e paciente elaboração de uma constante retificação.

O filósofo não se improvisa, mas chega a ser tal mediante um juízo perfeito, no qual o esquadro é o instrumento do discernimento e o compasso se acha dirigido por aquela amplitude de visão que dirige os passos da justa compreensão. Por esta razão, encontramos o primeiro à cabeça e o segundo aos pés da tumba de Hiram.

A constante retificação que tem que se verificar na mente do Filósofo ou Mestre "perito em todo gênero de obras" nunca tem que cessar dado que nela estriba todo verdadeiro progresso e toda possibilidade do mesmo. Quando um Mestre "perde-se", sempre poderíamos encontrá-lo entre o esquadro e o compasso; isto quer dizer que se alguma vez um Mestre não se ache à altura da tarefa que se lhe incumbe, poderia se encontrar novamente a si próprio, e encontrar sua harmonia com o Supremo Poder, adquirindo as qualidades que lhe faltam por meio de um reto discernimento (esquadro) que lhe conduzirá à justa e perfeita compreensão (compasso) que necessita.

Entre estes dois instrumentos se acha, pois, a Câmara do Meio da Verdade e da Virtude, na qual o Filósofo se estabelece e volta consagrado e elevado como Mestre. Assim se realiza a Pedra Filosofal com a matéria prima da Inteligência, oportunamente retificada por meio daquele trabalho que constitui seu magistério.

A Pedra Filosofal é, pois (como o diz o significado das duas palavras que compõem este termo) a pedra ou fundamento do amante da Verdade, ou seja, daquele que busca e encontra no amor da Sabedoria a suprema Sabedoria do Amor. Conciliar o Amor com a sabedoria e a Sabedoria com o Amor, de maneira que sejam cada um deles o complemento do outro e o meio pelo qual se chega a sua perfeição; e ambos sustentem como colunas, o Arco Magistral, ou caminho para chegar a ser "verdadeiro filósofo": assim é como se alcança a categoria de Mestre na Perfeita Filosofia, à semelhança dos nove mestres que foram em busca do Arquiteto dos mais elevados Ideais e de sua palavra vivificadora.

O USO E A TRANSMUTAÇÃO DOS METAIS

A transmutação e o uso sabiamente entendido dos metais que se reúnem para formar o Templo de nossa vida individual, e oportunamente trabalhados, afinados e temperados os instrumentos de nossas obras, é, como dissemos, prerrogativa dos Mestres, porquanto os Aprendizes e Companheiros se limitam a utilizar e servir-se das obras feitas com tal tento pelos primeiros.

Embora a Pedra Filosofal seja necessária unicamente para transmutá-los, não podemos forjá-los e utilizá-los nas formas mais convenientes e adequadas sem nos servir daquele mesmo calor que, oportunamente graduado, necessita-se para sua transmutação.

O fogo vital é, pois, o meio de que temos que nos servir para utilizar, forjar e transmutar os metais de nossa personalidade em harmonia com os planos diretores da Inteligência, com o propósito de que possam realizar as obras para as quais estão destinados; e o fogo vivo e ardente do entusiasmo (alimentado pela chama do Amor que nunca se apaga) tem que ser o meio do qual nos servimos, de acordo com as justas

medidas de nossa Inteligência e com o esforço ativo e forjador da Vontade, para dominar, utilizar e educar sabiamente os instintos que sustentam o Templo de nossa vida e nos servem em todas as tarefas da existência.

Este é o trabalho que o Mestre tem que realizar em si mesmo para conseguir aquele grau de domínio individual que caracteriza o Magistério e distingue o terceiro dos dois primeiros graus maçônicos, de acordo com os signos de cada grau.

Para alcançar valor e efetividade (aquele valor que caracteriza e distingue os metais nobres dos ignóbeis) o domínio dos instintos tem que ser um trabalho contínuo, de cada dia e de cada momento, que requer uma vigilância constante e ininterrupta, para que nunca lhe falte e esteja sempre regulado o calor que se necessita para conduzir a bom termo a Grande Obra de regeneração individual, sem cuja condição esta se estragaria, e os esforços ficariam sem obter a finalidade para a qual estão dirigidos.

Assim tem que morrer o Mestre para seus instintos inferiores, como morre o chumbo ao transformar-se em ouro, quando se o submete às operações necessárias com a ação da pedra filosofal nas circunstâncias devidas. Não de outra morte pode tratar-se em nosso simbolismo, já que em nossos trabalhos nunca se trata de destruir, senão constantemente de utilizar e transformar para uma contínua e incessante renovação construtora.

OS SETE VÍCIOS E VIRTUDES

Entretanto, não se trata propriamente, em nossos trabalhos, de transmutar os metais de uma espécie em outra, senão, melhor dizendo, cada metal segundo sua espécie, de inferior em superior, quer dizer, de um estado impuro e corruptível a outro de absoluta pureza e incorruptibilidade. Sob este aspecto o chumbo, purificado e aperfeiçoado segundo sua espécie, não é menos útil e valioso que o ouro, porquanto não é menos puro e incorruptível em sua estado de perfeição originária conseguida com o processo de regeneração de cada estado mental e emotivo impuro num metal puro e nobre.

Assim, pois, tendo vencido em si a Ignorância com a Sabedoria, o Fanatismo com uma Compreensão eclética, tolerante e iluminada, e a Ambição com o Amor e a Benevolência (ou seja, usando a régua com Inteligência, o esquadro com Discernimento, e o malhete com uma finalidade altruística, impessoal e construtiva) o Mestre pode operar a transmutação purificadora dos sete metais fundamentais e de todas suas ligas e combinações, para que possam lhe servir em seus propósitos construtores.

O chumbo da preguiça ou negligência tem que ser considerado primeiro, pois com esta qualidade negativa nenhum esforço se fará efetivo nem dará o resultado que nos propomos: todos os bons propósitos ficariam num estado de lamentável ineficácia, e a vida seria um fracasso por falta de energia e perseverança. Entretanto, este mesmo metal tão desprezado constitui em seu estado de perfeição a virtude cardeal da Prudência, que sempre tem que acompanhar a Sabedoria em seus propósitos, contrapondo-se a todo entusiasmo irrefletido e à ação impulsiva e inoportuna.

Vem depois o cobre da sensualidade e da luxúria, qualidade esta que subjuga ao homem, faz dele o Escravo das mais baixas tendências animais, prostituindo a chama sagrada do Amor sobre o altar da paixão, que queima a vida e embrutece a alma, obscurece a inteligência e sobretudo o discernimento, enquanto por outro lado exalta louca e desenfreadamente a imaginação, que sente prazer igualmente nos enganos e nos vícios, impulsionando-nos pelo caminho da degeneração. Mas este mesmo metal, em

seu estado mais puro e refreado, é o Amor que eleva, enobrece e embeleza a vida e, por conseguinte, o atributo mais essencial do Magistério. Por esta razão foram de cobre as principais obra que se atribuem ao arquiteto Hiram, e especialmente as duas colunas e a fonte de que nos fala na Bíblia.

Deve-se, além disso, considerar que o cobre (embora tenha a terceira categoria como expoente do valor monetário, depois dos dois metais considerados como mais preciosos) não se deve conceituar como menos valioso, senão justamente o contrário, pela mesma razão que, ombreando-se com eles, não só os fortalece e permite melhor sua conservação, mas também é o metal mais universalmente difundido e de mais freqüente circulação, o único que pode, por sua capacidade de subdivisão monetária, prover a todas as miúdas necessidades diárias. Por conseguinte, a qualidade do Amor, por degenerada que seja superficialmente no azinhavre da sensualidade, uma vez presente como metal constituinte da Individualidade, sempre fará de quem a possua um homem ou uma mulher realmente superior.

Quanto ao ferro da ira e da violência, instrumento de todos os crimes do egoísmo, deve notar-se que, enquanto por um lado se forjam com ele as espadas e adagas que matam, assim como os rifles, os canhões e outros instrumentos bélicos, é também o metal com que se fazem os mais úteis instrumentos da construção, porquanto nos serve especialmente para cortar as pedras, tirar-lhes suas asperezas, alisá-las e as reduzir a seu estado de perfeição para os propósitos aos quais estão destinadas.

Este metal, tão útil em nossos trabalhos, corresponde à virtude cardeal da Fortaleza, à energia e firmeza de propósito, apenas com a qual se podem levar a bom termo as mais excelentes resoluções. Por esta razão tem que ser de ferro o esquadro que serve para "retificar" nossos desejos, palavras e ações, e comprovar a perfeita retidão da pedra que trabalhamos (assim como, com o cobre do Amor à Verdade, deve ser feito nosso compasso); mas devemos cuidar de não nos servir desse instrumento com fanatismo e intolerância para julgar os propósitos, palavras e desejos de outros.

O estanho da gula e a glutoneria tem que ser igualmente transmutado naquela Moderação e sobriedade que estabelecem sobre uma sólida fundação o vigor e a longevidade de nosso organismo. Assim como a intemperança pode ser considerada como a origem ou o meio no qual se desenvolvem todas as enfermidades, por efeito do estado de contínuo desequilíbrio que se estabelece em nosso organismo, a sobriedade e a moderação reta e judiciosa constituem o meio para preservá-lo por mais longo tempo nas melhores e mais desejáveis condições.

Os apetites não devem, pois, ser destruídos, senão regulados e dominados temperando-os com harmônica e perfeita sabedoria, pois o estanho que lhes corresponde tem, entre os metais, uma função análoga ao cimento ou argamassa que une as pedras, constituindo assim os alicerces de nosso ser.

O mercúrio da inveja é extremamente deletério, porquanto corrói e debilita outros metais do organismo e faz nossa inteligência escrava das mais funestas e mortais ilusões. Deve, pois, aplicar-se sabiamente, estabelecendo-se num espírito de perfeita Justiça, que nos impedirá sobretudo ser a primeira dentre as vítimas de nós mesmos e conduzir à ruína nossa própria existência.

Vêm deste metal, igualmente líquido e pesado, sensível a todas as mudanças de temperatura e de pressão, todos os demônios dos lamentos, ressentimentos e recriminações; a debilidade e piedade para conosco mesmos, que impedem o reflexo da perfeita Justiça, igualmente no mundo interior da inteligência e no mundo exterior da vida. O sábio tem o dever de arrancar com a raiz estas excrescências mórbidas da

personalidade, fazendo com que o espelho de sua inteligência, em vez de refletir em formas ilusórias (por efeito de sua natural curvatura) as imagens exteriores, disponha-se em plana e perfeita horizontalidade, para que represente fielmente a imagem e semelhança da Divindade que tem o dever e o privilégio de expressar.

Passando à prata da avidez e da avareza, que é o metal que mais facilmente se une com o mercúrio, temos de considerar nele um dos mais baixos aspectos do egoísmo e dos piores inimigos do bem-estar social, instrumento de todas as traições e baixezas, meio de todas as vendas e escravidões, tanto morais como materiais. Temos que execrar este metal, em seu aspecto inferior pelo qual infinitos Judas se fizeram cúmplices dos piores crimes: os povos e nações entre os quais nunca domine serão os mais elevados em altura moral e verdadeira riqueza.

Entretanto, transmutado sabiamente, este metal se converte na Esperança que "estabelece" e fazem fecundos e frutíferos os esforços da Fé, e unindo-se ao cobre do Amor mede o valor efetivo e operativo dos homens.

Finalmente, o ouro, que em seu aspecto mais degradado representa a soberba e o orgulho, sendo o símbolo de todas as ambições (solidificadas pelo egoísmo), é também a Fé que constitui a Força verdadeira da Individualidade. Por esta razão tem que purificar-se com especial cuidado, evitando todas as incrustações egoísticas que podem produzir-se no crisol em que se elabora, para que fundido com a prata da Esperança e o cobre do Amor, como uma bênção entre os homens, possam levantar-se, em templos resplandecentes e luminosos, os mais elevados Ideais e mais nobres aspirações.

SOBRIEDADE

O domínio dos instintos começa com a sobriedade e a frugalidade nos alimentos. Nisso tem que distinguir o Iniciado do homem vulgar, porquanto, enquanto este faz do comer uma das finalidades da existência, em vista da qual concentra muitas vezes todas suas energias e recorre a todos os meios lícitos e ilícitos, o primeiro reconhece a superioridade da Vida sobre o alimento, e a necessidade de subordinar este às exigências espirituais daquela.

Não viemos, pois, ao mundo para comer, e procurar por todos os meios a forma de satisfazer esta necessidade. Se bem seja necessário comer para conservar nosso organismo num perfeito estado de equilíbrio ativo e eficiência, a finalidade de nossa existência não é o alimento nem a busca do mesmo, senão a expressão de nossas divinas qualidades, o exercício e o desenvolvimento de nossas faculdades, o uso de nossos talentos e poderes, e a manifestação de nossas potencialidades latentes num esforço e uma atividade construtiva que sejam úteis aos que nos rodeiam e ao mundo em geral.

Portanto, o Iniciado, longe de considerar a comida como o objeto de seus esforços, de seu trabalho ou atividade, enquanto não descuida de maneira nenhuma seu organismo, considera este como o instrumento de sua atividade e de seus esforços, e qualquer labor ou trabalho que faça, sempre o realiza À G:.D:.G:.A:.D:.U:., ou seja, pura e simplesmente para cooperar com a expressão de um Plano ou Idéia Divina, procurando como Mestre seu salário na "Câmara do Meio" de seu próprio coração.

Como nas demais atividades, temos que procurar no alimento a Glória ou melhor expressão do Divino em nós. Não devemos por conseguinte comer para saciar o estômago ou satisfazer um hábito ou uma necessidade social, senão com o propósito de prover a nosso Templo Individual dos materiais mais adaptados para seu melhor levantamento, a fim de que, à imagem e semelhança divina (na qual fomos

interiormente criados) encontre sempre em nosso organismo físico uma expressão mais plena, pura e perfeita.

A sobriedade se impõe como regra absoluta e *conditio sine qua non* da efetividade do Magistério. Quem aspira ao domínio (que é superação do Inferior e supremacia do Superior) não se deve deixar dominar pelo que tem de ser dominado: os instintos têm que ser subjugados e presos ao Carro Real do Magistério, para que se estabeleça a Perfeita Justiça do Reino e a Luz Interior se expresse exteriormente com o domínio que lhe compete sobre a Roda do Destino. (Vejam-se as lâminas 7, 8, 9 e 10 do TARÔ que se encontram nas páginas precedentes).

Comendo unicamente com o propósito de favorecer a renovação e reconstrução de nosso Templo Orgânico, evitaremos os excessos, descuidos e enganos que são causas da maioria das enfermidades que afligem os homens e os levam quase sempre prematuramente à tumba.

O Mestre Maçom tem que procurar, encontrar e dominar o pior inimigo de sua vida, de sua saúde e de seu bem-estar, que atenta diariamente contra o Templo de sua vida individual segundo os Planos Ideais ou Divinos: se não o dominar, tem que resignar-se a ser dominado por este inimigo, e lhe entregar por completo o controle de sua existência moral e material. Então, o sinal com o qual quer se fazer reconhecer como Mestre, terá como significado o da separação inevitável entre a parte inferior e superior de seu ser.

A BASE DA REGENERAÇÃO INDIVIDUAL

Por sua ignorância, o homem come com excesso e ingere alimentos muito inadaptados para a perfeita conservação, eficiência e constante melhoramento de seu organismo, que, em vez de se regenerar continuamente como deveria no curso de sua existência, acha-se sujeito a uma fatal e progressiva degeneração.

O fato de que a degeneração senil é a regra quase universal da humanidade, enquanto a regeneração se considera como algo excepcional e milagroso, mostra que por seus hábitos físicos e morais (que constituem outras tantas conseqüências do "pecado original") os homens, antes que favorecê-la, fazem ordinariamente o possível para impedir a perfeita manifestação da Vida Divina em seus organismos.

Como a alimentação é a base inegável da Pirâmide de nossa existência, é natural que aqui tem que começar, encontrando e estabelecendo sua base orgânica, aquele processo de completa regeneração individual que constitui o símbolo fundamental deste grau. Por conseguinte, o Mestre deve aprender a comer, já não para satisfazer seus apetites e desejos, senão para favorecer uma melhor expressão da Vida em seu organismo, disciplinando estes últimos em vista do fim superior ao qual se propõe.

A este propósito terá que considerar três pontos fundamentais: quantidade, qualidade e uso (ou seja, maneira de comer). Com respeito ao primeiro ponto, a quantidade, deve reduzir-se, pois é um fato inegável do qual cada um pode convencer-se pela atenta observação de si mesmo, que sempre comemos mais do necessário, mesmo que nos pareça comer pouco. Não se deve, entretanto, exagerar até o extremo oposto e, sobretudo, não temos que proceder violentamente; mas é certo que a moderação favorece tanto a boa digestão como o domínio de si próprio, e que a quantidade de alimento realmente necessário pode reduzir-se (como alguns virtualmente demonstraram) a um mínimo quase incrível, sem que o organismo sofra de maneira nenhuma, senão, ao contrário, purifica-se e se regenera.

O segredo desta redução consiste no uso que se faz do alimento; quer dizer, em sua perfeita assimilação e a conseguinte redução a um mínimo (variável também segundo a qualidade dos mantimentos) das substâncias que se excretam por não serem assimiladas.

Sobre este assunto não há que se deixar enganar pelas conclusões científicas sobre as "quantidades mínimas" de mantimentos necessários para as diferentes categorias de indivíduos, pois em realidade não são outra coisa senão a estatística dos hábitos alimentícios ordinários, e há experiências (que cada qual pode repetir e confirmar sobre si mesmo) de que este chamado "mínimo" tem que ser considerado, na realidade, como um "máximo de tolerância orgânica" e pode beneficamente reduzir-se à metade, terça ou quarta parte, com a condição de que aprendamos a comê-lo devidamente. Efetivamente, não há nada mais absurdo e menos sábio que o fato de encher o estômago com quantidades de alimento que não podem ser totalmente assimiladas, que sobrecarregam e fatigam inutilmente nossos órgãos digestivos, produzindo por sua fermentação impurezas que podemos deduzir da qualidade dos resíduos excretados.

FRUGALIDADE

O segundo ponto que terá que se tomar em consideração é a qualidade dos mantimentos, escolhendo os mais convenientes do tríplice ponto de vista higiênico, moral e espiritual.

Esta escolha nos conduz necessariamente à frugalidade (do latim *frux*: "fruto"), ou seja, a considerar constantemente como base de nossa alimentação o preceito bíblico que se refere à humanidade antes do "pecado original" da Ilusão que conduziu a alterá-lo: "Eis aqui que vos hei dado toda erva que dá semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda árvore em que há fruto que dá semente, há para comer".

Os frutos e sementes das árvores e das ervas: eis aqui, numa palavra, qual tem que ser a base alimentícia de quem aspira à Regeneração Individual (a frugalidade que é pedida ao Iniciado na Verdade e na Virtude de que queira chegar ao Magistério real e efetivo).

Comer carne e matar para comer são, na realidade, dois enganos, duas conseqüências da ignorância dos homens sob a influência do pecado original da Ilusão. O abandono completo destes hábitos atávicos é a primeira etapa do domínio dos instintos que temos que conseguir no Magistério.

Do ponto de vista higiênico, nada mais impróprio como material de construção do Templo de nossa vida orgânica que o ingerir carne. Dela provém a destruição e leva consigo os princípios da morte e da putrefação, além do selo da dor com que se obtém, violentando com um direito muito discutível (e que prova a obtusão do sentido moral) uma expressão da Vida que tem finalidades próprias muito diferentes que as de servir para nossa comida.

Não há necessidade de que nos detenhamos a considerar que a carne contém em si princípios tóxicos, que se assimilam alimentando-se com a mesma, que sobrecarregam o organismo e são a origem de muitas enfermidades, inclinando a uma velhice precoce e a uma morte prematura.

Do ponto de vista moral, comer carne representa implícita cumplicidade, com a qual alguém se faz, consciente ou inconscientemente, mandatário de um crime que não

cessa de ser tal pelo fato de não ser usualmente reconhecido: um crime contra a Vida que o Iniciado deve aprender a respeitar em todas suas manifestações indistintamente.

Tudo o que provém da morte e da dor deve ser evitado por quem aspira a progredir, sendo constantemente o progresso moral inseparável tanto do material como do espiritual.

Entretanto, não caem nesta delimitação aqueles produtos que não necessitam da morte e da dor do animal e que, de certa maneira, podem se considerar como se pertencessem à mesma categoria dos frutos dos vegetais, como o leite e o mel. Tanto uns como os outros não se obtêm violentando ou destruindo uma livre expressão da Vida Universal, senão, melhor dizendo, cooperando com eles por meio de seu cultivo, contribuindo a seu perfeito desenvolvimento e utilizando para fins superiores o que produzem e tendem a produzir em superabundância, com relação a sua primeira finalidade ordinária.

Como se vê, num e noutro caso a diferença é enorme e essencial. Ajudando e favorecendo a perfeita expressão da vida cooperamos com os planos do G:.A:.D:.U:. tirando daquela o que nos oferece em compensação, como material de construção de nossos Templos orgânicos.

Do ponto de vista espiritual, deve se notar que toda substância material pertence e tende à finalidade para a qual se formou como tal em sua constituição atual.

Por conseguinte, a carne, elaborada e construída pelas paixões que os animam, tende a fortalecer e fortalece efetivamente o animal no homem, afastando-o do controle e do domínio sobre seus instintos inferiores e obstaculizando a expressão de suas finalidades e ideais superiores.

Enquanto que nas frutas em geral, e das árvores em particular, reflete-se aquela mesma inclinação e aspiração superior que deve impulsionar o Maçom a sobrepor-se e levantar-se sobre a gravidade de seus instintos e tendências materiais, impulsionando igualmente as plantas a crescer verticalmente de baixo para cima e da Terra para o Céu.

Finalmente, nas frutas se acha presente o Princípio do Amor, assim como a Força Generativa na qual se concentram as potencialidades vitais da planta, junto com o esforço de dar-se e multiplicar-se, qualidades estas idênticas às que conduzem ao Magistério, no qual devem se aplicar as potencialidades da geração para a regeneração.

O TERCEIRO PONTO

O terceiro ponto, ou seja, como devemos comer para conseguir o melhor resultado útil dos mantimentos, não é menos importante que os precedentes.

Em duas palavras, podemos dizer que consiste simplesmente em não tragar nunca o alimento, mas sim em saboreá-lo e conservá-lo em nossa câmara bucal até que se ache completamente dissolvido pela saliva e tenha desaparecido por si mesmo.

Efetivamente, o tragar qualquer coisa (alimento ou bebida) deve ser considerado como um processo e um hábito anormal para o homem, cujo organismo, e especialmente o aparelho digestivo, estão constituídos de uma maneira particularmente refinada, com respeito aos dos animais, para as finalidades superiores a que se acham destinados. E apesar disto, alguns animais podem dar lições ao homem sobre a maneira de comer.

É, pois, dever, prerrogativa e privilégio do homem dominar e superar a natureza. Mas isto não se obtém indo em seu contrário, nem tampouco sujeitando-se passivamente aos instintos e hábitos animalescos, senão educando e guiando estes, para expressar um Ideal superior de perfeição.

Isto é o que devemos fazer aprendendo a comer de uma maneira digna de nossa humanidade e de nossas aspirações superiores, elaborando na forma mais assimilável os materiais que ingressam em nosso Templo orgânico para serem utilizados na Obra da Vida.

Deixando cada bocado de alimento no saguão de nosso aparelho digestivo até que seja inteiramente dissolvido ou emulsionado pela saliva (formando uma espécie de nata ligeira, sobre a qual podem exercer a ação perfeita, para a qual estão destinados outros sucos digestivos) realizamos como devemos nosso papel no processo da digestão, e podemos ter a segurança de que o inteiro processo será completo e perfeito.

A digestão bucal comporta, pois, uma tríplice ação mecânica, física e química, assim que o alimento, além de ser reduzido em partículas mínimas (ao ser comprimido entre a língua, os dentes e o paladar) deve dissolver-se e ser neutralizado ou alcalinizado pela saliva. E a perfeita ação do suco gástrico sobre o alimento assim preparado depende sobretudo desta neutralização ou alcalinização salivar.

Para comer assim se necessita um pouco mais de tempo, especialmente no princípio. Entretanto, este tempo não será mal empregado, em vista da perfeita digestão que assim se obtém. Quem objetasse que não dispõe de tal, pode-se-lhe responder que é muito melhor tratar de encontrar o tempo necessário para comer em perfeita paz e cuidadosamente, que sobrecarregar o estômago com material inadaptado para a perfeição da Obra que queremos que se cumpra em nosso organismo.

Comer em paz é a primeira condição para uma boa digestão bucal, assim como para a subseqüente digestão gástrica e intestinal. A condição interior (mental e espiritual) de perfeita tranqüilidade é o primeiro ponto e a base de todo o processo. Nunca, pois, tem-se que comer depressa, nem com impaciência ou num estado de irritação, preocupação e ansiedade: estas emoções são verdadeiros venenos com os quais se condimentam os alimentos, e não terá que se maravilhar se a má digestão e os maus humores que circulam em todo o organismo são conseqüência inesperada de uma causa tão simples. Efetivamente, está demonstrado que, sob a ação de emoções desta natureza, a saliva e demais sucos orgânicos se alteram até se transformarem em venenos: veja-se, pois, se é conveniente servir-se deles para nossa regeneração orgânica.

Em conclusão, é necessário comer "em paz e devagar", na consciência de que estamos escolhendo e preparando, do Armazém Universal da Natureza que nos proporciona isso, os materiais mais adaptados para a renovação de nosso organismo e a perfeição da Obra que se cumpre em nós, saboreando tranqüilamente cada bocado de alimento e deixando que se dissolva por completo pela ação harmonicamente combinada da língua, dos dentes e da saliva, sendo esta última a que faz o trabalho fundamental, do qual depende precipuamente a digestão.

MODERAÇÃO

A aplicação deste processo, tanto nas bebidas que tenham sabor como nos alimentos sólidos, é o melhor meio para evitar a intemperança: cessando de tragá-los se nos faz impossível tomar qualquer licor em quantidade que possa danificar nosso organismo, já que tal sistema repele o excesso naturalmente.

A temperança ou moderação nas bebidas é a irmã natural da sobriedade e frugalidade nos mantimentos, enquanto a intemperança (a falta daquela têmpera necessária a nossos metais para que nosso organismo seja um perfeito instrumento na Grande Obra da Construção Universal) sempre vai acompanhada da falta de sobriedade e frugalidade, que com estas desaparece de uma maneira natural e quase sem sacrifícios.

Não há necessidade de discutir longamente sobre os efeitos do álcool. Seu próprio nome árabe (igual ao da estrela Algol, que representa a Cabeça de Medusa, decepada por Perseu) quer dizer simplesmente "o demônio".

E que seja efetivamente um demônio ou maléfico espírito, quando se empossa do homem, é evidente e facilmente demonstrável por seus efeitos, que vão da bebedeira ao *delirium tremens* e à loucura, consignando-se nos descendentes sob a forma de paralisia e outras taras hereditárias.

Parece-nos suficiente dizer que, sendo um produto de desintegração, que se origina também em nosso organismo, entre os que se eliminam pela pele, têm, ao igual que a carne, uma tendência vibratória desagregadora, dissolvente e destruidora, secando nossos tecidos e destruindo as células nervosas, que gradualmente se acham substituídas por cartilagens.

Moralmente tende a eliminar a capacidade de pensar independentemente (já que estimula a imaginação e a ilusão) e de julgar serenamente, assim como debilita o sentido moral e a liberdade individual. Todos os tiranos e governos sabem que é mais fácil dominar e dirigir como escravos um povo de bebedores que um povo de abstêmios, e é igualmente sabido que em estado de embriaguez se lhe pode fazer aceitar qualquer sugestão e cumprir atos contra seu decoro e sentido moral. É muito notória a influência do álcool sobre os crimes para que haja necessidade de insistir nisso.

O trinômio sobriedade-frugalidade-moderação tem que formar, por conseguinte, a divisa de todo Mestre Maçom que queira ser digno de tal nome e estar constantemente à altura da sublimidade deste grau, que não cessa de ser tal pelo fato de que alguns ou muitos possam tornar-se indignos de ostentá-lo. Sem as três qualidades mencionadas o domínio dos instintos comprometido no sinal de Mestre não é mais que uma simples formalidade e um símbolo incompreendido, e de nada serviria procurar nos graus superiores aquela perfeição do processo de regeneração individual que tem neste trinômio a necessária base física, moral e espiritual.

Quem deseja ser mestre aprende a superar seus instintos e dominá-los governando-se com perfeita sabedoria: não há outro caminho para chegar a "ser mais que homem".

O USO DA PALAVRA

Os mestres têm que distinguir-se pelo uso da palavra, que demonstra a perfeição por eles alcançada ou que se esforçam constantemente em alcançar, mediante a retórica. Saber falar, expressando em palavras o Verbo da Vida, é verdadeiramente a característica do Magistério.

Não se necessita para isto ser orador, no sentido que se dá ordinariamente a este termo: existe, indiscutivelmente, também um Magistério da Oratória, que, como toda coisa, consegue-se por meio do esforço individual; entretanto, a palavra do Mestre se distingue da [palavra] do orador pelo fato fundamental de que enquanto este põe toda sua atenção em adornar, fazer convincente e agradável seu discurso breve,

preocupando-se muito mais da forma e da impressão que façam suas palavras que da substância, aquele concentra sua atenção nesta, que se esforça em expressar na forma mais simples e assimilável para seus ouvintes.

Mestre é, pois, quem se estabeleceu na Fonte da Vida por meio de um esforço constante no caminho da Verdade e da Virtude, e suas palavras, a um tempo simples e profundas, têm um sentido para os homens qualquer seja sua estado de evolução, progresso e desenvolvimento intelectual, porquanto sejam verdadeiras palavras de vida, expressões do Amor da Sabedoria e da Sabedoria do Amor que as origina.

Por conseguinte, o Mestre em toda a extensão da palavra não se preocupa em fazer longos discursos, exposições brilhantes e convincentes argumentações: verdadeiro filósofo, deixa estas coisas a quem sente prazer na vaidade exterior da forma, enquanto faz desta um molde plástico e puro da inspiração que caracteriza constantemente todas suas palavras, cujo fim é simplesmente a expressão do espírito que as anima.

A Palavra do Mestre é constantemente o espírito que vivifica: a palavra que desperta aos mortos, nas profundidades das tumbas que os encerra, e os ressuscita; a Palavra Taumatúrgica na qual vibram e se refletem o ardor da Fé, a firmeza da Esperança e a Força Onipotente do Amor.

Esta é a retórica na qual devem se exercitar os Mestres.

HARMONIA CONSTRUTORA

A aplicação da música à retórica faz com que a Palavra dos Mestres se ache constantemente animada por um espírito de harmonia construtora, que tem o poder de unir e sintetizar, num esforço comum, as tendências mais distintas.

Esta Palavra, interpretada como tolerância pormenorizada, e que revela um ardor sereno e pacífico, despojado de todo fanatismo e de toda Ambição, é, efetivamente, a única que pode cumprir o milagre da ressurreição dos Ideais e Aspirações mortos no íntimo de todo ser humano, sepultados pelas preocupações e a ignorância refletida nas considerações ordinárias da existência.

A Arte da Harmonia é, pois, a alma verdadeira da Arte da Construção: toda atividade construtora é obra e resultado de uma harmonia interior, que a dirige, cujas notas se expressam nas formas visíveis. E isto se aplica tanto ao mundo físico, como ao mundo moral e espiritual: tudo indistintamente é produto de vibrações que constróem quando são harmônicas, e destroem quando são inarmônicas.

Uma Loja existe e trabalha com real eficiência, na medida na qual seus Mestres sabem expressar e acordar harmonicamente seus Ideais numa perfeita sinfonia, na qual se conciliam as aspirações e os desejos de todos seus membros. O mesmo tem que ocorrer em todo Corpo Superior, em toda Grande Loja, Agrupamento ou Federação Maçônica.

A base do Governo Maçônico deve buscar-se precisamente nesta Arte da Harmonia, que sabe juntar e dirigir, para uma mesma finalidade construtora, indistintamente todos os esforços, as aspirações e as tendências.

A Vida mesma é, em sua expressão, uma Harmonia, e a Morte não é outra coisa a não ser a destruição dessa Harmonia, que constitui o elo entre as diferentes partes de cada individualidade.

O milagre de ORFEU, que com sua lira faz aproximar as árvores e as rochas, deter os rios em seu curso, apaziguar as tempestades e reunir a seus pés, amansadas, às mais temíveis feras, tem que ser profundamente meditado pelos Mestres: todos temos em nós um poder semelhante, quando fizermos vibrar em nosso coração a Lira da Harmonia, cujas notas inspiradas podem trocar por completo a atitude dos seres, das coisas e das circunstâncias exteriores.

A LEI DOS ASTROS

Entretanto, não pode haver uma perfeita harmonia desconhecendo a Lei Fundamental que deve dominá-la, a única que pode realizar o milagre que da mesma se espera. Por conseguinte, o conhecimento da Música deve completar-se e fazer-se fecundo com o da Astronomia, que nos ensina a Lei Suprema que regula e governa tudo.

A Lei de Gravitação da Astronomia, a Lei de Atração da Física e a Lei de Afinidade da Química, que governam respectivamente os astros, os corpos e os agrupamentos atômicos e moleculares, não são outra coisa senão aspectos exteriores de uma mesma Lei de Amor que domina soberana nos mundos moral, intelectual e espiritual.

O Amor tem que ser a nota chave de toda Harmonia Construtora, se quisermos que esta alcance a finalidade para a qual está dirigida: um Amor despojado de todo egoísmo e de toda ambição pessoal, que não tenha outro intento senão o Bem de outros e a perfeição da Obra: um Amor que resplandeça constantemente no esforço e desejo de dar, como um Sol brilhante em sua irradiação octonária, em todas as direções do espaço.

Por esta razão, para ser mestre, no sentido real da palavra, é preciso ter morto o egoísmo, origem de todos os males e misérias: ter levantado de sua tumba (que é a ilusão da personalidade) à Individualidade, morta pelos enganos e considerações materiais de seus inimigos: a Ignorância, o Fanatismo e a Ambição.

Morrer para as considerações e interesses pessoais, aprendendo a trabalhar unicamente em bem do mundo, na tarefa que particularmente nos seja atribuída: eis aqui a idéia diretiva e fundamental de todos os Mestres, que para ser tais têm que operar como os astros que nos dão continuamente sua luz, guiam-nos e nos iluminam, satisfeitos com isto, sem esperar tampouco nosso reconhecimento de seus benefícios.

Como dão os astros sua luz, assim cada Mestre deve fundamentar seu dever em dar instrução, simplesmente porque sua Lei é dá-la, assim como a Lei dos Astros é brilhar e iluminar: a instrução dos Mestres é, pois, aquela Luz simbólica que tem que receber-se em todas as Lojas Maçônicas.

O TRABALHO NOTURNO

Apesar de que muitos Rituais façam abrir (sem distinção para os três graus) os trabalhos ao meio dia, fechando-os à meia-noite, na realidade a idade maçônica implica constantemente uma hora diferente de trabalho e, enquanto a hora mais apropriada para abri-los no grau de Aprendiz é ao nascer do sol, ou seja, o Princípio da Luz, e o meio-dia (sua plenitude) para o de Companheiro, os trabalhos dos mestres têm que abrir-se mais propriamente ao pôr-do-sol, que simboliza a Morte de Hiram, como a hora mais

adequada para revisar e aperfeiçoar os trabalhos que se fizeram, enquanto outros descansam.

Esta hora simbólica tem também referência com o grau de domínio de si mesmo que se deve alcançar: enquanto a manhã corresponde à primeira expressão da atividade, sobre a qual o Aprendiz tem que exercer seu controle, o meio-dia e a tarde têm relação com as regiões da mente iluminadas pelo Sol da consciência individual -a Estrela Flamígera- e analogamente a noite simboliza a região obscura da mente subconsciente e dos instintos, sobre a qual o Mestre tem que estender sua vigilância.

Vigiar enquanto outros dormem na inconsciência e na ignorância: eis aqui a tarefa superior dos Mestres. Vigiar para se acautelar quanto aos crimes que de outra maneira se abateriam sobre os homens pela malícia de seus maus companheiros: os enganos, as paixões e os instintos. Acautelar-se quanto à Ignorância pela instrução, ao Fanatismo pela compreensão e a benevolência, à Ambição pelo amor e a bondade.

O Reino da Luz deve, pois, preparar-se e ser buscado na quietude e na escuridão: a Luz deve ser encontrada dentro, para que possa derramar-se e expandir-se livremente fora. Ninguém pode chamar-se Mestre enquanto não tenha aprendido a procurar individualmente esta luz no trabalho noturno e solitário de sua própria consciência, em atitude meditativa.

A noite da consciência é a hora mais apropriada para vencer a Ilusão que se aproveita da falta de vigilância dos homens para dominá-los, assim como a obscuridade é a condição mais apropriada e oportuna para a manifestação da Luz.

Enfim, o trabalho noturno dos Mestres se refere simbolicamente à região subconsciente da mente, à qual especialmente os MM:. devem esforçar-se em dominar: à repetição e afirmação silenciosa da Verdade, assim como à contemplação incessante dos mais altos Ideais, para que estes se expressem interiormente e se manifestem exteriormente.